

# LUZAMBA

## 30 ANOS - UMA HISTÓRIA CONTADA POR QUEM A VIVEU

**“O avião foi o símbolo de Luzamba: chegamos neles, retornávamos para as nossas casas neles, traziam a nossa comida, transportavam os “nossos” diamantes, sequestramos um deles, rezamos por eles e choramos dentro deles. Foram “fiéis” e sempre foram o objeto do “desejo”.”**





# **LUZAMBA**



**30 ANOS - UMA HISTÓRIA  
CONTADA POR QUEM A VIVEU**



**Imagine se não houvesse a interrupção de Setembro de 1992.**

**Imagine se as nossas fortes relações continuariam;**

**Imagine se a cumplicidade ainda nos integraria mais;**

**Imagine se existiria uma sinergia ainda maior;**

**Imagine se mesmo diferentes falaríamos uma mesma língua;**

**Imagine se continuaríamos ter a vontade de enfrentar e  
vencer desafios;**

**Imaginem se estaríamos nos expressando no dialeto Quioco.**

**Agora abra os olhos e tenham as certezas:**

- **Fomos muito bons;**
- **Focamos e vencemos;**
- **Ficamos tristes e fomos felizes;**
- **Fechamos um ciclo da vida; e,**
- **Ficamos 30 anos mais velhos.**

**Outra coisa é também certa:**

**“Quando o mar está calmo.... qualquer barco navega bem”**

**O nosso mar sempre foi revolto, mas nós chegamos lá!!!!**





# **SUMÁRIO**

<b>8</b>	<b>Antes do Começo</b>
<b>12</b>	<b>O Início da Nossa História</b>
<b>15</b>	<b>Angola no Início dos Anos 90</b>
<b>33</b>	<b>Expostos aos Factos</b>
<b>59</b>	<b>Bebendo as Águas do Bengo</b>
<b>73</b>	<b>A Implantação</b>
<b>89</b>	<b>Trabalhando e Aprendendo a Viver</b>
<b>103</b>	<b>A Interrupção</b>
<b>147</b>	<b>Depois de Tudo</b>





# Antes do Começo

No segundo semestre de 1990 iniciamos o estudo da proposta de exploração de diamantes em Angola.

A Odebrecht já estava em Angola há cinco anos por conta da construção da Usina Hidroelétrica de Capanda.

Com a perspectiva da pacificação do País no médio prazo, a empresa entendeu ser a hora de buscar diversificação de negócios em Angola.

Conquistar um Contrato na área da mineração de diamantes apareceu como uma opção natural. O negócio poderia ser auto sustentável e não dependente do combalido orçamento do País extremamente comprometido com o esforço de guerra.

E fomos atrás do negócio da exploração de diamantes.

Sem tradição e experiência na área porém com um amplo e diversificado “curriculum” de grandes Projetos e muita capacidade de organização e mobilização de recursos, a Odebrecht poderia apresentar-se como um “player” habilitado para enfrentar o desafio.

E Luzamba, desde o seu início, desde a fase de conquista foi um grande desafio. Primeiro convencemos o cliente Endiama.



Claro havia grande desconfiança.

Seguindo em frente estudamos o assunto, buscamos consultorias especializadas e montamos o time para a Conquista do Contrato.

O cartel dos diamantes representado pela De Beers, havia disponibilizado para o Governo Angolano uma quantia de 50 milhões de dólares para o desenvolvimento da exploração mineira na área do Rio Cuango, na Lunda Norte.

Montamos nossa base no escritório da Odebrecht na 4 de Fevereiro em Luanda.

Levamos para Salvador geólogos e engenheiros de minas da Endiama, juntamos consultores especializados, montamos a equipe do estudo da proposta e durante quase quatro meses nos debruçamos sobre o tema e finalizamos o Projeto de Viabilidade Técnica e Econômica do PROJECTO LUZAMBA.



O histórico da exploração no Cuango sempre indicou boas perspectivas da obtenção de diamantes em quantidade e de qualidade.

Nossa grande preocupação era o fluxo de caixa da operação durante os primeiros anos.

Dependeríamos de financiamentos para prosseguir com a operação. A própria situação política militar do País era um risco para investidores e financiadores.

Tínhamos confiança no Estudo de Viabilidade Técnica e Económica (EVTE) realizado por nós, com as informações de técnicos especializados da Endiama e avaliados por consultores independentes.

Além dos primeiros 50 milhões de dólares garantidos pela De Beers, outras fontes de financiamentos seriam necessárias.

Mais alguns meses de negociação e concluímos com o Cliente a assinatura do Contrato.

Isso foi em Junho de 1991.

O Projecto Luzamba havia nascido!

... e fomos em frente.





# O Início da Nossa História

*Foi num saábado Dr. Delmar, foi num saábado....* assim o nosso querido Raimundo Nonato iniciou a sua mensagem falada para o nosso Grupo de Whatsapp. Criado pelo Joaquim Costa e empurrado pelo Naim, “viralizou” entre os companheiros do Projecto Luzamba.

A estória do Nonato, assim como relatos e narrativas de muitos outros companheiros estão registradas neste Livro, um livro que é um verdadeiro passeio de nossas memórias, resgate de fatos, imagens e situações reais vividas há quase 30 anos atrás.

Trinta anos depois aqui estamos recordando, com a emoção das palavras, com textos que refletem a dramaticidade a nós imposta, com a alegria das recordações e com todo nosso saudosismo, eventos, fatos e acontecimentos do nosso histórico “acaso”.

Luzamba foi um acaso que vivemos!

Neste livro recheado de fotos e de relatos -histórias reais- procurou-se um ordenamento temporal dos acontecimentos; desde os “sofridos e divertidos” primeiros momentos da chegada, ambientação e muito trabalho até o seu final “dramático e, paradoxalmente feliz”; a felicidade da distensão coletiva e do retorno são e salvos para casa.

Um livro de muitos autores, “escrito” por todos aqueles que viveram momentos únicos e raros da existência.

Contrariando o Nonato registre se, que num sábado (24 de outubro de 1992) começou o início do fim do Projecto Luzamba construído com o trabalho árduo, no desconforto e no ambiente dos riscos da Angola dos anos noventa, com a inteligência e profissionalismo de inúmeros “trecheiros”, muitos tarimbados e outros ainda “trecheiros” de “primeira viagem”.

Para todos um novo Capítulo da Vida, pleno de significados e de muitas estórias ao longo dos vários meses da implantação e desenvolvimento do Projecto.

Tudo ia bem com o Projecto que caminhava para sua quase plenitude, porém os eventos políticos do segundo semestre de 1992 e a mudança do cenário militar no País e na Lunda Norte, viriam para causar desassossego a todos; viriam para encerrar de forma dramática o Projecto Luzamba.

A rapidez e as circunstâncias dos acontecimentos tornaram os eventos do final de outubro e início de novembro de 1992 inesquecíveis para todos. Estivemos presentes e pudemos testemunhar a História vivida.

É atribuído a Goethe a frase “*a ousadia tem gênio, poder e magia*”.

Podemos afirmar para nós mesmos, “não decepcionamos o Goethe”, pois!!!!

Eis o esperado livro... para Recordar, Guardar, Ler, Ver e Sentir.

A história é um compromisso do presente na busca da construção do futuro. O futuro não é uma realidade cega; mas, ao revés, está entregue à nossa capacidade de construí-lo.

Os homens nunca teriam alcançado o possível, se jamais houvessem tentado o impossível.

**Marco Maciel.**

Convicto do nosso enquadramento nesta filosofia, montar um grupo desse hoje seria repetir a vontade de Deus pois temos a certeza de que não somos capazes de retroceder o mundo. Mas que foi bom para todos nós, miúdos, a isso foi!!

**Delmar Siqueira**



# Angola no início dos anos 90

*Atenção Senhores passageiros, retornem aos seus assentos, apertem os cintos.... estamos nos aproximando do Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro de Luanda. Pousaremos em 10 minutos...*

O anúncio do Comandante da VARIG acendia na mente dos “trecheiros” antigos e novos, a saudade de casa, dos familiares e dos amigos deixados no Brasil.



As manobras da aeronave permitiam vistas aéreas de Luanda; o Porto, o Bairro do Miramar, o alinhamento de prédios na Av. 4 de Fevereiro (data comemorativa da independência de Angola), do outro lado a Ilha de Luanda, à esquerda o conjunto de prédios brancos denominados “Cubanos” e abaixo o formigueiro humano do ‘Mercado do Roque Santeiro’. O mercado teria como nome oficial de Mercado Popular da Boa Vistas, mas com o enorme sucesso da novela de TV brasileira exibida em meados dos anos 80, o mercado mudou de nome, virou o maior mercado a céu aberto da África. E se via o caótico do avião.



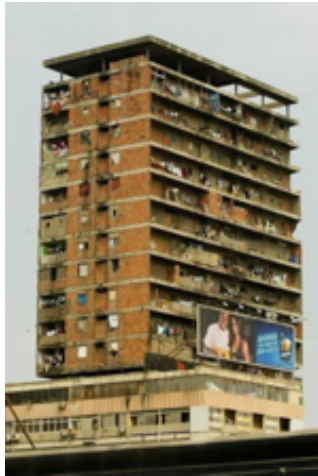
Chegávamos ou retornávamos a uma Angola que apenas recentemente, deixaria para trás um longo período de hostilidades entre os dois principais grupos políticos, o MPLA e a Unita.



Neste mesmo ano, em maio de 1991, os líderes destes Partidos haviam assinado, em Portugal, um Tratado de Paz, o Acordo de Bicesse. Ouviríamos muito na Rádio Nacional de Angola e Televisão Pública de Angola (RTPA) os comentaristas locais citando a Cimeira de Bicesse.

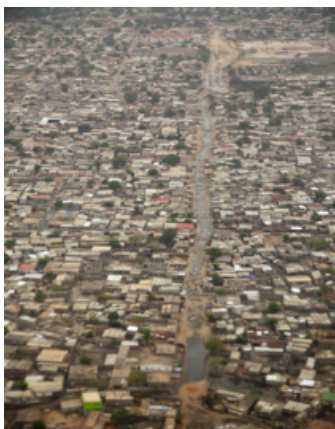


A longa guerra destruiu quase que totalmente a infraestrutura básica do País; estradas inviáveis, ruas esburacadas, energia elétrica intermitente; as poucas redes de água e de esgoto sem manutenção e inoperantes.



A capital Luanda foi a única cidade angolana a não ter tido até então combates em suas ruas. O exército sul-africano apoiando a Unita chegou a 80 km ao sul da cidade, mas com o apoio das tropas cubanas, foi derrotado e um tanque sul africano passou a ser monumento na Praça do Kinaxixi.





Para sustentar a guerra, as riquezas do país eram consumidas em armamentos, resultando em uma população muito empobrecida.

Vimos a imensidão dos “musseques” e sentimos o choque com a pobreza do povo angolano.

Na oportunidade a economia nacional dependia quase que exclusivamente da exploração do petróleo das ricas Províncias do Zaire e do enclave de Cabinda. As receitas auferidas com a exploração dos diamantes das Lundas, e especialmente a Lunda Norte, representavam aproximadamente 10% do orçamento nacional.

Quinze anos antes, em 1975, após um longo período de luta, Angola finalmente obtinha o estatuto de Estado Independente. O Brasil foi o primeiro País a reconhecer Angola como uma nova nação.

Antes desta data, desde a independência do Congo Belga em 1960, três grupos de oposição ao regime colonial guerrearam contra os colonizadores portugueses. - FLNA, MPLA e UNITA.

Diferenças étnicas entre os postulantes ao Poder e a influência de potências estrangeiras enveredaram Angola para a continuidade dos conflitos, não mais contra o poder colonial, agora entre os próprios angolanos. Lutaram entre si, por mais outros 25 anos de guerra civil.

A chegada dos expatriados brasileiros acontecia em um lapso de tempo pós Bicesse, portanto “pacífico”; entendido como um período sem o conflito aberto e declarado entre o Governo (MPLA) e a oposição (UNITA).

Similarmente à grande maioria dos Países africanos, também em Angola a presença dos grupos étnicos, vários no espaço territorial angolano, ditava o contexto sócio político do País.



Os tchokwes eram maioria nas Lundas ( 10% da população), no Nordeste do País. Ao Norte viviam os Bacongos (15% da população), no centro/litoral, Malanje e região de Luanda dominavam os Quimbundos (aproximadamente 20%), no planalto central no Bié, Huambo e Benguela, o grupo mais numeroso entre todos, os Ovinbundos (quase 40%) e mais ao sul, junto ao vale do Rio Cunene, os Humbes/Herreros/Nganguelas e pequeno povo Cuanhama (outros 5%) e finalmente a Leste no Moxico e Cuango Cubango os Nganguelas (outros 10%).

Estas eram as principais etnias; de maior expressão numérica e territorial: Tchokwes, Bacongos, Cuanhamas, Nganguelas, Quimbundos e Ovinbundos



Tchokwes



Bacongos



Cuanhamas



Nganguelas



Quimbundo



Ovinbundos



É interessante notar que a distribuição territorial dos diferentes grupos não corresponde às divisas geográficas das Províncias; estas foram formatadas pelo poder colonizados ao longo de 3 séculos.

Em Angola esta situação era vivida pelo povo Tchokwe e pelos Bacongos e Nanguelas cujos territórios etnográficos “invadiam” a República Democrática do Congo. O mesmo acontecia ao sul com povo Humbes/ Herreros (Conhames) que espriavam também para o território da Namíbia.

Uma curiosidade relevante está no mapa ao lado, que mostra a distribuição das diversas povoações que habitavam a África antes das diversas colonizações.

Havia um processo de Paz em andamento, acompanhado e observado por uma delegação das Nações Unidas; na prática tudo estava por fazer, grandes rancores a serem dissipados, unificação das forças armadas (criação das FAA's) e muitas negociações entre o Governo e a Unita. As eleições gerais, supervisionadas por agentes e tropas da Força de Paz das Nações Unidas, foram marcadas e ocorreriam em 30 de setembro de 1992.

Na prática vira e mexe “pipocavam porradas” no interior de Angola, levando a um risco muito alto para o trânsito terrestre entre as diversas Províncias.

Viajar por terra à Lunda Norte, a “nossa” Província, era arriscado, muito arriscado, demandando no mínimo um comboio com uma boa escolta militar para inibir a cobiça de grupos armados. Tudo muito difícil e arriscado, custos altíssimos para suprimento de bens, equipamentos, materiais e alimentos.





Na altura o País tinha uma população ao redor de 8 milhões de pessoas; Luanda, a capital, “acolhia” mais de 2 milhões destes; um crescimento populacional explosivo, outro flagelo imposto pela guerra que afastara as populações das zonas do interior para buscar abrigo nas maiores cidades angolanas, Luanda, Benguela, Huambo... Buscavam a “proteção” e oportunidade da cidade grande. Na verdade, poucas escolhas tinham.

A economia nacional dependia quase que exclusivamente da exploração do petróleo das ricas Províncias do Zaire e do enclave de Cabinda, com presença de grandes empresas estrangeiras, sob a batuta da poderosa Sonangol.

As receitas auferidas com a exploração dos diamantes das Lundas, e especialmente a Lunda Norte, representavam aproximadamente 10% do orçamento nacional, com exploração coordenada e executada pela Endiama, sem a presença de grandes grupos no processo de produção.

Apesar de todos os problemas, movidos pela euforia de viverem, finalmente a Paz, encontramos os angolanos alegres e esperançosos por dias melhores.

Movidos pela necessidade e/ou por dever profissional nós “trecheiros” expatriados pouco tempo tínhamos para pensamentos desalinhados: “o que estou fazendo aqui”?



### **Perereca**

Um caso que todos gostam que eu conte e quando eu cheguei na África logo nos primeiros dias, logo que cheguei em Angola numa segunda ou terça-feira e fiquei hospedado em um hotel em Viana. Na quarta-feira fui para o escritório e o pessoal, para almoçar, pegavam a condução até o acampamento de Viana onde ficava a manutenção, hospital, almoxarifado e eu fiquei sozinho pois não quis ir almoçar pq estava ainda no fuso horário do Brasil. Fiquei fazendo hora lá dentro e quando eu saí eu não vi ninguém, nem os militares que faziam a segurança.. não vi ninguém... Aí eu fiquei procurando e fui na secretaria na entrada onde tinha um rádio e fiquei sentado lá... daí um pouquinho eu ouvi chamando “Rainha Ginga sapo chamando”... eu fiquei quieto mas continuaram “Rainha Ginga sapo chamando”... continuei quieto pois não sabia o que fazer... na terceira vez chamou de novo “Rainha Ginga sapo chamando”... Aí eu peguei o rádio e falei “Sapo, Perereca na escuta” então ele falou “Você está desrespeitando a autoridade de Angola !!! Você não pode fazer isso!!! Você vai ser expulso da Odebrecht pois você está me maltratando”... ficou me xingando todo... eu pensei: que azar... todo mundo na hora do almoço, nenhum brasileiro por perto... Aí eu fiquei escondido atrás de uma barra de um dos prédios onde eu conseguia ver se chegava alguém no escritório. Para minha sorte logo depois chegou o Alexandre Rocha e então eu contei a história para ele e ele disse que o Sapo era bravo e que era melhor voltar para Viana... esperei uma pessoa que podia me levar... no caminho, falei com o cara que estava me levando que foi muito azar, todo mundo querendo vir para Angola e eu fiz isso logo nos primeiros dias... fiquei lá em Viana por cerca de 1 ou 2 meses... Mas depois dessa briga, dessa história eu fiquei conhecendo ele muito, ficamos juntos na Vila da Polícia... ele ia muito lá pra casa quando a Toninha foi ficar na vila, na casa perto da piscina e ficava conversando às vezes o dia todo, jogava futebol com o time da polícia... ficou um grande amigo meu. Essa história do Sapo ficou famosa com todo mundo da Odebrecht....

Ainda zonzos e com sono, éramos embarcados em pequenas aeronaves - os Skyvans e Cessnas Caravans da Sociedade de Aviação Ligeira (empresa aérea controlada pelo nosso Cliente Endiama) com destino ao Cafunfo na Lunda Norte, no coração das terras dos Tchokwes. Luzamba encontrava-se um pouco mais além rio acima – 45 km – depois do Cafunfo.

Voar com o Skyvans e Caravans na região exigia a destreza e experiência dos pilotos. Voavam VFR (“visual flight rules”), sem apoio eletrônico de solo; simplesmente o piloto marcava o rumo e lá pelas tantas, decorridos um determinado tempo de voo, baixava de altitude para encontrar o aeroporto de destino

no Cafunfo, tendo como referência o Rio Cuango. Em épocas de cacimbo, com névoa seca e baixa, a vida dos pilotos complicava, era um tal de olhar pelas janelas para encontrar brechas nas nuvens e ver o rio; por perto estaria o Cafunfo.

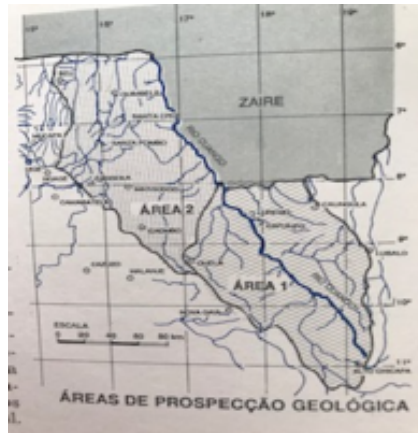
Episódios da aeronave necessitar retornar para Luanda em decorrência da falta de visibilidade ou mesmo a impossibilidade de “encontrar” o Cafunfo não eram raros nestas épocas. Não raro também o “auxílio” dos passageiros na busca de “brechas” na névoa.

Certa feita em um voo com o Cessna Caravan da Aviação Ligeira o piloto decidiu retornar a Luanda e a bordo o nosso Diretor John Oglesby, experiente na área e expert em mineração, indicou ao piloto onde estaria o Cafunfo. Conseguindo ver o Rio Cuango e a turbidez da água a partir de um ponto e sabedor de exploração mineira da RST no local, sabia que o Cafunfo estaria a uns 10 Km a montante do rio e no caso o piloto deveria dirigir para a direita.

### “ Paulo Ramos

Eu tinha ido à Joanesburgo, em minha folga. Minha família estava lá. Em uma determinada viagem, meu vou de volta atrasou e, quando eu cheguei em Luanda, fui avisado que o bimotor que me levaria a Luzamba, já tinha decolado, porque os outros passageiros, não puderam me esperar. Me disseram também, que, à tarde, estaria saindo um cargueiro e que, se eu não me incomodasse, eu poderia viajar nele. Este cargueiro tinha passado uma semana inteira parado com problemas técnicos, e as cargas acumularam. Pela demanda urgente de alguns suprimentos, foi necessário que se colocasse uma sobrecarga, dentro dos limites de segurança, é claro. Eu não tinha esta informação e, talvez, nem precisasse tê-la. O piloto, o co-piloto e um mecânico, tomaram seus postos e, posteriormente, um inglês que teria vindo para cozinhar para os outros ingleses, e eu, subimos e nos sentamos num banco lá atrás, naquela imensa cabine. Era um avião pesadão com quatro hélices. Eu não entendo absolutamente nada de aviação e, tampouco, tenho vontade de aprender. Tenho muitíssimas horas de voo, já passei alguns sufocos, mas, confesso, que não gosto e nunca perdi o medo. O avião percorreu toda a pista e, quando ela estava pertinho de acabar, decolou. A tensão me fez acender o primeiro cigarro, carlton, que eu tinha encomendado do Brasil. O inglês, gente boa, que estava ao meu lado, acendeu um cigarro malboro e ficamos os dois, fingindo tranquilidade. Com uns vinte minutos de voo, percebemos que alguma coisa estava errada. O piloto, o copilo e o mecânico, olhavam os aparelhos, iam na janela, voltavam e discutiam. Eu tentava captar alguma informação, mas não conseguia. O meu companheiro inglês, se levantou, foi até a janela, olhou, empalideceu e voltou falando: “Stopped! One machine stopped”. E, puxando um pouco meu braço me disse: “go, go. Look at that”. Eu travei, tudo: Perna, braço, raciocínio e tudo mais que se possa imaginar. Não havia nenhuma possibilidade de ir a lugar algum. Acendemos mais um cigarro, na maior angústia do mundo, quando o inglês voltou a falar: “we are coming back”. Eu fiquei até um pouco mais tranquilo. Afinal, em mais vinte minutos, estaríamos pousando. Qual nada. Eu já estava no terceiro ou quarto cigarro, e a pista de pouso não chegava. Eu percebi que estávamos girando em círculos, sobre o mar. E eu tinha razão. Eles decidiram descarregar o máximo de combustível

possível, para evitar um incêndio, caso houvesse um choque na aterrissagem e também, para aliviar a sobrecarga, talvez. Com um pouco mais de tempo, a torre autorizou o pouso e lá fomos nós. Eu, estava tranquilo porque, pra mim, o pior já havia passado. O avião encabeçou na pista e pousou com algum desequilíbrio, que eu agarrado no braço da cadeira, com toda minha força, não consegui me firmar. Assim que o avião parou, e que os outros três motores foram desligados, o piloto, o copiloto e o mecânico, eufóricos, se abraçaram, gritavam e até cantaram na maior alegria de suas vidas. Só então, eu pude perceber, que o risco que corriamos era de veras, imenso. E assim, foi o meu primeiro voo, em um cargueiro. O segundo, foi na fuga. Eu não sei qual dos dois foi melhor.



O Projecto Luzamba conquistado, teria o objetivo contratual de explorar diamantes na região de Rio Cuango com epicentro em antigo vilarejo denominado Vila de Luzamba. A concessão era de 105.000 km<sup>2</sup>, que correspondia a uma área superior à de Portugal.

## “ Naim

O processo de conquista do Projeto lá na sua origem (1990), passou por diversos obstáculos e o que descrevo a seguir certamente foi um deles e a vitória é que foi o relevante nesta “história”. Pode parecer algo sem muito sentido para nossa realidade, mas garanto que foi muito importante. No mercado de mineração a importância da Odebrecht era praticamente nula. Somado a este fato, Delmar e eu não tínhamos qualquer cultura deste mercado. Era fundamental chegarmos até o Presidente da Endiama, para que conhecesse a Empresa e pudéssemos fortalecer a relação com ele. Ser atendido no escritório da Presidência da Endiama era algo complicado. Era preciso passar pela secretária do Presidente. Aparentemente ela não gostava de nós. Cheguei a ficar por mais de três horas aguardando ser atendido e, quando conseguia falar com o Presidente, ele me dizia que não sabia que eu estava a espera dele. A secretaria não teria dito a ele (não sei se aconteceu mesmo assim). Bem diante desta dificuldade, a conclusão era que a principal conquista naquele momento não era o Presidente e sim a Secretária. Conversamos

muito sobre as formas de conseguir estabelecer uma relação menos formal com ela, mas nossas estratégias não tinham sucesso. Ela não mudava a cara feia quando nos atendia. Perdíamos muito tempo quando precisávamos contatar o Presidente. Naquela época não existiam celulares e o sistema de comunicação por telefone em Angola era totalmente ineficaz. O contato precisava ser pessoal.

Inúmeras foram as vezes que fui a Endiama para buscar um encontro com o “chefe”, mas na verdade o que buscava era encontrar formas de desbloquear a resistência dela a nós. Um dia e depois destas inúmeras tentativas, consegui que ela desse um sorriso. Conversasse comigo e permitisse que falássemos de questões menos formais. Foi um marco. Saí de lá e fui direto para o escritório. Interrompi uma reunião que Delmar estava tendo e dei a informação da conquista. Como tratava-se de um marco, partimos para comemorar. Naquela época, o Chivas era a forma automática de comemorarmos. Brindamos bastante aquela conquista. Ela hoje é uma amiga e temos uma relação saudável. Ela já não é mais secretária do Presidente, mas sim da Direção de um Projeto mineiro.

Em Luanda a carência de infraestrutura hoteleira obrigava o espalhamento dos recém chegados para diferentes pontos da cidade; uma luta para os companheiros da área administrativa que tinham que dar os seus “pulos”... muitos pulos.

Saindo do Aeroporto, quando não embarcados diretamente para o Cafunfo, íamos para uma “cama” ou quarto dos nossos “acampamentos” no Hotel Panorama (Ilha de Luanda), Hotel Costa do Sol (Futungo de Belas), Estaleiro de Viana (em Viana), Estaleiro da Hidroportos (Ilha de Luanda) e para Vila do Gamek (complexo criado pela Odebrecht para apoiar a implantação da Barragem de Capanda, iniciada uns cinco anos antes.

### “ Arabela

Vilarinho, jamais esquecerei da sua amabilidade em ceder seu quarto no hotel Miramar para eu me hospedar todas as vezes que viajava para Luzamba, até surgir uma vaga para mim no hotel.

Próximo à Vila do GAMEK, a toque de caixa, adaptou-se um conjunto de 8 contentores residências importadas para criar mais espaços de alojamentos. Vieram com os tetos pintados na cor rosa. “Neguinho” olhou e não perdoou, nascia aí a Vila da Xuxa.



Depois a responsável pelo projeto da implantação, a Enga Sônia Cahu decidiu repintá-los para uma cor azul claro. Mais a Vila continuaria a ser da XUXA.



A informalidade dos novos camaradas cooperantes de início contrastou com o angolano formatado pelo colonizador mais formal, contido e seguidor de uma disciplina hierárquica mais rígida.

O camarada cooperante que habitou nos primeiros tempos o Hotel Panorama na Ilha de Luanda, há de lembrar-se do cerimonial para adentrar ao restaurante; horário marcado, esperar a ementa, aguardar o maitre tomar o pedido, solicitar bebida para outro funcionário (o maitre apenas anotava e não servia), aguardar e aguardar e ao final satisfazer-se com as opções: carne ou peixe.

Por certo há de lembrar-se também que em pouco tempo fizeram amizades com a Equipa do Hotel, cooptados fechavam os olhos para os “arrastões” que promoviam na Ilha. “Dominaram” tudo!



**Oscar +**

Quando seguimos todas as regras, perdemos toda a diversão!





O Panorama perderia a sisudez e a Equipa ganharia muitos motivos e fatos para divertir-se. Venceu o jeitinho dos camaradas cooperantes.

No Costa do Sol, outro abrigo de vários cooperantes o cenário era de maior “nobreza”, afora alguns “porres” tudo resumia-se em um comportamento mais exemplar.



“ **Anônima**

Vocês se lembram quando um colega tomou um porre e dormiu na cadeira? As companheiras maquiaram o gajo. Quando acordou xingou todo mundo! Lembram se? Alguém tem a foto?

Fora dos hotéis praticamente inexistiam opções para alimentação, nada de restaurantes de rua. Uma rara opção era o restaurante da ESTA, próximo ao escritório da Odebrecht na 4 de Fevereiro (uma rua por detrás). Boa ementa de pratos e vinhos portugueses. A 100 dólares americanos por refeição, fora os extras; era para poucos e, na verdade, lugar para as “pessoas jurídicas” portanto muito distante do “coletivo de camaradas cooperantes.”

“ **Cariello**

*Minhas Camas*

A frase não ter exclusividade, só prioridade, se aplicava a muitas coisas no Luzamba. Inclusive a cama. A sua cama só era sua, se estivesse em cima dela. Alguns diziam que nem assim, e tinham que dividir a cama com outra pessoa. Mas cada um que conte a sua estória. Minha primeira cama ao chegar em Luanda foi no Hotel Costa do Sol. O companheiro de quarto era o Gerson da telecom. Quando ele chegou de noite, nos apresentamos. Disse que tinham me colocado o ali. Ele falou que era assim mesmo. O quarto era



dele, mas a outra cama tinha alta rotatividade. Cheguei junto com Alexandre Moreira e Genésio Couto. Genésio era da sede e fazia parte da estratégia de implementar PA, integrar as equipes multinacionais, e criar melhores condições para todos. Tudo isso parte do PA de A. Moreira. Mas essa estória é dele para detalhar melhor. Ficamos uns 3 dias em Luanda até conseguir vaga em voo para ir para Luzamba. Foi quando conheci Sonia Cahu. Ela já conhecia os outros 2 companheiros de viagem. E neste momento descobri o seu dom de guia de turismo. Em seu carro nos mostrou Luanda: a ilha, o forte, o km 14, Futungo, o Miramar, a vila do Gamek e a vila da Xuxa que ela ainda estava finalizando. Muitos anos depois, conheci outras cidades do mundo com Sonia, sem nunca esquecer essa primeira impressão Africana. A segunda cama foi na casa dos ingleses. O King-air pousou na Cafunfo. Fomos recebidos pela equipe do Cafunfo. Não lembro mais o nome do apoio. Tinha um micro-ônibus e uma Toyota cabine dupla. As malas foram no ônibus e nós na Toyota. Depois descobri ser um privilégio. A estrada era esburacada e demorou uns 40 minutos. Chegando na vila residencial. Uma área cercada de concertina, com 3 de base e 3 de altura. Só as cabras passavam pela navalha cortante do arame. E os miúdos. Como passavam era um mistério. Ao passar o portão da segurança, uma pracinha com um poste com 3 lâmpadas. Não era uma praça, mas um divisor de trânsito, bifurcando para a direita, uma área de estacionamento e uma rua que seguia semi circular. Nesta rua estavam as casas da vila residencial do tempo da Diamang. Para a direita umas 3 ou 4 casas. As duas que estavam reformadas a direita eram as casas das mulheres. Para a esquerda mais umas 10 ou 12 casas. Uma destas era um refeitório, atrás tinha o supermercado, e uma cozinha. Mais atrás ainda, a lavanderia. Do outro lado da rua, uma construção grande, com varanda: a Guest House. Estava recém reformado, com cozinha, área de frios, refeitório, salão de jogos, sala de televisão e os quartos dos gerentes, chefes de setor e mais antigos. Além de ter quartos de trânsito mesmo, tipo hotel.

No terreno em frente as casas menores, havia uma rua de trailers. Mais atrás já tinham os alojamentos de container metálicos. No final da rua de trailers, um container banheiro. E mais alojamentos ficavam mais abaixo da estrada, que se chegava depois de passar uma casa pré-moldada de madeira – o centro recreativo/cinema e o gerador-turbina do Arede. Nem todas as casas eram de nosso uso. Algumas estavam ocupadas por antigos funcionários do Endiama e que somente poderiam ser realocados, após Djean construir casas novas. A pressão era grande, mas não havia como fazer casas, e lavaria, e segurança e sorting house tudo ao mesmo tempo. Quase em frente ao container banheiro do outro lado da rua era a casa dos ingleses. Perereca me levou ali. Na porta ficavam as botas. Muitas botas. Era ordem de Barbara, esposa de John O’Glesby. Tinha uma cama de alguém que lá não estava. Fui tomar banho para o jantar na Guest House. O banheiro era escuro, e o box do chuveiro estava com água empoçada até o tornozelo. Entrei assim mesmo de sandália de borracha e achei o ralo. Dei umas pisadas fortes no ralo e a água começou a descer. Esses ingleses são porcos mesmo, nem para desentupir o barro que fica depois do banho, pensei eu. Ao voltar ao quarto a noite, a casa estava cheia. Depois de apresentações mútuas, um disse: So you’re the one sleeping with me. Not for long, respondi a Brian. Minha terceira cama, aconteceu três dias depois, quando Perereca me falou que iria para um trailer, junto com Alexandre Moreira. Um luxo, achei. O banheiro não funcionava e teria que usar o container coletivo. No meio da noite, esfriou. E vesti a calça de moletom, a calça jeans e mais a outra calça jeans, uma sobre a outra, e também, o suéter e o casaco

e me cobri com o cobertor fino que me tinham dado. E ainda me enrolei com a toalha de banho. E descobri ser o trailer é uma estrutura pecilotérmica. De dia era um calor insuportável e à noite uma geladeira. Não estava preparado para esta. Consegui uns outros cobertores três dias depois e atinge o conforto! Alexandre Moreira foi transferido para a Guest house. A segunda cama do trailer virou de alta rotatividade, até chegar Cleusdet, o novo chefe de setor de serviços gerais, quem finalmente convenceu Pipa arrumar o banheiro. Minha próxima cama foi em Luanda. A missão era conhecer. Augusto informou que tinha vaga na Xuxa do Pettená. Fui a noite depois de jantar no Miramar com Sergio Nascimento, o responsável por pessoal de Luanda. Apontou com o dedo e falou é aquela lá. Chegando perto, em volume alto tocava uma opera, com o tempo não lembro mais se Wagner, Verdi ou Mozart. Pettená estava na salinha, e apontou para o quartinho. Seria uma noite só. No dia seguinte fui a Capanda e ao voltar, dormi nos containers da Vila da Xuxa. Minha quarta cama. Naim ficava entre Luzamba e Luanda. Mais em Luanda. O quarto dele na Guest House tinha duas camas. Dinah já a responsável pela Guest House, me levou no quarto de Naim e falou: Naim está em Luanda. Não mexa em nada que ele é chato. Ele não vai vir para Luzamba por agora e vc vai ficando ai. E me indicou a cama perto da janela: minha quinta cama. Dividi o quarto com Naim sem nunca o ver. E sem nunca ele saber. Minha melhor época. Banheiro privado, quentinho. Uma maravilha. Só não podia tirar minhas coisas da mala. Minha sexta cama foi em Luanda novamente, na Xuxa do Sergio Nascimento. Passeis 3 dias para contratar Lito Silva, um cartunista do Jornal de Angola, para fazer o nosso Jornal de Luzamba. Um projeto de comunicação social com os trabalhadores. Neusa estava por lá e deve lembrar. Ao voltar a Luzamba, Djean já havia reformado mais uma casa para os chefes de Setor. Minha sétima cama foi em um quarto suíte dividido com José Pedro, seguros e Claudio Zamith, projetos. Deixei minhas coisas no armário e fui para o bar da informática. Ao chegar tarde da noite, já estavam todos dormindo. Inclusive Zé Pedro. Só que Zé Pedro não dormia tranquilo, ele roncava, ou como ele mesmo dizia, turbinava. Não consegui dormir e fui para o sofá da sala, amaldiçoando Naim por ter voltado de Luanda. Na manhã seguinte Zé Pedro pediu desculpas. Ele ficou me esperando chegar, mas demorei muito. Ele não aguentou. Que fazer? Nas próximas noites, entornava o Old Parr cedo, e alcoolizado o suficiente, chegava antes de Zé Pedro dormir. Um dia de manhã Zamith me falou o segredo dele: abafador de ruído, que ele pegou com o piloto de helicóptero. Foi boa a sugestão. Apesar do Zé Pedro roncando e da motoscraeper a noite toda na terraplanagem do aeroporto o quarto era ótimo; e por um erro de conexão, a privada da nossa suíte, dava descarga com água quente. Ao sentar, ainda sentia o bafo da descarga anterior. Como explicado por Djean, é mais barato deixar assim continuar reformando as casas. Minha última cama em Luzamba foi durante a invasão. Eu não dormi nenhuma das noites. No dia 1º de novembro à tarde, estava irritadiço e o Dr Sergio me mandou dormir. Peguei um colchão e me deitei ao lado da mesa de sinuca. Dormi umas 2 horas profundamente. O suficiente para ficar a noite junto com o Ricardinho, Sócrates e Reginaldo vigiando no Inmarsat. A minha próxima dormida foi na rampa do Hercules da FAB, mas já não era Luzamba.

A precariedade da infraestrutura de comunicações do País obrigaria a implantação de um sistema próprio com banda de frequência atribuída com exclusividade ao Luzamba; a única maneira de obter um mínimo de confiabilidade.

Comunicações em VHF de curto alcance, para cobertura das áreas próximas a Luanda e Luzamba e UHF-SSB para comunicações entre Luanda e Luzamba e outras localidades da Lunda Norte.

As estações fixas UHF eram assistidas por operadores em rodízio contínuo, sete dias por semana; as nossas “centrais telefônicas”.



Para a comunicação de longa distância (internacional) foram adquiridas 4 estações de comunicações por satélite da rede do INMARSAT, com ligações telefônicas a caríssimos 9 dólares por minuto e banda de telex gratuito o que levou ao uso do já antiquado telex em inúmeras comunicações com o resto do mundo.

Agradeceríamos, no futuro, todos os esforços e investimentos realizados pela equipe do Vilarinho.

## “ **Pettená**

Esta é uma nova estória, do início do Luzamba. Não saberia dizer se o Delta Dois irá recordar-se.

Novo no trecho, fui pegando lentamente os macetes dos mais escolados; como resolver as makas do meu PA. Correr atrás do meu negócio, como diziam...dê seus pulos, etc...

Necessitando aprovar, com urgência, o ante projeto do Aeroporto de Luzamba carecia de um contato na Aviação Civil (Direção Nacional da Aviação Civil). Descobri o nome do Diretor responsável pelo tema no DNAC, que viria a ser o Senhor Futi. Ouvia do Delta Uno que o nome Odebrecht abria portas... fale que é da Odebrecht... colegas mais próximos passaram outra dica: “Fale que é Diretor da Odebrecht que lhe atenderá na hora”. E lá fui eu vários lances de escada (elevador com problema e chefes gostam de em andares altos), alguma espera e o Diretor Futi recebeu-me de forma cortês, mas meio desconfiado. Conte a minha história e necessidade. Ele mostrou-me o caminho para a solução, enfim tudo caminhando bem. Dei um bom “pulo” pensei. Quando estou deixando a sala o Diretor fez a seguinte observação:

“- Camarada Engenheiro o Sr não é Diretor da Odebrecht; não me venhas com aldrabices, pois. - Como assim? Sim sou Camarada Futi sustentei (não podia mostrar meu crachá, se nem mesmo um simples Delta eu era) ...

-Não é não, mas está bem, apresente a este DNAC o seu Projeto do Luzamba. A vaca tinha ido para o brejo... curioso perguntei: -Como descobriu Sr. Futi? -Observei que o rádio comunicador Motorola que carregas na cintura não corresponde a um Diretor; muito grande pá, assemelha-se a um tijolo pá. Os Diretores da Odebrecht utilizam radio comunicadores bem pequenos, muito pequenos. Percebi, na semana passada, quando estive com o Dr. Naim, o mesmo que utilizava radio comunicadores de pequenas dimensões... bem pequeno. Com o tempo fui “conquistando” o Diretor Futi. Ajudou me muito com as makas do meu negócio. Com o tempo e com ajuda de revistas do Tio Patinhas e Pato Donald para os filhos da Secretária (não a mesa) e revistas Manchete para ele (minha mulher enviava periodicamente pelo malote da Construtora), meu tempo de espera na ante sala desapareceu. Tudo quase perfeito não fossem as escadas continuarem por lá!

O mesmo problema enfrentado com as Comunicações aplicava-se ao tratamento e disponibilização de água para o consumo humano e da mesma forma para os esgotos.

## “ Ivete

Com relação a água, minha querida Marize, acho que você quer que eu fale sobre a qualidade da água? Pois bem, o que posso dizer é que a nossos cabelos que já não eram fáceis de arrumar, ficaram mil vezes pior, não tinha creme nem pente capaz de abaixar. Um dia o Pipa disse que ia faltar água, e pediu pra gente armazenar, quando vimos a cor da água na bacia, deu vontade de sair correndo. Falamos com o Pipa, e ele disse que não poderia nos contar o que haviam encontrado na caixa d'água quando fizeram a limpeza...

Nossa centra de tratamento de água do Luzamba era responsabilidade do setor de saúde. Dr Sergio Moreira era o gerente. Tínhamos água tratada para beber em pequena quantidade que era distribuída nos bidons e em bebedouros com garrações. Lá pelos meados de 1992, foi inaugurada a central de tratamento de água, feita de lona e colocada estrategicamente na colina acima das casas e toda a água da vila do Luzamba passou a ser tratada. Nas primeiras semanas o gosto do cloro nas torneiras era enorme, para poder desinfetar os canos antigos, disse Dr Sergio. O próximo passo seria fluoretar e teríamos água de primeiro mundo.

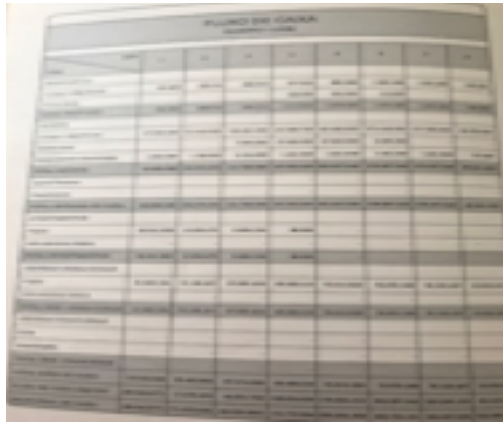
Nossa Central de tratamento de água do Luzamba era responsabilidade do setor de saúde. Dr Sergio Moreira era o gerente. Tínhamos água tratada para beber em pequena quantidade que era distribuída nos bidons e em bebedouros com garrações. Lá pelos meados de 1992, foi inaugurada a central de tratamento de água, feita de lona e colocada estrategicamente na colina acima das casas e toda a água da vila do Luzamba passou a ser tratada. Nas primeiras semanas o gosto do cloro nas torneiras era enorme, para poder desinfetar os canos antigos, disse Dr Sergio. O próximo passo seria fluoretar e teríamos água de primeiro mundo.



# Expostos aos Factos

A intensidade sempre foi a “marca” do Luzamba.

Sem tempo para filosofar!.. era chegar e enfrentar os problemas. Queda abrupta na realidade; praticamente apenas duas escolhas, adapte se rápido ou sofra mais.

A photograph of a document titled "PLANO DE CAIXA" (Cash Plan) with a grid structure, likely a financial statement or budget. The document is slightly out of focus and shows a table with multiple columns and rows of data.

Não havia hipótese. Nada de refugar!

Partiu-se do zero, tudo por preparar, organizar e fazer acontecer; a Macro Meta – obter diamantes com urgência – estava muito clara para todos os participantes do Projeto.

Gerar caixa e urgente era fundamental para a sua sobrevivência; dizia-se para a Equação Financeira do Projeto.

## “ **Naim**

O Estudo de Viabilidade (EVTE) feito para o Projecto Luzamba era muito claro quanto às necessidades financeiras para seu arranque. Claro também era o fato de que não tínhamos o valor indicado pelo EVTE e o Projeto já tinha saído da inercia. Era urgente que conseguíssemos encontrar meios financeiros para sua continuidade. Havia uma negociação em andamento com o dealer Caterpillar na África do Sul para aquisição de equipamentos para a mineração, mas buscar crédito para Angola naquela época não era

nada fácil. O que tínhamos de fato para os potenciais investidores e/ou credores, era um EVTE que mostrava a excelente viabilidade do Projeto. Era necessário encontrar outras fontes de financiamentos. Tínhamos debaixo da terra tudo que precisávamos – os tão desejados diamantes. Acontece que não tínhamos equipamentos para explorá-los porque não tínhamos dinheiro para comprá-los e, não tendo equipamentos, não realizávamos a exploração dos diamantes que seria a solução do nosso problema. Um tipo “sinuca de bico”. Dentro da nossa concessão, mas em área autorizada a desenvolver atividades de mineração, existia uma empresa em plenos trabalhos de exploração, a RST. Resolvemos procurá-los para negociar uma relação no sentido de usarem os equipamentos que dispunham para prestarem serviços para nós. Foi uma ótima decisão. Eles toparam e passamos de imediato e com muita urgência, a negociação das bases comerciais e técnicas para o início dos trabalhos. Quanto mais cedo iniciássemos, mais cedo teríamos diamantes para comercializar e, desta forma, reforçar o nosso caixa. Estabelecidas as bases, partimos para discutir o contrato a ser assinado. Além do contrato entre a Endiama e a Odebrecht para o Projecto Luzamba cuja elaboração e consenso durou quatro meses (contarei estes momentos em outra ocasião), o contrato com a RST foi um dos que mais trabalho me deu, apesar de ter sido feita a negociação em 24 horas. Exatamente 24 horas. Foi numa quinta-feira (não lembro mais de que dia) que fomos para uma sala em uma das instalações na Mina, nos sentamos em duas mesas distantes uma da outra de uns dois metros. De um lado a equipe da RST composta de três pessoas, mas que apenas um iria tratar das questões – o Dr. Sergio Costa, advogado da Empresa. Do outro lado a equipe da Odebrecht. Fiquei com a função de iniciar o processo negocial, mas tínhamos equipe com muitos especialistas no suporte. Delmar também estava na reunião. Vez por outra revezávamos na condução das negociações pois o processo era cansativo. Os trabalhos tiveram início por volta das 09:00hs. O Dr. Sergio Costa era um excelente negociador e profundo conhecedor das Leis angolanas. Além destas características, tinha uma resistência incrível. Só ele conduzia a negociação pela RST. Eram 06:00 hs da manhã de sexta-feira e ainda estávamos nas mesas de reunião finalizando o contrato. Lembro que eu tinha uma viagem para o Brasil de visita a família naquela sexta e precisava ir para Luanda. O pessoal da RST também iria viajar para a capital. Foi um sufoco. Terminamos, assinamos o contrato e seguimos direto para o Cafunfo para pegar o avião em direção a Luanda. Inesquecível.

Como curiosidade, o Sergio Costa mais o Renato Hermínio e o Andy Smith, que eram os líderes na RST, alguns anos depois criaram a empresa de mineração ITM Mining que até hoje desenvolve atividades em Angola. Em 1996 quando terminei a minha relação com a Odebrecht, a ITM na qualidade de sócia do Projecto Chitotolo, me convidou para ser o Diretor Geral daquele Projeto, onde fiquei até o ano de 2004 para, em seguida e também a convite deles, assumir a Presidência da ITM. onde fiquei como CEO até 2008.

A partir de maio de 1991 iniciaram-se as primeiras construções civis. Começariam pela preparação de uma base de apoio no Cafunfo.

As duas casas reformadas do Cafunfo, após a partida destes pioneiros para Luzamba, viriam ser ocupadas pelo time da geologia e de suprimentos.

Durante cerca de um mês, diariamente, o pessoal da construção civil deslocava-se para Luzamba para trabalhar nas reformas das 3 primeiras casas da Vila de Luzamba.



## “ Djean

No Cafunfo tínhamos como dormir seguro pois a primeira casa depois da nossa era a casa do General Mendes e do Coronel Tavares. No Cafunfo aconteceram dois sustos, o primeiro foi quando ia retornar para Luanda no Skyvan (container voador) e aguardava o pouso de uma aeronave do exército que ao tocar no solo perdeu o controle, saindo da pista e os (12) piloto/copiloto e passageiros do exército tiveram que voltar comigo no vôo para Luanda alguns feridos gravemente e outros menos (choro e gritaria).

A outra cena que me chocou foi quando estava no fundo da casa com Paulão (ch. cozinha) e percebemos um alvoroço, abrimos apenas a janelinha da garagem e do outro lado da rua havia chegado uma carreta com víveres para o exército e todos foram para cima, ao olhar para a direita vi chegar o coronel Tavares e outros oficiais a gritar para se afastarem, eles não obedeciam e de repente um dos oficiais dá um tiro no joelho de um dos rebeldes a partir daí fechamos a janelinha, percebemos o silêncio e todos obedeceram às ordens dadas.

A lei do mais forte (Selva).

Com as instalações iniciais e básicas ainda indisponíveis na área do Cafunfo e no Luzamba, Luanda centralizou, nos primeiros 3 a 4 meses, todas as decisões gerenciais, administrativas, financeiras, de engenharia, recrutamento, logísticas, segurança, contratos, contabilidade, custos, suprimentos, recursos humanos e todo os respectivos “apoíódromos”.





“

### **Johan**

Como sabem lá por volta do terceiro trimestre 1992 eu e a Daise estávamos de fato com a nossa mudança para a Vila, para dividir a moradia com o querido casal John e Barbara Oglesby. Djean, e Josué, principalmente, já ficavam de cabeça quente pelas incessantes, mas compreensíveis, solicitações da dupla Daise + Bárbara que queriam tudo desenhado, perfeito, assim, assado, do jeito que uma casa acolhedora em Luzamba teria que ser! Na nossa visão, o Luzamba estava se firmando como projeto de vida, o que justificava montar uma casa acolhedora para todos e todas. Então não foram apenas algumas malas que ficaram para trás na pista do Luzamba, mas ficaram no almoxarifado, as nossas duas caixas de mudanças com livros, objetos, fotos, filmes, enfim, memórias da nossa trajetória no Brasil e em Portugal. Mesmo assim Angola nos manteve sob seu encanto, e vivemos uma trajetória Angolana até 1999!



Desde cedo o Complexo do Miramar (conjunto de residências no Bairro do Miramar, de propriedade do cliente Endiama) foi dedicado para ser a Sede do Projecto Luzamba.

“ **Neide**

Gente tem uma passagem interessante que vou narrar aqui, na época morávamos e trabalhávamos no Miramar, vizinho ao Savimbi e eu adoro goiaba, e tinha um contentor escritório colado no muro da casa do Savimbi que tinha um pé de goiaba que ficava com os galhos espalhados por cima do teto do contentor e o clima já estava muito tenso em Luanda. Num sábado de manhã coloquei uma escada e subi pra pegar uma goiaba e só vi aquela mão se movimentar em minha direção com a goiaba madura e uma frase: Desça já daí  
Um guerrilheiro deitado em cima do contentor em posição de tiro com a arma voltada para nossa casa!  
Eu não lembro como desci, porque dei por conta já estava na escada de casa sem fala,... mas fiquei com a goiaba.

“ **Zimira**

Eu era a última a sair do refeitório lá no Miramar, aguardando todos saírem para levar comida para as crianças órfãs da guerra.

“ **Zabe**

Eu tive o primeiro impacto quando cheguei em Luanda, mas para o Projecto Capanda que era estruturado. Quando fui para Luzamba, nunca esqueço... fui em um avião que transportava alimentos ... mas o choque maior foi no aeroporto, ali confesso que chorei... e lá se vão 30 anos.  
Olha a dureza eu lembro que deixava um balde cheio de água a noite para baixar a terra e tomar banho cedo com uma caneca... aí fomos nos adaptando.

Uma das casas também foi utilizada para ampliar a capacidade de alojamentos para os colaboradores. Durante um tempo seria utilizada como uma espécie de hotel de trânsito.

“ **Zabe**

Angola foi minha primeira experiência internacional. Fui contratada para trabalhar em Capanda.  
O primeiro impacto que a realidade do país me casou foi grande, mas o tempo também me fez ver o outro lado. Posteriormente, fui contratada para fazer parte do Projecto Luzamba. Fiquei alguns dias no escritório em Luanda esperando por um voo que me levaria ao projeto. Eu, minhas quatro malas e muitos sonhos embarcamos em um avião que mais parecia um caixote, porém voava. Tinha quatro bancos e levava também, alimentos perecíveis e assim, entre frutas e legumes começou minha viagem.  
Chegamos no aeroporto no Cafunfo, a revista foi um momento de apreensão, com aqueles soldados, todos armados, foi intimidador e confesso que a tristeza me invadiu e cho-

rei por alguns quilômetros a caminho do projeto.

Ao chegar na Vila a cerca de arame que a rodeava chamou minha atenção e me fez entender que ali era uma zona de reais conflitos.

Fui designada para uma das casas residenciais e tive o privilégio de ter como companheiras de quarto Marize, Márcia e Conceição. Feitas as devidas apresentações, a sensação de estar em casa tomou logo seu lugar e se algum traço de tristeza ainda permanecia foi por pouco tempo.

O acolhimento foi irrestrito e ali nasceu uma amizade sincera. Ao longo dos dias fui me integrando às demais pessoas, ao trabalho e a rotina aos poucos já estava dominada.

Tudo ainda era muito básico, às vezes o banho era de balde e caneca, já que a água vinha no chuveiro com muita lama, então era melhor deixá-la num balde para repousar durante a noite pra depois usá-la. Escovar os dentes era outra tarefa difícil, a água potável continha muito cloro e queimava os lábios. O fumacê passava no final do dia pelas casas para evitar o máximo que contraíramos malária. Fazíamos nossas refeições juntos e aos poucos éramos uma grande família.

Minha passagem foi breve, mas o aprendizado grande, tenho muito a agradecer a cada um que fez parte dessa etapa, pois além da experiência profissional ganhei duas famílias, uma dos amigos que fiz e também a minha, que apesar das infinitas variantes que qualquer projeto nos impõe ao longo de sua execução, segue dando frutos até os dias de hoje.



Em poucos meses a logística ocuparia um Galpão Armazém no Bairro do Cazenga na Quinta Avenida. Serviria para guarda de materiais, equipamentos, combustíveis, alimentos e outros bens chegados do Brasil. Dalí sairiam os Comboios de Caminhões (ditas Colunas) com destino a Lunda Norte. No Aeroporto de Luanda um pequeno galpão foi construído para dar apoio às operações com aeronaves cargueiras, no princípio pousando no aeroporto do Cafunfo depois diretamente no aeroporto de Luzamba - readaptado para os pousos e decolagens de pequenas aeronaves e para aeronaves de cargas Hércules C130.

Complementando a base de suprimentos no Brasil e em Luanda foram abertos escritórios de apoio às compras e logística em Johannesburgo na África do Sul e em Lisboa, Portugal.

O trabalho na Lunda Norte, em ritmo desenfreado, concentrava-se em adaptações de moradias no Cafunfo e na Vila de Luzamba, necessárias para receber as primeiras equipes de geologia, de engenharia civil, de operadores de máquinas, técnicos de manutenção e da segurança industrial.





“

### **Otávio +**

Lavaria é um britador metido a besta!



As três casas reformadas de Luzamba, cada uma com três quartos, receberiam de seis a oito pessoas por quarto.



“

### **Rodney**

John, Barbara, Djean, Rodney e um topógrafo (não me lembro o nome dele) fotos os primeiros 5 em chegar. Dormíamos no quanto, trabalhava na varanda. 1 banheiro só e a noite jogávamos dominó e Barbara nos ensinava inglês...ela tomava todas de dia e a noite já estava calibrada.





No final de outubro a “Guest House” (antigo Hotel de Trânsito- dos tempos da DIAMANG) foi aprontada.

## “ **Djean**

Iniciamos os trabalhos e percebemos que os pedreiros e carpinteiros angolanos eram apenas serventes, o que faziam pela manhã, desmanchavam a tarde. Aprendíamos rápido e nos convencemos em trazer expatriados com o objetivo de realizar/treinar os angolanos e o principal, redefinimos a estratégia para seguirmos: a) Construções tradicionais (alvenaria/massa/pintura/carpintaria) somente as reformas das 10 casas existentes, ampliação, reforma da GH, SHORT HOUSE e estruturas das Lavarias e Pré-Tratamento; b) O Quartel e Vivência da Segurança, Alojamento dos funcionários e mais dez casas, essas em função da quantidade de expatriados e solicitações de moradia, todas pré fabricadas. Avançamos bastante e todos foram importantes nessa estratégia, Delmar, Mr. John, Naim e Nilton Teti.



## “ **Paulo Ramos**

Bloco 1 de Mucussuca - Lezíria

Até aquele momento, eu era o último gerente a chegar ao projeto Luzamba. Era meado de novembro de 1991, quando, um tanto quanto meu programa estava bem definido: estradas e acessos, desvios de rio, ampliação da pista de pouso de Luzamba e tudo mais que envolvesse movimento de terra. Curioso e, porque não dizer, assustado, aterrissei no Projeto. A comunicação era uma coisa bem complicada para entender, além de ser muito cara. Mas era o que melhor se podia ter naquele pedacinho de fim de mundo. Conseguíamos falar. Era tudo que precisávamos e temos que reconhecer o esforço intelectual intenso, da equipe comandada por Vilarinho.

A logística para um simples banho, era muito complexa. Depois de vencida uma fila quilométrica, você suspirava por ter chegado a sua vez e, de vez em quando, você ligava o chuveiro e a água caindo em gotas, lhe pedia pra esperar mais um pouquinho. Isto aconteceu comigo, no primeiro banho que tentei tomar.

O meu programa dependia muito dos equipamentos. Tudo acontecia em cadeia: produção de diamantes, crédito com a De Beers, a entrega de parte em equipamentos pelo dealers da Caterpillar. O fato é que nossa frota era muito pequena naquele momento e os



equipamentos adicionais estavam a caminho e, bem devagarinho, começaram a chegar. Eu sou muito ansioso e, talvez este seja meu grande defeito, mas é também minha grande qualidade. Esperar não é o meu ponto forte.

A lavaria de Mucussuca, estava sendo montada e Djean estava construindo a “choice house.” A coisa caminhava na direção de uma produção que poderia viabilizar o projeto, desde o ponto de vista econômico. Minha equipe, com um trator D-7 velho, fazia o desmatamento do Bloco IV de Mucussuca. A vegetação não era muito densa. A viabilidade do projeto, era questionada todos os dias e colocada muito claramente, em nossas reuniões. Eu nunca esqueço das palavras de Delmar, diante de tantas variáveis no projeto: “o projeto Luzamba, é igual a um doente de aids, qualquer gripezinha, pode ser fatal” (A aids estava em alta naquela época).

Estas palavras eram entendidas como um apelo: vamos lutar, só depende de nós. Havia uma indicação muito clara de que o bloco 1, de Mucussuca, era muito rico em diamantes. Este bloco estava nas mãos de garimpeiros e contrabandistas. Havia toda uma estratégia para assumirmos esta área, sem traumas. Num sábado pela manhã, tínhamos concluído o desmatamento do Bloco IV, e eu estava por lá, programando o transporte do trator para executar outros serviços, quando tive uma ideia absurdamente arriscada: eu vou com este trator, até o bloco 1.

Conversei com Osmar, encarregado que trabalhava comigo, ele topou e lá fomos nós. Osmar foi operando o trator e eu o segui caminhando. Já existia uma estrada que ligava os blocos e estava muito erodida. Osmar seguia dando uma arrumadinha na estrada e descendo. Finalmente chegamos ao nosso destino. Quando estávamos chegando O programa era enorme e muito motivante. Eu me integrei rapidamente e comeci a conhecer como tudo funcionava ou, não funcionava ainda., eu subi no trator e preparei-me para o pior. Eu estava com uma desculpa fajuta, na ponta da língua, para usá-la, caso não desse certo meu plano: simplesmente eu ia dizer que estávamos perdidos. Os garimpeiros estavam todos agachados e quando nos viram, levantaram-se todos de uma só vez. Eram muitos homens. Eu levantei a mão e, para minha grata surpresa, eles imitaram o meu gesto, indicando-me que estavam em paz e aceitavam conversar. Os convidei a aproximarem-se e eles obedeceram. Me identifiquei e fiz uma explanação do projeto, dando



ênfase, é claro, à parte social: residências de qualidade para todos, escolas, hospitais etc. Enfim, uma grande ascensão na qualidade de vida deles. Eu não precisei mentir, não omiti e prometi empregos para todos.

Eu lhes pedi que me indicassem um líder que os representassem daí em diante e eles me indicaram um cidadão chamado Vitor, que se tornou meu amigo, até o último dia do projeto. Finalmente e graças a Deus, tudo deu certo e eles prometeram e cumpriram, que a partir da segunda feira próxima, eles não estariam mais lá. Eu tenho esta dívida com Deus, por tudo ter dado certo, nesta minha corajosa empreitada. Osmar voltou para o bloco IV para encarretar o trator e eu voltei para o escritório, para dar a boa notícia a Delmar, que me chamou de maluco, me parabenizou e me agradeceu muito. O Bloco 1 foi muito importante para o projeto.

## “ Eliseu Furtado

Paulo Roberto, acredito que esse mesmo trator D7, digo o mesmo, porque foi apenas um D7 que havia no projeto.



Muito importante no processo final de separação dos diamantes e para a inibir roubos de gemas a Estação de Escolha foi concluída antes do final de 1991.

Para vencer a distância terrestre entre Luanda e Luzamba, cerca de 618 km, as Colunas – comboios com 10 a 12 caminhões - demoravam de 7 a 10 dias. Inúmeras eram as dificuldades a serem vencidas nas precárias estradas, refazer/adaptar pontes danificadas, abrir picadas (além da “picadas” de mosquitos) para a passagem dos caminhões exigia a determinação de pioneiros.



ção idealizada para o Projecto Luzamba, algo maior e mais perene. Então, entender e buscar a integração com os Tchokwes seria fundamental.



Sob o nome “guarda-chuva” o Serviço Social, o Luzamba iniciou uma série de ações de cunho humanitário, educativo e de apoio amplo envolvendo distribuição de alimentos, construção de infraestruturas básicas nas comunidades, incentivo para a valorização cultural, além do apoio médico e sanitário.

### “ **Conceição e Celisia**

Na continuidade dos trabalhos sociais no Bala-Bala, foi construído um chafariz para o abastecimento de água potável desta comunidade. Os trabalhos sociais que começaram a ser realizados nas comunidades, foram de grande importância, pois através desse relacionamento criado, os carros do Projecto Luzamba que passavam pela estrada principal do Bala-bala, pararam de ser apedrejados pelos moradores.

Um grande esforço de cadastramento das populações, com amplo espectro de interesse foi realizado pela equipe do Serviço Social.

Buscou-se quantificar as famílias dos trabalhadores, endereços, quantidade de crianças em idade escolar, acercar-se das lideranças comunitárias, os Sobas; enfim “penetrar” no ambiente para entender seus costumes e necessidades. Buscar interagir para transferir aos expatriados do Projeto, ensinamentos importantes para a comunicação e convívio com o povo Tchokwe.



“

## Conceição e Celisia

Durante o processo do cadastramento dos trabalhadores, descobrimos que os mesmos não tinham identificação de endereço residencial, e para obtermos um resultado melhor do nosso trabalho, resolvemos fazer uma visita ao bairro Bala-Bala onde residiam o maior número dos trabalhadores locais, e através de um colaborador fomos apresentadas ao Soba adjunto do bairro, Sr. José Maria, durante a nossa visita, vimos que as ruas não tinham nomes e as casas não eram numeradas, propusemos o desenvolvimento de um programa com a participação da comunidade, onde definimos representantes de ruas, que sob a nossa coordenação ficaram responsáveis pelo trabalho de identificar as ruas e numerar as casas. Foi muito interessante, pois a própria comunidade definiu que as ruelas do lado direito do bairro levariam nomes de animais e as do lado esquerdo nomes de árvores nativas, colocaram placas identificando as ruelas, bem como número nas casas, daí em diante passaram a ter seus próprios endereços. EX: Rua Jacaré, no1. Esta atividade facilitou imensamente o nosso trabalho junto aos trabalhadores além de passarmos a saber onde residiam.

O Cadastramento Social foi de crucial importância, para encontrarmos os trabalhadores, pois durante o surto de cólera que assolou o bairro, havia muitas mortes por dia e no pico da epidemia fomos testemunhas das perdas familiares de muitos dos nossos colaboradores. Tivemos que desenvolver um trabalho de apoio e conscientização junto à comunidade, através de palestras educativas de formas que pudessem se proteger da doença e evitar a propagação, pois os moradores com medo da epidemia deixavam suas casas para se esconderem nas matas e às vezes já estavam contaminados.



Neste particular, especial atenção mereceriam o treinamento e a capacitação profissional dos colaboradores locais; atenção esta que extrapolava o conjunto dos colaboradores diretos para atingir também seus familiares e as suas comunidades.



### “ **Conceição e Celisia**

Ainda no Bala-bala, para preencher os tempos livres da garotada, foi desmatada uma área com as máquinas da terraplenagem e feito um campo de futebol. Na festa de inauguração tivemos a participação de mais ou menos umas 800 crianças que foram levadas pelo som do mini trio elétrico improvisado pelo Projeto. Levamos alguns brinquedos para distribuir, mas, não contávamos com o número de crianças que apareceu repentinamente e tivemos que improvisar na distribuição, fazendo “galinha gorda”. No final deu tudo certo, a festa foi animada por Conceição e pelo Vilarinho



“ **Carlos Guimarães**

Lembrei dos meninos do Bala Bala que eu reunia no domingo no acampamento para cantar e brincar...faz um tempinho.



Em que pese os esforços e prioridade dedicada no trato com os colaboradores locais, o Projeto não esteve imune a algumas situações de conflito com o coletivo dos trabalhadores. Em março ou abril de 1992 houve uma greve geral com ameaça de invasão da Vila de Luzamba.

“ **Barros**

Outro aprendizado foi observar o comportamento das pessoas. Aprender a ver, ouvir, falar e mesmo pensar, sempre com empatia, entendendo as diferenças. Para nós, da Segurança, isso era primordial, já que nosso objetivo era a preservação da vida de todos. E o escalar de crises, diversas vezes, assim pôde ser evitado, pela maturidade e experiência do nosso pessoal, em, rapidamente, promover esse aprendizado. Nossa primeira grande lição foi num evento de distribuição do kabaz. Tudo transcorria normalmente. Havíamos checado todo o processo. O pessoal encarregado da distribuição já estava a postos, pronto para o evento. A fila começava a se formar e nós, num último “briefing embaixo da asa”(como dizemos, no pára-quedaismo), nos preparávamos para ocupar as posições designadas. De repente, chegam caminhões e, do primeiro, desce um grupo, bastante exaltado. Quase correndo, e gritando, dirigiam-se ao centro do dispositivo montado para a distribuição. Imediatamente, nos posicionamos em linha, bloqueando o acesso deles, que começaram a nos insultar. Confesso que, naquele momento, lembrei-me de minha entrevista com o Buchanan, no Rio, no prédio da Glória, da Odebrecht. Exatamente quando me descreveu o ocorrido com ele, também na distribuição do kabaz. Felizmente, tive uma centelha de iluminação, dei dois passos atrás, puxei o Bomfim e designei um dos angolanos à nossa frente e disse para tentar tirá-lo do grupo, afastando-o, para que lhe explicasse o que ocorria e o que eles queriam. E assim fiz com cada um de nosso grupo. Foi um efeito quase miraculoso. O tumulto que estava em formação, centelha para uma escalada de crise, foi rapidamente neutralizado e desmobilizado. Só faltou sairmos abraçados com eles. E foram para a fila, depois de terem descarregado suas tensões e reclamações, com cada um de nós. Havíamos aprendido uma grande li-



ção que logo evoluiu de lições aprendidas para o nosso repertório de melhores práticas. Solução aparentemente simples, mas que se mostrou muito eficaz na pacificação de ânimos exaltados. Descobrimos assim a paixão com que os angolanos debatem e discutem, parecendo para nós que estão prestes a usar a força física. E que, em grupo, isso cresce exponencialmente. E, descoberta posterior, essa paixão na discussão é bem maior e mais agressiva, quando os envolvidos são do sexo feminino.



## **Djean**

Mudança para a VILA dos Trailers de LUZAMBA, começávamos a melhorar e tive o prazer de dividir o meu Trailer com Leonardo Tavares o famoso Nézinho do Jegue (roncava igual), um gentleman, descobri depois que o mesmo já era famoso nas repúblicas de obras no Brasil pelo fato de toda vez que precisavam matar um peru para comer prendiam na janela do quarto dele a noite, ele roncava e o peru respondia Gluglu, Gluglu, ao amanhecer o peru já estava sem emitir nenhum som (bebinho) pronto para o abate. Mas a educação dele era tanta que me presenteou com dois conjuntos de protetor auricular (depois de perceber que eu dormia em helicóptero) e sempre pedia para eu dormir primeiro. Léo não continuou no Projeto por conta da primeira crise séria com os kamanguistas, esse fato ocorreu qdo os mesmos tentavam pegar o nosso transporte dentro do canteiro se passando por trabalhadores e a nossa segurança detectou, aí o pau comeu. Foi tiro para todo lado, eu estava com Newton Brets e Gilbertão tratando do projeto da PTT antes da Lav. de Mucussuca quando ouvi pelo rádio as pessoas e a Segurança além dos tiros, pedi aos funcionários para se esconderem no mato ao lado da PTT e em uma atitude impensada retornamos os três para o canteiro, fomos parados no Bala Bala, cercaram o nosso carro e aos gritos, “foram os brasileiros que trouxeram os ingleses” e começaram a jogar pedras no carro ao mesmo tempo que alguns me reconheceram, também vinham do canteiro na nossa direção alguns indivíduos e um com a pistola no calção sacou a arma que me apontou pelo lado do carona (abriu todo mundo) onde estava o Nilton Brets, no meio o Gilbertão e eu dirigindo, falei para ele, “se vc fez alguma coisa errada suba aí atrás, que nós vamos resolver” e ele tentou subir, nesse momento arranquei a BG 4.1 a toda, Era uma linha reta para o nosso canteiro e nós três de cabeça baixa por 10 a 15 longos segundos, levantamos a cabeça e ele não atirou, depois fiquei sabendo que ele tinha matado o oficial da Polícia Mineira que ficava na frente do nosso canteiro e era o FDP pelos tiros disparados. Ao chegar ao canteiro percebi logo o silêncio, a Segurança socorrendo o Buchanas que apanhou muito e a chegada de Amaro para dar socorro tb que rapidamente me colocou a par da morte do oficial da Polícia Mineira, procurei saber de todos e ele me disse que todos fugiram e muitos foram em direção do Cafunfo pela pista (pequena) do aeroporto. Fui procurá-los e encontrei o meu amigo Léo a uns oito kms dali, com muitos outros e graças a Deus ninguém ferido, mas abalados. Nessa noite o Léo me disse que não ficaria mais no Projeto, me dizendo, somos engenheiros e não guerrilheiros, o que fez logo no outro dia com a chegada de DELMAR. Logo depois passados 40 dias mudamos para a GH.

Este evento e outras confusões menores incentivaram, desde os primeiros tempos, a criação de planos de contingências, evacuação de pessoal com urgência e para um outro local...

“ **Rodney**

Estou tentando me lembrar dos detalhes de uma greve que tivemos no início do projeto e queriam tomar nosso acampamento. Eu fui deslocado para Capanda com o helicóptero para ser o contato do plano de resgate, pois era a única pessoa do projeto na época, que conhecia bem os dois acampamentos por ter trabalhado em ambos projetos. Tínhamos determinado o ponto de pouso, pois ainda não tínhamos aeroporto, para resgatar as pessoas e foi uma semana tensa sem despegar do rádio em Capanda a espera de notícias. Depois de várias reuniões se conseguiu um acordo que termino com a paralisação e liberação de todos.

Outro tema de preocupação, enfrentado desde os primeiros tempos, foi a busca da redução da dependência dos alimentos importados de Luanda e principalmente do exterior; custosa e demandante de recursos logísticos e cuidados especiais.

Ademais, havia a cultura da herança colonial da distribuição periódica de alimentos (os cabazes) aos trabalhadores. Compunham os cabazes de alimentos básicos não perecíveis: arroz, feijão, farinhas, latarias, carne seca, leite em pó, bolachas, etc; mais ou menos uns 30 quilos e vinham junto um engradado de cerveja (grades) e de refrigerantes (gasosas). A guerra e as dificuldades de transportes levaram o Projeto a manter esta tradição. Mesmo que recebessem todo o soldo em Kwanzas (moeda local) não teriam como e nem onde comprar os alimentos.

“ **Rodney**

Outra coisa, a confusão que você narrou, começou na distribuição do cabaz quando o Buchannas deu um tiro para cima para controlar a Malta que queria invadir o caminho, com isso só conseguiu apagar o incêndio com gasolina. No fim das contas aumentou a confusão e todos tivemos que nos esconder. Eu fiquei no CPD embaixo da mesa e só ouvimos o pessoal passando e gritando que ia matar os brasileiros. Só no fim do dia é que fomos vendo um a um retornar e soubemos que teve gente que foi pelo mato até o Cafunfo.

As grades eram muito cobiçadas pois tinham alto valor de troca no local, funcionando como moeda de “verdade” dolarizada, ou seja, sem perda inflacionária. A logística envolvida com a compra e distribuição dos cabazes era enorme e custosa.

Mais à frente era esperado que a Fazenda Agrícola perto do Cafunfo, revitalizada, cumpriria a missão de reduzir esta dependência da importação de alimentos. Havia a necessidade de produzir alimentos perecíveis e não perecíveis ao nível local.

De início investiu se nas atividades de horticultura, fruticultura, na criação de aves, na postura- produção de ovos- e o planejamento para mais adiante, para o futuro incorporava a criação de suínos, cunicultura e a piscicultura.





Em resumo, além de suprir o Projecto o excedente serviria para a distribuição aos colaboradores nacionais e às suas famílias.

A Fazenda recuperada era uma propriedade abandonada da época colonial, más que dispunha de uma base de infraestrutura já instalada. Rapidamente passou a suprir o Projeto de ovos, verduras e legumes; os “frescos” tão desejados por todos.

“ **Ivon**

Em 90 dias já começávamos a ver e saborear resultados com a colheita de laranjas, bergamota, manga e pêssego na continuidades inúmeras outras frutas. Em paralelo iniciamos a recuperação dos aviários com limpeza, conserto elétrica e hidráulica e a importação inicial de 4.000 pintos de 1 dia de Mogi das Cruzes-Sp, via nossa extinta Varig, o que provocou uma logística imensa, mas de grande sucesso, pois percorridos mais de 6.600 km tivemos uma baixa de apenas 14 pintinho da raça IsaBrown. Chegamos a fazer a primeira colheita de milho, conseguindo produzir numa área de aprox. 20-ha, 140 scs por hectare. Tínhamos também uma área lavrada de 2,0 ha de mandioca que era muito vem saboreada por brasileiros e angolanos.

“ **Omar**

Non... non cuestionem pintinhos... que quieram? Viajar de B200? Non estos son solamente para los chefes... non canten de galo, sois solamente pintinhos... non cuestionen. Ustedes tienes una mission muy importante en Angola... non cuestionen...

“ **Pedro Chaves**

Normalmente em minhas idas à Fazenda eu negociava e utilizava a carrinha do João Carlos, pois a minha não tinha toca fita. Assim podia viajar até a fazenda ouvindo minhas músicas do “Pink Floyd” a todo volume.

A minha favorita?

*“Money, get away*

*Get a good job with a good pay and you are okay*

*Money is a gas*

*Grab that cash with both hands and make a stash*

*New car; caviar; four star day dream*

*Think I will buy me a footbal team*

*Money, get back....*

A outra forma, menos sonora e mais ruidosa, era com o helicóptero pilotado pelo Atan-dele em seus voos caça macaco, com muita adrenalina, dizia que era para não receber tiros dos garimpeiros



## “ Ivon

Uma passagem interessante de Luzamba foi que requisitamos o helicóptero para sobrevoar e observar a área da nossa fazenda. Lá chegando saímos com dois soldados à frente trilhando caminho pois pretensamente saberiam evitar as minas terrestres instaladas no local. Deixamos as portas do helicóptero abertas devido forte calor. Ao retornar da caminhada embarcamos e a uns 100 metros de altura surge uma cobra nos pés do comandante helicóptero. Foi uma loucura. Ele tirava os pés do comando por causa da cobra desgovernando o helicóptero. Acabamos descendo e os soldados acabaram retirando a cobra para que pudéssemos retornar a Luzamba.

Nonato meu amigo, lembro que às sextas feiras levava a produção da Fazenda e você sempre separava picanhas para o churrasco na fazenda, debaixo de uma mangueira centenária, carne de primeira do Frigorífico Cidade de Bagé- RS. Nossa saia cada churrasco!

As construções iriam demandar muita madeira e nesta época foram iniciadas as prospecções de madeira de lei nas florestas da região de Cassulo Kenda, após Tázua.

Novamente a intenção de obter materiais e suprimentos em Angola e principalmente na própria Lunda Norte esteve presente. Desenvolver fornecedores locais a médio e longo prazo; no curto prazo, na falta de alternativas, verticalizar o “negócio”, produzir seus próprios insumos começando pela produção e aparelhamento de madeira. O plano de construir uma serraria em Luzamba teve início de 1992. Alguns profissionais, liderados pelo Calado, foram mobilizados para a execução da tarefa. Sofreriam, assim como todos os pioneiros, da carência de trabalhadores capacitados e pela ausência de infraestrutura de acesso às florestas.



## Calado

Acredito que após uma semana andando pela “Mata” (aqui no Brasil se compara com um cerradão pesado MA/PI), e após um “inventário florestal” feito pra inglês ver, identifiquei locais onde existia potencial de exploração. Até aqui está tudo bem, a segunda parte era a identificação das madeiras, e se realmente iria nos atender. Com os guias locais, fui identificando árvores e suas respectivas finalidades, densidades...etc..., mas tudo era em vão pois ninguém sabia dizer nada, com firmeza. As árvores mais encontradas, por incrível que pareça, são a grande maioria com a letra “M” monhongo, mulambe, mutongo, mutako, entre outras. Passados 15 dias da minha chegada, voltei ao chefe Pedrão e disse o que precisava, no momento: “só preciso” de um trator de esteira, um caminhão carga seca, uma carregadeira e motosserras... Pedrão olhou pra mim...espantado.”só bicho”?

Bom, respondeu ele, o caminhão florestal equipado com munck na trazeira (pra mim novidade) já foi comprado, lastro de 6 m carroceria, agora o trator de esteira, você vai falar com seu amigo PR, é quem tem equipamentos, de pronto meu amigo PR me deu um D7, e com muita insistência minha, me arrumou uma carregadeira de esteira 977 (também novidade para mim), fui ao almoxarifado e conheci Sidney, que foi literalmente a minha salvação. Falei da minha situação e o que poderia fazer por mim, sua resposta lembro até hoje “esquenta não bicho, tem motosserra pra car... aqui, agora é tudo do pessoal da geologia, tem de todo tamanho, correntes e sabres a vontade”, Jesus, tô no céu. Artuzão, geólogo, me enchia o saco porque pegava as motosserras dele (kkkk). Neste ínterim, em conversa com Fernando Carrielo, ele me diz que tem muita mina terrestre espalhada por ai...”cuidado Calado”....., ô filha da puta, agora que você vem me falar? Depois que andei de pé na mata durante 10/15 dias...porra!!!! E lembrando, ficava puto quando queria tomar um rumo e os angolanos diziam, “ai não chefe, ali não...e não entendia”. Após esse aviso, tomei os devidos cuidados, os colaboradores angolanos sempre na frente, distância de 5/6 metros, e só pisava onde os mesmos pisavam, tipo sombra... Bom, identificado os locais e seus potenciais, iniciei abrindo estradas com D7 com o operador “Charrasqueta”, peguei alguns operadores de motosserra junto a olaria (cortava lenha para abastecimento) e parti para o campo. Para cortar as primeiras árvores, árvores estas identificadas com 400 de rodo (1m de diâmetro), os angolanos ficaram com medo.... lá vai eu pegar em motosserra para ensinar como fazer...”meninos trabalhosos viu), e o pior, o aproveitamento das toras era complicado para eles..., toras com 10 m de comprimento, com 6 m, com 8 m..... “ e ai chefe”? meu Deus..., mas foi bom!

A missão do Projecto Luzamba era de longo prazo, muitas das construções pré-fabricadas e trailers moradia, deveriam ser substituídas por instalações mais permanentes de alvenaria que receberiam escritórios, oficinas e residências. Esta ação visava também estender aos colaboradores locais os insumos de modo que pudessem melhorar as suas moradias.

A antiga cerâmica próxima a Luzamba, construída pelos portugueses durante a época colonial, foi eleita para receber a atenção e os investimentos em sua recuperação. A ausência de manutenções prediais e nos equipamentos obrigariam a intervenções emergenciais na própria instalação em si, no forno e na chaminé. Novos equipamentos foram adquiridos no Brasil



### “ **Pedro Chaves**

Visível, a falta de prioridade com que esta planta fora tratada durante anos causariam danos profundos em todos os setores, instalações prediais, fornos, chaminé e irregularidade no suprimento de argila para a fabricação dos tijolos. A equipe de trabalhadores estava totalmente desmotivada.

A intenção era fabricar tijolos e telhas de argila. Mobilizou-se um profissional técnico brasileiro especializado na construção de fornos para queimar os tijolos e telhas. Rapidamente a produção de 3 000 tijolos mensais foi ampliada para 10 000 unidades mensais, prevendo-se continuar crescendo para 100 000 unidades mensais. Uma extrusora de argila com esta capacidade foi encomendada, assim todos os sistemas teriam que ser ampliados e também uma nova chaminé deveria ser construída.

Tínhamos decidido produzir 100 000 tijolos mensalmente. Compramos a extrusora para esta capacidade e seria necessário construir uma nova chaminé adequada para esta queima. Grande surpresa veio quando o especialista brasileiro, indicado pelo Barreto, nos disse que a argila para a chaminé teria que ser branca, de características diferentes à utilizada. E onde encontrar a tal argila branca?

O Barreto já não aguentava o especialista brasileiro, viviam às turras e este último queria retornar ao Brasil. Um “perrengue” de egos, após resolvido contamos com a ajuda do Pimenta para encontrar a argila branca. A procura terminou ao descobrirmos que os cupins retiravam de dentro dos cupinzeiros a bendita argila branca. Eureka! Depletamos os cupinzeiros e conseguimos a nossa argila para o especialista finalizar a chaminé.

### “ **Calado**

A pessoa que o Barreto identificou no Recife para construir os fornos da olaria já não estava aguentando ficar em Luzamba. Queria voltar para casa de qualquer maneira e ainda não tínhamos finalizado os fornos e para piorar não havia um projeto de construção dos ditos fornos; todos os detalhes estavam na cabeça deste senhor.

Como sempre não bastariam apenas equipamentos para os incrementos na produção; repetiriam se as dificuldades de todo PA, treinar, capacitar e motivar os trabalhadores locais. As dificuldades de comunicação e as enormes diferenças culturais gerariam atrasos na produção dos tijolos.



### **Pedro Chaves**

Decidimos que estaria na hora de instalar um programa de produtividade na cerâmica. Iniciamos com um Projeto Piloto que em nosso entendimento serviria dois propósitos: avaliar a satisfação do grupo e o efeito na produtividade. Informei a todos que ao final do mês premiaria com uma grade de cerveja, outra de gasosa e um pacote de cigarros aqueles colaboradores mais produtivos... os quatro mais produtivos. Dito e feito, escolhemos (eu, Barreto e Cacá) o operador de extrusora Txkuala Malengue, o responsável pelos fornos Muaxifi Muahamed, e duas trabalhadoras do setor, pelo transporte de tijolos entre a extrusora e a secagem - a Sofia Daniel e a Domingas Malengue. Sob aplausos entregamos os prêmios. Para nossa surpresa, ao final do evento de premiação, os não premiados, obviamente a maioria, passaram a reclamar criando tumulto. Sentiam-se injustiçados e reivindicando igualdade no tratamento.

Depois de muita conversa contornamos o problema, mantivemos a premiação daquele mês, explicamos o objetivo do programa de produtividade e universalizamos a premiação com base a cumprimento de metas coletivas, segurança do trabalho, faltas injustificadas e indisciplina. Resumindo, conseguimos transformar o problema em oportunidade.



### **Calado**

Tem também as histórias da produtividade dos tijolos dentro da olaria entre as equipes com distribuição de prêmios, o detalhe é que sempre ganhava era uma equipe de mulheres.



## **Calado**

Esse encarregado da olaria teve um problema com a equipe. Teve uma mini greve na olaria. O sindicato quis interferir. Colocamos todos na sala do treinamento. Alguns falavam português limitado. O encarregado falava nordestino carregado. Era costume local banhar-se no rio após o dia de trabalho. Era prática depois do dia de trabalho parar no rio para tomar banho. Nesse dia estavam atrasados e ele disse que no caso de não cumprirem a meta da produção, não daria tempo de tomar banho, complementando com a frase: vocês têm sorte de parar para tomar banho; no Brasil peão não tem nem como parar para cagar no trabalho. A equipa entendeu que daí para frente eles não poderiam mais fazer às necessidades e por isso estourou a greve. Demoramos umas 4 horas de reunião para esclarecer o mal entendido linguístico.

E passou a fazer parte do programa de indução falar sobre as diferenças culturais e linguísticas da região; onde o português era 2ª língua, muitas vezes bem limitada. A atenção especial ao uso de palavrões, muito comum entre os brasileiros e portugueses, mas em Angola não era comum e significava falta de respeito. O encarregado teve que ficar uns dias no alojamento até tudo ser bem esclarecido. Fizemos um evento de confraternização na olaria. E voltou ao normal. Com a observação de ter cuidado com o como 'falar bem'. E poder se entender.





# Bebendo das Águas do Bengo

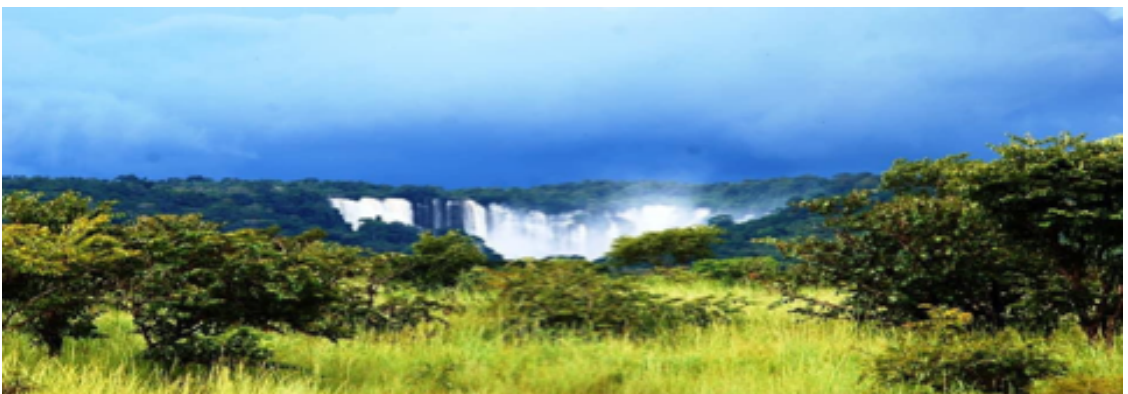
*“Quem bebe das águas do Bengo retorna a Angola”.*

Este conhecido ditado angolano expressa o sentimento das pessoas com relação a Angola, a beleza do País e a candura de seu povo.

Representava todo o significado da admiração dos colonizadores pela diversidade de paisagens de Angola, um território enorme, quatorze vezes maior do que o território de Portugal no continente europeu, continha rios caudalosos, florestas ao norte e nordeste, savanas em sua porção central e desertos ao sul. Uma rica fauna com toda a sorte de animais, inclusos os “big five” africanos, talvez “big six”, estavam lá as exuberantes Palancas Negras.

## “ Anônima

Palanca é aquele “cabritinho” que tem na cauda dos aviões da TAAG

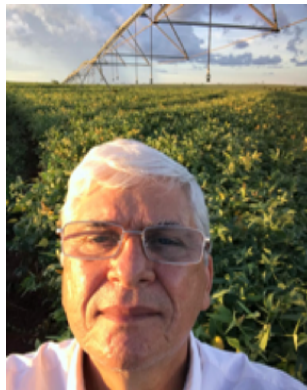






Haviam chegado a mais de 400 anos a nova terra. Continha uma costa com mais de 1600 km e lindas praias .

O colonizador encontrou terras férteis aliado a um potencial mineral espetacular.



Explorou minério de ferro, cobre e depois encontrou muito petróleo.

Recentemente iniciou a exploração de Nióbio.

Oitenta anos antes, no início do século dezenove, encontrou diamantes na Lunda Norte e passou a explorá-los.

Construiu lindas cidades como Luanda, (a Riviera Africana), Benguela, Huambo, Lubango entre outras. Foi gostando e ficando até o último quarto do século vinte.

Em que pese um mundo de enormes carências de todos os tipos, os angolanos sempre nos receberam muito bem, com sorriso nas faces e com a expressão de esperança em dias melhores. Esperavam de nós expatriados, compreensão e retribuição na forma de carinho ensinamentos e ajuda.



Claro nem tudo foi um mar de rosas, haviam riscos; a facilidade de obter armas ajudava os elementos mal intencionados nos seus assaltos e os cooperantes, por razões óbvias eram alvos preferenciais. Eventos desta natureza ocorreram com alguns companheiros.

As pequenas indulgências tinham lá seus riscos...

“ **Juca'**

O camarada passou a mão em meu rosto e arrancou o meu RayBan e foi isso mesmo, cada um correu para um lado. Levaram o nosso carro e depois tivemos que caminhar muito até o Gamek. Foi tenso.

Era para irmos até uma esquadra da Polícia e a mais próxima ficava no Rocha Pinto; o Pimenta não queria ir nem por decreto!



Podemos dizer que nós, expatriados, de certa forma não os “deixamos cair”; cada um de nós ao seu jeito, ouvindo-os, nos integramos. Incorporamos palavras dos dialetos umbundos e quiocos ao nosso linguajar, conquistamos clientes e angariamos “kambas”. Andamos de mãos dadas com os nossos novos Cambas, por que não?

Adaptamos o: *“Gindungo no Futungo do Gajo é Sumo”*.

Ensinamos e aprendemos, vivemos estórias e cometemos indulgências. Acolhemos e fomos acolhidos.



### **N’Gola**

O Chefe quer que vá às bombas abastecer as carrinhas agora? – É para já N’Gola... más chefe ainda não fiz o mata-bicho e o chefe bem sabe que saco vazio não pare em pé...

Trinta anos passados é digno de nota a extensa lista de companheiros que, de uma forma ou outra, mantiveram vínculos físicos e emocionais com Angola, seja desenvolvendo negócios, seja tornando-se cidadãos angolanos residentes e constituindo famílias.



“ **Zabe**

Íamos dormir e acordava de madrugada com tiros ou invasão da República... alguém em busca da Ana.

... mais acho que a Cleide não se lembra porque estava dormindo, ela ia a boate de travesseiro... este dia pensamos que podíamos morrer; cada um se escondeu onde podia. Esse dia na volta da boate mandaram parar e não paramos e só ouvimos a rajada de metralhadora. Cada saída era uma aventura.

...O feitiço das águas do Bengo?

“ **Gilberto**

Em 11 de novembro de 1999, dia em que se comemora a independência de Angola, na Vila do GAMEK, encontrei a minha salvação. Estava perdido e na rua. Na casa do Arouca, rua 9. comi o ovo que minha salvadora tinha acabado de preparar para ela. Que atrevimento da minha parte. Fomos à ilha do Mussulo comemorar o feriado. Arouca pescava, nós limpávamos os peixes e eu, em determinado momento, segurei a mão da minha salvadora e perguntei: quando você tirou o aparelho dentário?

Ela respondeu - nunca usei tal aparelho; ou seja, elogiei o seu lindo sorriso. A partir daí, nunca mais larguei sua mão e hoje, sou o homem mais feliz do mundo e sinto também, ser o mais amado e o que eu sinto pelo meu amorzinho Myrian é um amor imensurável. Que Deus te abençoe, sempre e que faça esse dia ser abençoado eternamente. Minha felicidade, depende da sua e portanto, farei tudo pela sua paz, saúde e felicidade. Feliz aniversário, meu amor, obrigado por tudo que você faz por mim. Beijos.

O trabalho duro dos companheiros encontrava nos finais de semana (não em todos é verdade) a hora do descanso e da diversão, das conversas descontraídas, das gozações e “aldrabices”. Esconder-se da nostalgia.



“ **Conceição**

Tinha também os frequentadores dos dois trailers localizados perto do Bar Aberto sob a mangueira, que era o matadouro. O Social controlava as chaves, e os interessados faziam as reservas do “Hotel”.

Ir às praias, explorar novas praias mais distantes, sempre em grupo por questão de segurança física, beber e comer, praticar muitas formas de convívio para “esquecer” o mundo distante ao qual retornariam a cada 4 ou 5 meses, ou mais.





“ **Rodney**

Um fim de semana fomos a praia de rio e as meninas encontravam pedras de quartzo e diziam que era diamante. A segurança física quase nos prende.



Companheiros do interior, lá das minas, distantes das praias e talvez mais premidos pelas evidências das metas a serem atingidas, incorporaram a rotina dos finais de semana as tertúlias, os alongados comes e bebes (não necessitavam dirigir), o carteadado, os babas e ao viver mais convivência e, nas palavras do gerente de construção Civil, inusitado desprendimento.

“ **Bastião**

Vocês me perguntam porque todas querem dançar comigo? ... muito simples companheiro, tudo é uma questão de saber conduzir a dama!

“ **Ivete**

Alguém lembra da festa que o Buckanas fez e que a gente dançou? Tinha muita gente. Foi muito legal.



“ **Conceição**

Mr John Oglesby, que pessoa linda e calma, lembro de uma festa de aniversário dele que organizamos com motivo infantil, Ivete, Marize vcs lembram?? Depois no quintal da casa dele todos nós a dançar aquela dança acho que escocesa, formamos os pares e eles a

nos ensinar, lembro que o meu par foi o Bill que era da Engenharia Mecânica que tinha a cara de abestado kkkk, quando ele retornou de viagem me trouxe uma saia quadriculada que são fantasias deles lá na Escócia. Alguém lembra disso? A Bárbara morria de ciúmes da gente. Ivete acho que o seu par foi o Buchanan que também era escocês acho eu. .

Era a hora da descontração e da irreverência, “difamar” aqueles mais espaçosos, a hora de “invejar os mais “sortudos”, “denunciar” os” nós” dos companheiros; enfim aproveitar o tempo (mesmo curto) da equalização hierárquica. Bebericar, fofocar e muitas vezes ser carregado para o alojamento.

## “ **Cacá**

Cheguei ao Luzamba em meados de janeiro de 1992 e me impressionou, desde o início, a receptividade do pessoal; encontrei companheiros de outros projetos, alguns de meu ciclo de amizade; o Thelmo, Elson, e o Bil Fuba. Já conhecia o Eng. DJean, Dr Delmar, o Eng. Nilton Teti, além do Eng. Pedro Chaves.

Surpreendeu me muito a preocupação de todos em recepcionar bem os recém chegados; parecia que a palavra de ordem era não deixar ninguém cair no isolamento.

No meu primeiro dia o Elson e o Thelmo me levaram ali para o Beco, fui apresentado e parecia que todos já se conheciam a muito tempo... a integração era muito rápida, o ambiente saudável de muitas brincadeiras engraçadas, todos muitos espirituosos... Botini, Sydney, Decio, Hércules, Ricardinho, Ivete, Claudinha, Marize, Conceição, Lucival, Jobs,... muita gente.

A preocupação geral era de estar bem próximos, acolher os novatos; sabíamos dos problemas de segurança no País, más ali conseguíamos superar e esquecer momentaneamente estes problemas.. Ali estávamos juntos, não havia a distinção hierárquica, sem a preocupação com o nível hierárquico de cada um... Delmar, motoristas, operadores, todos os níveis... muito legal.

Além dos churrascos e das biritas tinha o futivoley, a peteca... quem não jogava participava zoneando os outros.

Aquilo era meu lazer.

Nos finais de semana, aos sábados começava mais cedo.. impressionante a solidariedade... muito legal; bem diferente de outros projeto...

## “ **Djean**

Mudamos para a famosa Guest House (Casa de Trânsito) no final de outubro e logo a seguir chegava o meu grande parceiro Paulo Ramos para assumir a Terraplanagem. Os desafios só cresciam mas as condições também, a tal SINERGIA era colocada em prática no trabalho (alguns arranca rabos) e no lazer (futebol, futevôlei, peteca, festas e um pouquinho de amor também). Agora a vida a dois requer paciência e resiliência, me divertia demais com as tiradas do Paulo, mas chegamos a um grau de intimidade que eu não tinha com minha mulher!!! E vou contar: Eu nunca fumei na vida e ele fumava escondido no quarto!! Guerra química, não sei o que o fdp comia, mas eu sempre perdia (com dedicatória, esse é para você gordinho). Lá no banheiro de porta aberta e gritava, pega o papel aí gordinho... depois de um tempo disse para ele se virar; aí foi minha desgraça!! Ele saía do banho e ia mudar de roupa no quarto, colocava a roupa na cama e se abaixava,

e eu dizia é o CORCOVADO em Luzamba!! E diante de minha recusa em pegar o papel ele vinha pegar, aí mudava para COCÓOVADO!!



“ **Guedes +**

Chefe eu tenho uma preocupação para lhe meter.  
- Oxente.. Você está a fim de se lenhar?

E iam gastar muitos dólares com o INMARSAT do Vilarinho.

“ **Pettená**

*“Quem bate esquece, quem apanha jamais.”*

Pouco tempo após chegar em Luanda o novo GAF (João Carlos) estabeleceu uma regra para as reservas nos voos de Luanda para a Lunda Norte. Eu, agora, reconheço a oportunidade e tempestividade do tema e da ação do GAF. Era mesmo um “mangue”. Difícil foi disciplinar a tropa, as suas urgências e motivos (incluindo os nós- não aqueles feitos com cordas)...

Certo dia o GAF, pelo rádio e, para todos ouvirem, passou-me uma descompostura (eufemismo para “esporro”) ... O Pettená não cumpre a regra, subverte a lista de reservas etc., coloca os peixes dele nos voos, etc...

Então ele que assuma o problema... não conseguem embarcar? ... resolvam com o Pettená, etc, etc.

Explicando melhor os acontecimentos: Por questão de custos e quantidade de aeronaves nem sempre havia a disponibilidade para todos embarcarem nas datas e horários pretendidos. Alguns Peixes furavam as filas de reservas, sim... verdade. “GAF João, corrigindo, os Peixes não eram os meus Peixes, eram os Peixes dos Deltas! Por estranho capricho do destino os voos (retorno para a Lunda Norte) das segundas feiras estavam sempre com “overbooking”... sempre as segundas feiras. Por alguma razão os nossos nobres e laboriosos técnicos agendavam as reuniões com clientes em Luanda sempre às



sextas feiras. Reunião no Ministério das Minas, reunião do Ministério de Comunicações, na Endiama, Inventário na Quinta Avenida... assim por diante. (Alguns engenheiros vi-  
nham efetuar inspeções noturnas em um Navio aportado na Ilha de Luanda; por vezes  
carregando “volumes” bem maiores do que uma simples “cachorrinha”). E, então pá,  
chegava a terrível segunda feira e não retornavam à Mina “culpando a falta de voo”, voos  
lotados, fechamento do aeroporto devido ao Cacimbo das segundas feiras...  
“Viu Sr. Frederico, o seu geólogo solteiro e bronzado dava nó em Luanda...  
Eu não merecia as suas broncas”.



Bebiam no dia a dia (após tratamento) das águas do Cuango.

“ **Myrian**

Era muita energia: passávamos a noite toda bebendo e trabalhávamos no dia seguinte como se nada tivesse acontecido. Nas madrugadas, íamos ao refeitório comer pão fresco,

depois de passar a noite bebendo. Povo maluco.

E os fins de semana - churrascada e cachaçada dançante à beira do rio? Só Jesus na causa. Lembro-me também de uma festa de Halloween. Um calor do inferno e as fantasias quentes pra caramba. Eu tinha 21 anos de idade. Assustei um pouco com a realidade que me aguardava, porém me vi diante de um grande desafio que precisava ser vencido. Mulheres do grupo: lembram do nosso futebol?

PQP, nunca dei tantas risadas: era chute no vento, rasteiras, as beldades caindo sem bola...

Nossa!

Rodney, o povo bebia mesmo! Eu ia trabalhar de ressaca às segundas.

O Projeto mais gostoso, foi o de Luzamba, sem dúvidas! Eu era ainda muito jovem e inexperiente em relação à vida no exterior. Mas, aprendi muito, amadureci muito e nunca esqueci dos amigos que fiz por lá. Foi mesmo uma grande alegria. Eu saí de Luzamba devido à guerra, mas Luzamba nunca saiu de mim e a maior prova disso, é que estamos aqui, tanto tempo depois, matando as saudades.



As nossas histórias contadas com seus ricos detalhes e nuances, testemunhos da presença narradas como história, trinta anos após demonstra 30 anos passados que sempre estamos retornando para Angola.



### **Ivete**

Quem lembra de um dia que estávamos saindo do escritório e uma multidão olhava um caminhão parado. Tinha atropelado uma cobra jiboia, muito grande, e a população apareceu para cortar a serpente.



### **Paulo Ramos**

O salão de jogos, com várias opções: Snoker, ping pong, cartas, pebolin, um outro jogo elétrico, no qual uma bolinha descia (esqueci o nome) ...

A nossa qualidade de vida melhorava a cada dia. Tínhamos também os jogos em área aberta: a peteca, levada pelos mineiros, (que nós, baianos nos negávamos a jogar), o futevôlei, o vôlei e o futebol. Estava tudo uma maravilha. Num certo domingo, depois da missa que frequentávamos como estratégia de aproximação com os nativos, o meu amigo Vitor, me convidou para almoçar em sua casa. Eu fui pego de surpresa. Me desconsertei e pensei no restaurante da Guest House, no padrão da comida e nos garçons uniformizados. Gelei. Porém, como eu poderia me negar a um convite daqueles, se tudo que estávamos buscando, era exatamente aquilo? Lhe agradei muito pelo convite, mostrei cara de muita satisfação e seguimos. Sua casa, no Bala Bala, era muito simples, de taipa e, deveras, muito humilde. Foi servido o almoço numa mesinha pequena, sem toalha por cima. Numa panela tinha funge em quantidade, e em outra, um ensopado de frango. Eu nunca havia comido funge (pasta de aipim, cosido, com um pouco de goma de mandioca. Acho que era isto), e eu tinha que demonstrar que estava adorando a comida. Jamais eu poderia decepcioná-los.

Antes de me servi, tive uma conversa franca com meu estomago e lhe pedi, pelo amor de Deus, que se controlasse. Comecei a me servir. Coloquei um pouco de funge e caldo do ensopado por cima. Comecei a comer devagar e consegui raspar o prato. Me dei por satisfeito e feliz por ter vencido mais um grande desafio. Qual nada! A esposa do meu amigo Vitor, usando seu pequeno vocabulário do português, falou que eu não tinha gostado, porque comi muito pouco. Eu, para mostrar o contrário, repeti o prato com um pouco mais de sacrifício e demonstrando mais apetite que antes. Almoçamos, felizes e contentes. Agradecemos-nos mutuamente, e eu peguei o carro e fui embora. Descansei bastante à tarde e à noite desafiei Delmar a jogar uma partida de ping pong. Ele se recusou e me respondeu que não jogava ping pong, e sim, tênis de mesa. Eu topei jogar tênis de mesa com ele, doido para ganhá-lo. Jogamos umas três partidas, e, perdi todas, porém, por placar apertado. Eu fiquei muito chateado por não ter feito o ping pong ganhar do tênis de mesa.



### **Jucá**

É Luzamba, tem muitas histórias, algumas mal contadas e várias outras jamais contadas. Porém toda história tem pelo menos dois lados. Além dos leopardos e hienas, a Fauna de LUZAMBA possuía também outras espécies. Pelo menos, as ovelhas e os cães pastores, que cuidavam atentamente do rebanho (ou pelo menos parte dele).



### **Nilton Teti**

Esse Djean é uma comédia. Quem também me chamava de Zê do Caixão era o nosso querido amigo, José Bezerra Marinho.

Eu tive o privilégio de morar por mais de um ano na casa do Naïm, na Vila do GAMEK, e foram muitas as vezes que Marinho, Leal, dentre outros, visitavam Naïm, e eu aproveitava essa convivência com tanta gente boa e inteligente.

Naïm e Delmar criaram mesmo uma joia de Projeto.

Afora alguns tiros de AK 47 que tínhamos que nos livrar, Luzamba foi mesmo uma maravilha!



### **Rodney**

Nilton Teti só se soltava quando tocava a música do Juan Luis Guerra....repetia não sei quantas vezes.



# A Implantação

Ainda no primeiro semestre de 1992 já operavam plenamente as lavarias de Mucussuca, Txipaxi, Janange e Tázua. Uma outra unidade DMS (Dense-Heavy Medium Separation) fora implantada em Mucussuca.

Para quem não sabe ou esqueceu o tal meio denso era aquela pasta de água com Ferro Silício (15% de silício e 85% de ferro) com densidade menor, mas próxima ao diamante. Em resumo, nas lavarias (vem de lavar) lavava se o cascalho, retirando os finos (argilas e siltes; os rejeitos) e depois jogavam este cascalho “limpo” em tanques com esta pasta. As pedras (sem os diamantes) “boiavam” (flotação) e no fundo assentava o concentrado onde se encontrariam os diamantes.

Este concentrado era levado para Central de Escolha.

A Central de Escolha era um local que sabíamos existir mas não sabíamos como era na verdade. Enfim, é assim que é; ou melhor foi assim que foi!



## Josué

Paulo Brito pqp, mande já este avião porra! Fdp. A mina precisa desta merda de ferrosilício. É para ontem caralho!. Ouvia porra!

Eta pozinho sujinho; era importado da África do Sul; em resumo, muita sujeira e poluição... muito longe do “glamour” de um brilhante.

A exploração simultânea de terraços, lezírias e do leito do Rio Cuango transcorria com muita intensidade e em turnos de 24 horas.



O desvio do rio em Tázua e as informações passadas pelos geólogos anteviam ótimas perspectivas de sucesso em todas as frentes.

Com os preços dos diamantes brutos no mercado internacional estabilizados, o ciclo logístico quase ajustado e a produção correndo muito bem, os tempos de dificuldades financeiras e as preocupações com “cash flow”, a tal equação financeira, perderiam importância.

O sonho de bamburrar estava sendo materializado...

*“Se o seu sonho não amedrontá-lo, eles não são suficientemente grandes”.*

A frase da escritora Ellen J. Sirleaf agraciada com o Prêmio Nobel de 2011.

O sonho sempre foi grandioso, portanto a nova ordem era acelerar, prospectar mais áreas atualizar informações geológicas, instalar e operar mais lavarias, melhorar as condições de habitação e vivência e, ampliar as pesquisas para outras áreas mais distantes, dentro da área de concessão do Projeto, que iria a montante do Rio Cuango até Tázua e a jusante ao distante Luremo. Depois do Cafunfo.



O Projeto empregava mais de 800 profissionais especializados, expatriados e angolanos de outras Províncias (denominados nacionais) e cerca de 2.300 trabalhadores locais com menor nível de qualificação. A este destinavam-se todos os esforços de treinamento, capacitação e assistência social.

Uma multiplicada de nacionalidades, no total de catorze na altura, integravam o quadro funcional do Luzamba. Um Projeto multidisciplinar e a diversidade de conhecimentos aportados também era muito elevada; desde o mais simples do trabalhador braçal até técnicos altamente especializados na avaliação de diamantes, passando por quase todos os segmentos de especialidades da engenharia civil, técnicos agrícolas, geólogos, engenharia de minas, técnicos em

explosivos, operadores de máquinas, técnicos em informática, especialistas em suprimentos e logística, especialistas médicos, enfermeiros, assistentes sociais, economistas, técnicos administrativos e financeiros, técnicos de recursos humanos e treinamento, nutricionistas, técnicos cozinheiros e de hotelaria entre outros e, uma grande gama de especialistas em segurança física e patrimonial.



### **Cariello**

*Salsicha, vodka e cerveja.*

O espírito sinérgico era o Luzamba. O espírito de servir era patente. Parte era a TEO e o grosso era a sobrevivência. O que um precisava, o outro contribuía. Tamos juntos. E nós os brasileiros estávamos experimentando uma internacionalização inovadora. Pela primeira vez a empresa não precisa do Brasil. O Brasil estava iniciando a abertura de mercado por ordem do Collor e Luzamba globalizou por ordem de Delta 1 e Delta 2. Vamos comprar onde for melhor. E Suprimentos comprava na África do Sul, Europa e Bahia. Só porque podíamos comprar em qualquer lugar do mundo, suprimentos comprou alojamentos novos de uma empresa tcheca. Não lembro se foi culpa do Bonilla, do Guedes ou do Josué, mas Arabela certamente lembra do contrato. Era o Bangú iniciando ou parte do Bangú. Donjuan deverá lembrar.

A nossa equipe de treinamento fazia a indução. Todos os que chegavam recebiam as informações da empresa e do Projeto que era crime levar diamante para casa, que refeitório deviam comer e onde dormir. Não comer as cabrinhas que tinham dono. Não comer as angolanas para não ter SIDA. Não comer o cozinheiro, só sua comida. Um dia aparecem oito branquelas suando na sala de treinamento. Moita me chama e diz que estes são para você. Entro na sala e estão lá oito tchecos. Um deles falava espanhol, um falava inglês e outro falava alemão. O resto era tcheco, tcheco, tcheco. Depois da indução lá foram os tchecos para o alojamento. No fim da tarde, o Matos de projetos aparece lá e me pede para ir com ele falar com os tchecos. Tinha dúvidas nas plantas, nos desenhos, nos símbolos: precisava de apoio. Chegamos no alojamento dos tchecos, e lá estavam os oito de cueca tomando sol, sofrendo com o calor. Reunimos todos na sala deles e começamos a perguntar. Mattos perguntava em português, eu traduzia espanhol, inglês e alemão. E os tchecos, tchecavam entre eles, e respondia em alemão, inglês e espanhol. Depois de uma hora de deliberações, Mattos concluiu que tinha entendido a bagaça do projeto e foi buscar uma grade de cervejas. Quando chegou a cerveja, os tchecos pegaram uma garrafa de vodka, e apareceu um salame húngaro e um pão preto, e um violão. O nível alcoólico subiu rapidamente. A cerveja acabou e veio mais uma vodka. E o violão começou a soar. E mais vodka. Um tcheco ainda de cuecas cantava canções tristes de saudades que pareciam familiares no intento. E mais vodka. E veio uma canção triste. Os tchecos todas cantavam. E sustentavam uma nota alta que parecia um berro de bode. Foi quando eu berrei junto e estava cantando. Milagrosamente em Tcheco! Cantei desafinadamente bêbado várias músicas de dor de corno tchecas. Depois de mais umas vodcas, o Matos me tirou de lá e me largou na porta da casa. Como dividia o quarto com Zé Pedro, que por seus roncoss turbinados, me obrigavam a só dormir ligeiramente alcoolizado, foi uma noite de sono tranquila. Moral da estória: para falar uma língua estrangeira, basta beber o suficiente. Quem não acreditar que pergunte ao Matos. Ou aos tchecos. Em tcheco é claro.



Os conquistadores do Contrato sempre pensaram em Projeto ambicioso e a extensa área da Concessão comprova a assertiva.

Em Angola utilizava-se com frequência o termo: “*Faltam os meios*”.

Toda a estrutura de apoio do Projeto desdobrava-se em Luzamba, em Luanda, em Johannesburgo e em Portugal e na Base Brasil para não faltarem os “meios”.

Seleção e recrutamento de pessoal, transporte aéreo para pessoas e cargas, suprimentos de materiais, bens, serviços, insumos para funcionamento das lavarias, disponibilidade de máquinas e reparos, abrigos para os novos “trecheiros”, alimentação, comunicações, informatização, estrutura médica ambulatorial, veículos de transporte, helicópteros, segurança, enfim toda uma grande estrutura de apoio dedicada a missão de não faltarem os meios” para exploração e produção de diamantes.



### **Cariello**

Eng Ferrão era pioneiro de uso de PC. Disse-me uma vez: o nome é personal computer. Um para cada pessoa. Eu tenho o meu. Uma figura agradabilíssima.

Profissionais de “procurement” foram colocados no Dundo (mais ao norte) e no N’Zagi. O Reina e uma pequena equipe foram residir na localidade de Andrada, próximo ao N’Zagi: objetivava identificar, no extenso depósito da Endiama, equipamentos e reparos para máquinas e lavarias. Uma forma de dar utilidade aos ativos da Endiama e apressar soluções para as operações mineiras. Adaptação e criatividade para resolver problemas pois não havia muito tempo para aguardar um novo equipamento ou item específico; todos os meios eram utilizados, não poderia haver solução de continuidade. Dar seus “pulos”!!!

Malanje também receberia um profissional (o velho Bastião) com a missão de apoiar as colunas em sua passagem para Luzamba.

“ **Carlos Guimarães**

Tudo que era encrenca sobrava para Mc Gyver (conserta bomba d’água, vai ver porque o gerador parou, vai recuperar a lavaria, vai montar a porra da ponte do Dundo, vai pegar malária arrumando os equipamentos da granja para receber os 5.000 pintos expatriados e instalar um sistema de irrigação na fazenda, monta um hospital feito de contêineres - maldita hora que fiz a oficina usando esta técnica- e mais um monte de pepinos, que apareciam tido dia) mas nada de trailers theco. Lembro dos trailers Kwikpacers sul-africanos. E do amigo Djean pulando fora, com muita disciplina e política, de qualquer obra que não fosse metálica para Mc Gyver fazer (Sem ressentimento amigo, era parte do desafio).

O Projecto Luzamba tinha vencido o risco de não “cumprir” a sua “Equação Financeira”. Encontramos os diamantes!! E eles “apareceriam” na forma de gemas de grande valor, após a remoção e processamento de toneladas e mais toneladas de cascalho.

Trabalhamos muito e encontramos lindas pedras de diamantes brutos. Encontrar os “brutos” foi o nosso “contributo” para o negócio dos diamantes. Nossos “objetos de cobiça”!!!



Especialistas, verdadeiros artistas e mais um “marketing” perfeito os transformam em maravilhosos. Símbolos do “glamour”!

Alguns os utilizam para “conferir”, continuamente, as horas

Outros, na verdade mais outras, para proteger o pescoço e evitar resfriados”

E alguns poucos, muito poucos, colecionam e adoram” “guardá-los em cofres.

Em 2019 as vendas de diamantes brutos no mundo, atingiu mais de 15 bilhões de dólares americanos. O negócio de diamantes como um todo, no mundo, estima-se, foi além de uns 150 bilhões de dólares.



Os diamantes são utilizados, além da joalheria, em muitas outras aplicações industriais, nas ferramentas de corte e perfuração, na microeletrônica, em células solares, na medicina, nas próteses ósseas, instrumentos de medição, etc e até no tratamento de água.

Tudo bem, mas nós do Luzamba estávamos dedicados a encontrar as “joias”, os “nossos diamantes brutos”.



Chegavam sempre mais técnicos especialistas; chegavam do Brasil, do Peru, da própria Angola e vizinhanças de língua portuguesa, das Filipinas, da Europa, e da África do Sul.

“ **Cariello**

Uma vez num domingo ia a Luanda. Delmar chegava e fui sozinho no helicóptero com Atandel. Quando chegamos no Cafunfo, não estava ainda o Kingair na pista. Ele subiu bem alto e viu no horizonte o avião chegando. Subiu mais alto e vimos a aproximação e pouso. Quando o King Air parou na posição, ele virou o helicóptero de lado e desceu de uma só vez. Uma queda controlada. A alguns metros da pista nivelou e pousou. Logo depois chegou meu estômago.



A demanda por transporte aéreo na ligação entre Luanda e a Mina cresceu e muito. Quase todos os dias uma, por vezes mais de uma, aeronave da SAL (Sociedade de Aviação Ligeira) Cessnas Caravans com capacidade para 10 pessoas pousava em Luzamba. Depois os Caravans foram substituídos por aeronaves B200 (Beachcraft) mais velozes e confortáveis da Sonangol aeronáutica.

As dificuldades e riscos da organização de colunas tornou necessário aumentar a utilização de aeronaves cargueiras Hércules, os C130 com capacidade para a rota ao redor de 20 toneladas. Os pousos dos Hércules passaram a ser muito frequentes, quase que diários em Luzamba e serviriam para o transporte de combustíveis, materiais de todas as espécies e de alimentos.



A expansão da exploração ao longo do Rio Cuango e as distâncias entre os diferentes pontos obrigavam a abertura e reparação de novas estradas de acessos, importava na necessidade de expansão das equipes de segurança física e patrimonial.

Para acessar com rapidez e maior segurança aos vários pontos ao longo do Rio Cuango, ao Cafunfo e a outras cidades da Lunda Norte um helicóptero (Alouette) de propriedade da Endiama e mantido e administrado pelo Projeto, permanecia em Luzamba com mecânicos e dois pilotos a disposição. No segundo semestre de 1992 um outro Helicóptero maior, Dauphin da Sonangol Aeronáutica, foi incorporado ao apoio das operações mineiras.

### “ **Bonfim**

Johan, o Atandel era psico ou qualquer coisa. Eu não sei, mas que era prazeroso andar com ele naquela máquina, ah isso era. Saí inúmeras vezes com ele para sobrevoar toda a extensão do Projeto para verificar a incursão de garimpeiros. E aproveitávamos para registrar tudo, principalmente para dar corridas nos garimpeiros e às vezes pousávamos para verificar o local. Uma das vezes Atandel nos mandou abrir as portas da máquina voadora para tirar fotografias. Éramos em três. Além dele, eu e mais um membro da segurança. Ele preparou o pássaro e fez ele caranguejar para trás, para cima e para os lados. E ao descer veio abanando em piruetas para os lados, com as portas escaradas e os dois passageiros presos pelo cinto. Cada voo realizado tinha que trazer as imagens dos garimpos identificados. Para mim era uma diversão essas idas e vindas. Mas para o nosso amigo Atandel era muito mais que isso. Ele se realizava e entrava em êxtase. Saudades dessas aventuras psicopatas ou não. Eu faria tudo outra vez.

Um fato curioso a lembrar, devido a elevada inflação a moeda local Kwanzas ia perdendo zeros e recebendo novos nomes, trazendo para o pessoal das finanças extrema dificuldade em obter papel moeda (em espécie) junto ao Banco Nacional de Angola para o pagamento aos colaboradores nacionais.

O dinheiro era transportado como carga aérea. Uma ou duas vezes por mês uma aeronave Cessna Caravan, com monitoramento e presença de seguranças do Projeto, era dedicada exclusivamente à tarefa de transportar os Kwanzas; algo como 400 a 500 kg de dinheiro vivo por viagem.

Apareceriam os diamantes e com eles aumentava cada vez mais a necessidade de prover segurança ao Projeto e aos colaboradores.

Neste instante a área, as localidades e as distâncias a serem vigiadas e protegidas cresceu em muito. Em Luanda, o Miramar, a Vila da Xuxa, a Quinta Avenida, as Colunas, os embarques no Aeroporto.

Lá em Luzamba, as lavarias, as frentes de trabalho nos desvios de rio, as instalações dos geólogos do Fred no Cafunfo, a Fazenda do Ivon, as escoltas para as viagens mais longas, a Central de Escolha e o perímetro da própria Vila de Luzamba.





Além de especialistas ingleses e brasileiros, selecionados e oriundos da elite do Exército Brasileiro, vieram outros homens para proteger a exploração e os colaboradores do Projeto. E o contingente do Victor Motta foi crescendo e se especializando: selecionou e trouxe um time de vigilantes angolanos, foi buscar cerca de 30 jovens do sul de Angola (lá do Cunene), de outra etnia, os Cuanhames e trouxeram do distante Nepal, os exóticos Gurkas, com seus costumes e as suas espadas kukri.

“

### **Victor Motta**

Diz a lenda que a kukri só sai da bainha para sangrar!

“

### **Bonfim**

Em uma delas, o próprio Brigadeiro esteve presente à frente da equipe quando apareceu sem prévio aviso nas instalações da DSI e foi recebido pelo Dr. Victor e lembro que uma das preocupações colocadas por ele, dentre outras, era com relação aos ‘cães de guerra’ utilizados pela segurança. Essa visita inesperada era uma espécie de reconhecimento do terreno. Ela ocorreu logo após a um outro incidente que ressaltou como ‘gravíssimo’, para quem viveu a situação, quando uma patrulha de cerca de 8/10 homens entraram na lavanderia de Mucussuca (bloco IV), salvo engano, para recolher uma amostra do cascalho que era rico e um dos melhores naquele momento. Isso aconteceu por volta das 23h00. Ao ser acionada o pessoal da segurança reuniu tb um grupo armado, com os cães, os



melhores para ação e fomos para o local, sob a liderança do Dr. Victor. Nos distribuímos em 3/4 carros e quando chegamos na lavaria logo envolvemos a patrulha, já no carrão azul - chevrolet, utilizado pelos invasores (o mesmo que esteve com o Brigadeiro nas instalações da DSI dias depois). Eles estavam parados na saída do bloco e a alguns metros de um PCtran montado tb pela DSI. Logo, éramos em maior número. O carro sofreu uma avaria quando tentavam sair da lavaria com o cascalho, e antes da nossa chegada. Não houve acordo entre a Direção da DSI e o responsável pelo grupo. Na carroceria estava um armamento pesado (uma sub-metralhadora cal. .50), em cima de um tripé sob controle de um deles, presumo o atirador. Em dado momento Victor Motta tentou se certificar do material que estava dentro de um saco branco (o cascalho). No momento em que tentou mexer no saco, a tensão subiu porque a arma foi voltada diretamente para a direção dele. Prontos para uma possível reação, demos um passo a retaguarda, quando o interlocutor pediu ajuda para ver se conseguiam fazer o carro deles funcionar. O pedido de ajuda foi negado e orientados para se retirassem das nossas instalações da mesma forma que chegaram até ali. E assim foi feito, com eles a empurrarem o trovão azul, escoltados por todos nós, até cruzarem o limite da área protegida. Empurraram a camionete até depois da Ponte sobre o rio Cuango, na direção de Cafunfo. Nós não podíamos ser o estopim para um incidente que pudesse justificar uma reação e retaliação ao Projeto. E, não fomos em nenhum momento. É por isso que estamos hoje, todos aqui a reviver o passado.







Motivar e “sinergizar” os colaboradores, principalmente os nacionais era uma constante preocupação; “festejar” aniversários, eventos nacionais e locais e integrar os locais.

Fazer o possível, para do lado da relação com os trabalhadores locais e suas famílias “reduzir” as distâncias e criar empatia, e pelo lado dos expatriados fazer de tudo para que “esquecessem” a distância de suas casas e famílias.

### “ **Galado**

Esse encarregado da olaria teve um problema com a equipe. Teve uma mini greve na olaria. O sindicato quis interferir. Colocamos todos na sala do treinamento. Alguns falavam português limitado. O encarregado falava nordestino carregado. Era prática depois do dia de trabalho parar na Rio para tomar banho. Nesse dia estavam atrasados. E ele falou q se não cumprisse a produção não ia dar tempo de tomar banho. E completou com a frase: vcs tem sorte de parar para tomar banho. No Brasil peão não tem nem como parar cagar no trabalho. A equipa entendeu q daí para frente eles não poderiam mais fazer às necessidades e com isso a reação de greve. Demoramos umas 4 horas de reunião para esclarecer a mal entendido linguístico. E passou a fazer parte do programa de indução falar sobre as diferenças culturais e linguísticas da região. Onde português era 2a língua. Muitas vezes bem limitada. Tinha uma atenção especial ao uso de palavrões. Muito comum no Brasil e para os portugueses, mas q em Angola não era comum e era falta de respeito.



No Luzamba, treinamento era coisa séria. Estava no contrato. Fazia parte da missão qualificar a mão de obra. Além do seu altíssimo valor social, também significava estar cumprindo o contratado com Cliente; um grande fator de diferenciação para o Luzamba em comparação com outros Projetos de mineração existentes em Angola.

### “ **Cariello**

Luzamba era minha-obra-projeto-social, onde o comportamento pessoal, o negócio e o interesse coletivo se interconectavam realimentando novos modelos, criando uma realidade fractal. Na epidemia de cólera que presenciei, centenas estavam condenados a morrer. Usando a estrutura de comunicação com os Sobas, criada para evitar greves violentas, foi-lhes ensinado que precisava ferver água. Este ‘ferver água’ foi ponto de ruptura, cuja consequência foi salvar de vidas, sendo esta consequência de um evento greve anterior. Assim era a equipe do Projeto. Estávamos ali não por acaso, mas por termos feito parte de conexões anteriores: pela empatia com o líder, por ter sido de Angra, Pedro do Cavalo, Santa Elena-...; por uma recomendação forte ou apenas por ter, sem saber, ter sido empurrado pelo rufar da asa da borboleta, aceitando fazer parte do sistema complexo do Projeto Luzamba.

Era parte da missão social para a Lunda, demonstrar ao cliente, à empresa e ao mundo, que o compromisso social estava em andamento. Além de economizar um caminhão de dinheiros em contratação de expatriados.

Os programas motivacionais: Desafios de Vencedores e Gigantes, além de buscar melhorias na produtividade em geral, eram aderentes ao objetivo de “levantar” a moral de todos.

A reclusão imposta pelas circunstâncias impunha a todos um “banzo” natural, que deveria a qualquer custo ser minimizado.





“ **Djean**

Iniciamos os trabalhos e percebemos que os pedreiros e carpinteiros angolanos eram apenas serventes, o que faziam pela manhã, desmanchavam a tarde. Aprendíamos rápido e nos convencemos em trazer expatriados com o objetivo de realizar/treinar os Angolanos...

Endêmica em Angola a malária (paludismo) cobrava o seu preço. Sempre houve uma preocupação na prevenção em tentativa de reduzir os casos, aplicação de testes (“picos”), fumigação rotineira e alertas de cuidados necessários, porém a maior parte dos expatriados não estariam confinados na vila, iam e vinham diariamente para as frentes de trabalhos nas lavarias e outros pontos, expondo-se ao risco.



Vários expatriados foram acometidos de malária, em alguns casos em sua forma mais perigosa – plasmodium fausiparum.

“ **Carlos Guimarães**

Este sem vergonha, eu na cama do hospital, ele é mais dois chegam com uma trena e começam a me medir, eu perguntei, que porra é esta? Este escroto disse que era para ver se tinha um caixão sobre medida no almoxarifado. FDP

Muito trabalho para as equipes médicas e de enfermagem do Dr. Sérgio, que além dos acometidos pela malária atenderiam no ambulatório outros casos de ocorrências; acidentes de trabalho, casos fortuitos traumatismos etc.



### **Carlos Guimarães**

Eu antes de pegar a primeira malária, junto com meu amigo e companheiro de quarto, o falecido Otávio e também o Dr. Sérgio, abríamos um Chivas todos os dias e jogávamos a tampa em um balde na área da sinuca, olha que quase enchemos o balde ligeirinho.



### **Claudio Medeiros**

Carlos você já tinha anticorpos de toda família de mosquitos. Tirava de letra! Aprontei tanto com o pessoal que pegava malária que quando chegou a minha vez, tive que me trancar no banheiro da área médica de Luzamba (Com o suporte de soro junto!) porque tinha uma turma querendo me pegar. Tinha até gente com seringa de whisky para pôr no soro...



# Trabalhando e Aprendendo a Viver!

Era agosto de 1992 e a grande promessa de “bamburramento” do Projeto, as obras do desvio de Tázua avançavam freneticamente, muitas máquinas e trabalho diuturno.

O trecho do rio que seria explorado tinha um comprimento aproximado de uns três quilômetros, uma área enorme a ser explorada.

O Cuango não é um riozinho qualquer, nasce no alto Chicapa, tem uma extensão de 1.100 km; cerca de dois terços em território angolano e é o maior tributário da margem esquerda do Kasai (no Congo).



Caudaloso atingia uma descarga média anual de 2700 metros cúbicos. Não é um “Velho Chico” mas também muito longe de ser apenas um “Riacho do Navio”.

Então este rio teria que caber em seu desvio. O desvio em si correspondia a uma distância de quase 2 mil metros, com 40 m de largura e 11 m de altura. Cerca de 1300 m foram realizados através de cortes; movimentou-se um volume de 550 000 m<sup>3</sup> de rocha dura basáltica. O segundo trecho, com o canal mais largo, era composto por dois diques, com 400 e 600 m cada um e com altura de 5 a 6 m.



Todo o final de tarde o “fogo” (explosões), eram realizadas gerando em torno de 10 000 m<sup>3</sup> de material a ser transportado.



### **Paulo Ramos**

Entre minhas atribuições, estava o desvio de rio. O leito do rio era muito rico em diamantes e, para explorá-lo, era necessário secá-lo, o que, só era possível, desviando o seu leito. Fizemos Cacuco, de forma muito precária, devido à falta de equipamentos. Tázua era um desvio enorme. Porém, já tínhamos bastante equipamentos. O trecho do rio que seria explorado, tinha um comprimento aproximado de uns três quilômetros, e uma área enorme também, a ser explorada. O desvio tinha mais ou menos, uns dois mil metros. Este desvio, era composto por uma parte em corte, com, mais ou menos, uns 1300,00m de comprimento, largura de 40,00m, altura de 11,00 m e um volume de 550.000,00m<sup>3</sup>, em rocha. Eu não lembro se era granito ou basalto. Era rocha dura, com certeza. O segundo trecho, era composto por dois diques, cada um com seus 400,00 a 600,00 metros de comprimento, e altura entre 5,00 e 6,00 metros. Para construção destes diques, utilizamos, uns motoscrapers antigos e recém recuperados. Os diques não eram muito altos, porque nessa parte, o canal se abria, tornando o novo leito, neste trecho, largo e raso. Talvez tivesse uns 300,00 metros de largura. Nós trabalhávamos em dois turnos: perfuração com quatro perfuratrizes, toda a noite, assim como, carga e transporte da rocha para o estoque. A área de estoque ficava bem próxima de onde seria construída a ensecadeira de desvio. Durante o dia, mais carga e transporte da pedra. O fogo era feito final da tarde e cada um, rendia em torno de 10.000,00m<sup>3</sup>. Fizemos toda a escavação em rocha, em 55 dias. Observo, que passamos mais de 15 dias sem explosivos. Mais umas três semanas entre mobilização, desmobilização e outros detalhes, concluímos esse desvio em 75 dias totais. Quando nosso projeto foi invadido, nós estávamos iniciando a construção da ensecadeira e Djean já tinha montado a ponte sobre o canal escavado. Deixo registrado o importante trabalho do querido e saudoso João Moreira. Profissional competente e comprometidíssimo. Ele me ajudou muito. João era uma pessoa gentil, leal, cantor e ótimo tocador de violão. Para chegar a Tázua, tínhamos que passar por algumas comunidades. Por segurança das pessoas e nossa também, nós passávamos nesses lugares, bem devagar. As crianças tomavam a frente do carro, pedindo comida e outras coisinhas mais. Eu fiz um pedido de bombons. E, assim que chegaram, eu levava num saquinho e distribuía



com a meninada. Eu distribuía na realidade, muita alegria para aquelas crianças. Eles já conheciam meu carro e o horário que eu passava, todos os dias. Certo dia, um dos meus colegas, não lembro se foi Djean, Pedro ou Delmar, me alertou para o fato de que, se uma daquelas crianças se engasgasse e tivesse qualquer complicação, eles, seus parentes, poderiam até me matar. Eu refleti e vi, que ele tinha razão. Eu avisei a todos que o bombom tinha acabado e nunca mais pude fazer aqueles garotos felizes.



A engenharia fez as contas e o resultado foi a construção de um “canyon”; O Desvio de Tázua.

Após 75 dias de trabalhos, lá pelo final de setembro/início de outubro de 1992 eram aguardadas as explosões para colocar o Cuango em seu novo leito; deixaria o antigo e milenar, para os exploradores de diamantes do Luzamba.

Um novo fundo de rio a explorar; muito maior do que o de Cacuso, virgem e promissor:

“ **Ivete**

Quando fecharam o rio... quando as águas baixaram apareceram muitos peixes e também muitos jacarés.

Grandes expectativas de encontrar muitas gemas!





No Luzamba, por razões de custos e das dificuldades de segurança do País, os colaboradores expatriados eram mobilizados sem as suas famílias (estas permaneciam nas suas bases de origem- locais de moradia).

“ **Rodney**

24 horas do dia juntos. Trabalhávamos juntos, exercício juntos, limpeza do quarto juntos. Nunca vivi com ninguém tanto tempo como fizemos durante meses.

O regime de trabalho contínuo em Angola antes de retorno às suas “bases” de moradia variava, conforme a posição hierárquica; 90 dias de trabalho e 15 dias de folga para diretores e Gerentes; 120 dias X15 para Chefes de Setores e 180x15 para técnicos especializados. Os Filipinos, contratados e mobilizados com outro modelo de contrato vieram dentro de um regime de 360x15.

Estas ausências e a necessidade de não interrupção das atividades do Projeto, cobrava dos colaboradores a delegação de atividades... formar substitutos e evitar descontinuidades.

“ **Paulo Ramos**

Eu tinha ido para Johannesburgo em minha folga. Minha família estava lá. Em viagem que eu fazia para encontrar meus filhos, eu voltava mais disposto e com mais vontade de trabalhar e de ver o projeto avançar, se firmar e crescer, porque , em consequência eu também iria me firmar, crescer e avançar... Eu estava doido para chegar e ver as minhas obras. Ver o quanto tinham avançado e como tudo estava caminhando. Pedro Chaves, sempre que eu ou Djean viajamos, ele nos substituiu com toda a sua competência e dedicação. Más eu queria voltar e ocupar meu espaço e dar continuidade ao meu trabalho.

O retorno temporário para casa era fundamental para a moral do Grupo... muito esperado.

“ **Djean**

you lembra dessa história.....eu ficava no fim de tarde dos domingos com uma turma na varanda da Guest House admirando as conversas e aí vinha o bode e namorava com 10 cabras na nossa frente!! Covardia!!

Quando não estávamos em casa, em nossas respectivas “bases, nós o “povo” trabalhávamos de segunda até a manhã do sábado.



Então chegava o Sábado hora de ligar para casa, falar com a família, fazer fila na “estação telefônica” e gastar uma fortuna de 500, 600 ou até mil dólares (disse dólares) por mês.

Logo surgiu uma alternativa, não tão discreta porém bem mais em conta. Falar pelos rádios dos radioamadores Tristão e Calado.





## Calado

Na minha família, que não é pequena somos ainda hoje em 6 radioamadores, o meu prefixo PY7 BBC, em Angola: PY7 BBC / D2A No primeiro dia, me informaram da central telefônica, o preço do minuto era U\$9.00, pensei, meu Deus, na mesma noite conheci Tristão (D2A ZPD) e vi ele com um rádio no quarto...procurei detalhes... faixa de 20 metros frequência de 14.270 imediações. No outro dia desci liguei pra meu irmão e avisei, avise a Papai, 20m 14270 imediações, horário de Brasil-15/15:30, chamarei..longo.... Primeiro contato com Brasil se deu no container de Tristão, e o mesmo me falou do container equipado com radio de ultima geral (o de Tristão um yaesu 757, o outro se não me engano um scanner, Victor deve lembrar), mas tem que falar com o coronel. Que coronel meu amigo... Coronel Mota ele é que é o responsável. Falei com meu amigo mota e de pronto me deu a chave para que possa usar o rádio. Iniciei as conversas diárias com meu Pai, sempre as 15/ 15:30, a notícia se espalhou..., identifique um amigo em Recife, por sinal angolano de Benguela, que tinha a famosa “Maricota” para fazer as chamadas para minha casa... custo zero, era de recife. Ao contrário das de Tristão que era através de “América” em Curitiba, e as ligações, claro eram sempre a cobrar. Os clientes começaram a chegar, a maioria do nordeste, pois as ligações fiavam mais baratas. Tive que limitar o número de pessoas e o tempo em conversa com as famílias, pois se não agisse assim iria dormir depois da meia noite, horário de Angola.

As Filipinas trouxeram da remota Ásia a dança do “jornal” que encontrou rapidamente muitos adeptos, os “escoceses” o “Kilt”; é verdade teve pouca adesão e os Gurkas dançavam com as suas espadas, pouca graça e obviamente muito perigosa para os expatriados mais “etilizados”.



“ **Cariello**

Tinha um encarregado da olaria não lembro o nome, que emprestou a motosserra para a festa de “halloween e me ensinou a usar. Eu estava com uma máscara de Jason. Com a motosserra ligada no salão. Entrei como um louco brandindo a motosserra na cara das pessoas. Tínhamos tirado a corrente. Mas o barulho era de assustar. Alexandre Moreira de vampiro no caixão.

“ **Paulo Ramos**

Relembrar é reviver. Luzamba é inesquecível, é eterna em minha memória e em meu coração. Os companheiros de “prisão”, mais ainda. Jamais eu os esquecerei. Eu guardo com muito carinho e orgulho, cada momento ali vivido. Foram momentos que enriqueceram muitíssimo o meu currículo e meu espírito de superação. Depois de Luzamba, todos os meus desafios, me pareceram pequenos. A convivência com colegas brasileiros, estrangeiros e angolanos, foi sensacional. Conviver “intimamente” hahahaha, com meu amigo Djean Cruz, foi muito enriquecedor. Um dos caras mais inteligentes e espirituosos com quem eu já convivi. Rodney, profissional sério, competente e grande jogador de poker. Altair, profissional de altíssima categoria (de quem eu nunca consegui ganhar uma partida de snooker), meu amigo Carlos Guimarães, um pequeno gênio das criações mecânicas, e de quem eu ganhava sempre no snooker hahaha. Jucá, Delmar, Alexandre, Nilton Teti, Naim. Tanta gente maravilhosa. Difícil de não lembrar sempre. Uma passagem com meu amigo Djean: eu decidi levar a família para África do Sul, para que os meninos aprendessem a falar inglês. E, conversando com ele, à noite, falei desta minha decisão e ele virou pra mim e disse - “o que Paulo Ramos, kkkkkkk, curso de inglês caro da porra”.



Naturalmente o Samba e o Forró dominavam os eventos musicais, mas embalados pelos Jorge Neto e Eduardo Paim aprendemos a dançar a Kizomba (o meringue angolano) e nisto a Maria João (a nossa escultural Miss Angola) ajudou, e em muito.



“

### **Anônimo 1**

Maria João se você na vertical causa este estrago todo fico imaginando na horizontal...

“

### **Anônimo 2**

My Friend essa Maria João merece um “alembamento” porreta! Eu mesmo, para noivar esta rapariga daria um caminhão de cerveja e caporoto, umas duas toneladas de fungi, todo o dinheiro que gasto no Inmarsat e um pasto inteiro cheio de bodes e cabras...

“

### **Anônimo 3**

Você teria que falar bem com o tio principal “... más deixe de sonhar... vá dormir e aproveite que seu o seu companheiro de quarto está viajando...

A saude gerava conversas e muitas estórias.

Porém o “hit” das paradas de sucesso era a música do compositor e cantor cearense Raimundo Fagner.

Algumas letras do “Hino de Luzamba” para recordar.

Borbulhas de Amor!  
Tenho um coração  
Dividido entre a esperança e razão  
Tenho um coração  
Bem melhor que não tivera

Esse coração  
Não consegue se conter ao ouvir a tua voz  
Pobre coração  
Sempre escravo da ternura  
Quem dera ser um peixe  
Para em teu límpido aquário mergulhar  
Fazer borbulhas de amor para te encantar  
Passar a noite em claro  
Dentro de ti.....

Até os roqueiros do “Pink Floyd” e do “The Doors” cantarolavam estes versos durante os “cheeky to cheeky”.



Gritar “incentivando” os jogadores dos “babas” domingueiros e passar o tempo ouvindo música consumindo destilados e fermentados acompanhados de churrascos, preenchia o final de semana dos Luzambenses.

### “ **Altair**

Lembro também de um jogo futebol, em Luzamba, Perereca no gol, copo do velho barreiro no pé direito do gol, daí uma bola até fácil, depois de alguns golinhos, ele ao tentar fazer bonito na defesa ao gol, bate com a boca no chão e quebra a dentadura. Ficaram ali os dentinhos no chão, deixando o muito desmoralizado naquele sinistro grave, foi duro..

Os colaboradores de Luanda recebiam a “vantagem” da proximidade da Praia. Com alegria receberiam e hospedavam constantemente companheiros lá das minas.

Incidentes anteriores com ameaças aos expatriados, sempre debitados aos garimpeiros ilegais e camanguistas (comerciantes ilegais de diamantes), desperjavam a atenção, mas não chegariam a causar grandes alterações na rotina do trabalhos.

### “ **Carlos Guimarães**

No dia que cheguei no “aeroporto” de Cafunfo o Major (não lembro o nome dele, era um pequeno Angolano/Português) meteu bala na frente de um soldado e na perna de outro na porta do contêiner e em seguida descobri que ele era que nos ir levar dirigindo uma Land Rover.

Ouvir tiros e presenciar a truculência da Polícia Nacional quando defrontada com alguma arruaça ou desobediência de garimpeiros ou populares não causava estranheza; desde os primeiros tempos, desde lá do Cafunfo estes problemas e riscos sempre estiveram próximos aos expatriados.

### “ **Djean**

No Cafunfo tínhamos como dormir seguro pq 01 casa depois da nossa era a casa do General Mendes e do Coronel Tavares. No Cafunfo aconteceram dois sustos, o primeiro foi qdo ia retornar para Luanda no Skyvan (container voador) e aguardava o pouso de uma aeronave do exército que ao tocar no solo perdeu o controle, saindo da pista e os (12) piloto/copiloto e passageiros do exército tiveram que voltar comigo no voo para Luanda alguns feridos gravemente e outros menos (choro e gritaria). A outra cena que me chocou foi qdo estava no fundo da casa com Paulão (ch. cozinha) e percebemos um alvoroço, abrimos apenas a janelinha da garagem e do outro lado da rua havia chegado uma carreta com víveres para o exército e todos foram para cima, ao olhar para a direita vi chegar o coronel Tavares e outros oficiais a gritar para se afastarem, eles não obedeciam e de repente um dos oficiais dá um tiro no joelho de um dos rebeldes a partir daí fechamos a janelinha, percebemos o silêncio e todos obedeceram às ordens dadas. A lei do mais forte (Selva).



Porém a confusão no Bala Bala cercando o carro do Djean, acompanhado pelo Nilton Brets e pelo Gilbertão, na estrada de Mucussuca, impôs como definitiva, a ordem de circulação de veículos sempre em grupo e/ou com escolta armada da equipe da Segurança Industrial. Também foram determinadas restrições de horários de circulação.

Premidos por metas ousadas as equipes de geologia e da exploração mineira requeriam mais e mais viagens de helicópteros entre as lavarias, áreas de prospecção e as Vilas de Luzamba e do Cafunfo, pressionando os pilotos a realizarem voos noturnos. Em prol da segurança, por ordem do Delmar e alívio dos pilotos, esta prática foi proibida.

Em setembro, dias 29 e 30 ocorreram as eleições gerais em Angola, a primeira com o voto universal em toda a sua história e motivo de festa no País. Foram três dias de votação e seriam muitos dias para a apuração. A UNAVEN esteve muito ativa nesta quadra.

A Unita propalou antecipadamente, a sua vitória, representava a maior etnia os Ovimbundos. Em Luanda causava apreensão entre a população que refletia no espírito dos nossos nacionais. Época de muitos “mujimbos”... a Unita não gosta de brancos...a Unita não gosta de mulatos....



### **Nazi**

Estão a dizer que a UNITA irá expulsar os cooperantes e mulatos. Por que a comunidade internacional não vê isso?

Antes mesmo de cantar, o Galo Negro amedrontava. Ao não aceitar o resultado das eleições que perdeu, a UNITA colocou risco a Paz.

Como parte dos acordos de Paz o governo disponibilizou aos elementos da Unita, aos seus familiares e aos altos dirigentes e cúpula militar, alojamentos e instalações residenciais em Luanda. Assim passariam a ocupar o Hotel Turismo no centro de Luanda, apartamentos, no bairro do Cazenga, apartamentos perto do aeroporto na estrada do Rocha Pinto, na Vila próxima ao Costa do Sol próximo e no complexo de casas da Endiama no Bairro do Miramar. Ali o líder da Unita, Jonas Savimbi, viria estabelecer-se com seus assessores e seguranças.

Em 4 de outubro de 1992 uma semana após as eleições o líder Savimbi deixaria Luanda e o Miramar; indo esperar pela proclamação dos resultados em seu “território” lá na Jamba.

E o “mujimbo” cresceu incorporando ao dia a dia a apreensão, especialmente para os nacionais, com relação aos próximos passos do “Galo Negro”. Voltava a etnia “cantando” mais alto.



Em Luanda ocorreu um episódio que assustou a todos os colaboradores da Odebrecht residentes em Luanda, que foi a explosão de um paiol de munições das FAAs localizado muito perto da fronteira norte da Vila do Gamek e perto da Vila da Xuxa. Na verdade, a existência deste paiol bem ali pertinho de nossa residência, era de absoluto desconhecimento para a grande maioria dos colaboradores. Nunca foi tema das nossas conversas.

“ **Neuza**

Na noite do paiol fugimos da Vila do Luzamba pelo mato em frente e lembro do Nonato que estava também, foi em cima dele que eu me joguei quando saltamos a cerca da Vila da Unavem. Quem tentou entrar pelo portão deles não conseguiu, mas a gente conseguiu pulando a cerca.

Era noite, os estrondos dos arrebentamentos acordaram a todos. A orientação para os casos emergenciais indicava que procurássemos abrigo na Vila do Gamek. Estilhaços, incandescentes, de bombas voavam pelos ares, caindo alguns na Vila da Xuxa e muitos na Vila do Gamek, mais próxima. Todos, sem deixar de olhar para o céu e acompanhar a trajetória dos estilhaços, procuraram abrigo junto às poucas construções de alvenaria da Vila do Gamek. Foram momentos de muito medo e levando-se pelas fofocas e imaginação já achávamos que a Unita teria retomado aos confrontos.



Uma bomba, que não explodiu, voou do paiol caindo na vertical, atravessou o teto da casa escritório do Gerente Financeiro. Fincou, semi enterrada, bem sobre o local da mesa de trabalho.

*Que desespero o pá. Ninguém faz nada?*

Tuga choramingado colado na parede da estação de força.

Três residências do Gamek (casas pré-fabricadas de madeira) forma consumidas pelas chamas. Na Xuxa pouco estrago.

Embora, aparentemente, não pudesse ser atribuído devido a sabotagem parte da Unita, soube-se depois, o episódio despertou de vez o medo e preocupação com a segurança imediata de todos. Começaríamos a conhecer e dar ouvidos aos Planos de Emergências elaborados pela Equipe de Segurança.



# A Interrupção

Havia um Plano de Emergência. Com a rejeição da UNITA ao resultado das eleições gerais, a Gerência de Segurança passou a monitorar amiúde todos os eventos político e militares que estavam acontecendo no País e, mais precisamente na Lunda Norte, no entorno do Cafunfo e de Luzamba.

Monitorava-se as ações da UNAVEM – a Força de Paz das Nações Unidas em Angola - que serviam como uma espécie de termômetro de verificação da “temperatura do ambiente” político e militar.

O Plano para tratar das emergências; de codinome “Operação Gama” que entre muitos detalhes estabelecia, fundamentalmente, definir se uma escala de “aquecimento” do cenário e a implementação das consequências e necessárias medidas de mitigação.

Eram três estágios: verde, amarelo e vermelho, em acordo com o nível de perigo/urgência da situação.

Durante as eleições em Setembro de 1992 o estágio verde foi acionado pela primeira vez e mais duas outras vezes até a invasão.

## “ **Cariello**

O projeto estava em plena produção. O grupo de gerentes estava dividido entre Luzamba e Luanda. A empresa tinha uma estrutura de cargos bem definida, quase militar: gerente de contrato, gerente de área, Chefe Setor ou Encarregado Geral na produção, Chefe de Seção ou Encarregado de Serviço, e as equipes. Em Luzamba as hierarquias eram complexas. O gerente de Contrato era Delmar. O sobrenome Siqueira só era usado por escrito. O Gerente Administrativo era Alexandre Rocha. E o Chefe de Setor de Patrimônio Humano, pois que naquela época chamar de recursos humanos tinha ranço de antiquado, era Alexandre Moreira. E eu era o Chefe de Setor de Treinamento. Um Chefe de Setor debaixo de outro Chefe de Setor. Na área de suprimentos tinha gerente debaixo de gerente. Em equipamentos também. Na estrutura hierárquica do Luzamba antiguidade também era posto, aprendi no dia a dia do Projeto. Como Alexandre Moreira estava em viagem, eu fui devidamente nomeado seu substituto eventual 3 semanas antes, em uma comunicação interna a todas as áreas, seguindo a política de comunicação publicada pelo Alexandre.

Em acordo com procedimentos previstos, paralisamos os trabalhos nas áreas distantes, lavarias e outros pontos, recolhemos os veículos e equipamentos e acolhemos todos os colaboradores na Vila de Luzamba.

O Sistema de comunicações HF passaram a ter uso restrito e transferimos estações do INMARSAT para o alojamento da “Guest House”.

Um ambulatório de emergência foi montado.

Ademais estocamos víveres (alimentos e bebidas) para eventual emergência e mantivemos a Equipe de Segurança em prontidão.

A evacuação aérea era a única alternativa plausível e considerada. A ideia era antecipar-se aos eventos, transferir os colaboradores para Luanda, sem desconsiderar as hipóteses de evacuação diretamente para a Namíbia (Grootfontein e Windoek) e mesmo Brazzaville na República do Congo.

Como parte do planejamento baseou-se em Luzamba, uma aeronave Hércules C130 da empresa Southern Air e tripulantes dedicados prioritariamente ao atendimento da emergência.

Sempre que liberada pela Segurança faria, também, voos de transporte de cargas entre Luanda e Luzamba.

Por um mês dois helicópteros de fabricação russa (MI 17) sob contrato da UNAVEM, também permaneceriam baseados em Luzamba, pousados junto a área da segurança.

Por coincidência ou não, nem os helicópteros nem a aeronave estavam em Luzamba por ocasião da invasão. A UNAVEM disse não ver a necessidade da manutenção de todo o aparato e o Hércules tinha ida a Luanda para retornar com cargas para Luzamba.

O estágio amarelo não chegou a ser utilizado; surpreendidos pela invasão passamos diretamente ao vermelho: evacuação!

## **Evolução Cronológica dos Eventos**

### **Em 27 de Outubro de 1992**

Lideranças da Unita em Luanda decidiram assumir o controle de todo o Complexo do Miramar. Tínhamos que sair e era para ontem, urgente.

Alguns companheiros que lá se encontravam viveram tempos difíceis ao presenciar cenas de violência e a morte de um dos segurança que prestava serviço na Residência do Embaixador – ocupante de uma das casas do complexo.

#### **“ Nonato**

“Boooa Taaarde, boa tarde Dr. Delmar a história do Miramar começou no saaábado, no saaábado... eu fui lá no Miramar; lembra de mim, sou o Nonato, Nonaaato.. seu amigo; ficamos juntos aí no Gamek aí, fazendo mingauzinho para o senhor aí ... de noite ... de madrugada, quando tomaram Capanda.

Pois é doutor a estória foi assim, começou no saaábado, eu fui no saaábado a tarde, eu

conhecia todo mundo lá, General Cacique da Unita, eu fui com ele... conversei com ele, primeiro tirei a nossa a botija de gás; nós estávamos na Vila da Xuxa e não tinha nem gás para cozinhar lá, eu fui lá no saaábado conversei com ele e marcamos para o senhor, eu e o senhor fomos lá; primeiro o senhor foi comigo lá, eu fui na frente fiquei lá frente do portão lhe esperando, dei o sinal o senhor veio lá ,aí foi apresentado ao General Cacique, aí o senhor conversou com ele para nós tirarmos todo o material do projeto... estava tudo lá trancado, fechado ninguém podia entrar... e ele combinou com o senhor que o senhor levasse um caminhão mas não levasse angolanos.

Aí virou muitas estoórias... Dona Helena quando o cara botou uma pistola na cabeça dela que ela foi falar que fosse naquele momento que ele fazia alguma coisa com ela. O cara se aporrinhou puxou a pistola e apontou para ela, ela ficou agoniada foi até para o Hospital lá no Gamek.

Então são muitas estoórias doutor, muitas estoórias...

Nós almoçamos lá, fizeram almoço para mim, comemos Bife com Funji de Milho. Muitas estoórias, almoçamos lá com o pessoal da Unita.

Fomos no caminhão daquele prestador de serviços... prestava serviços para a gente lá no Gamek, levar o material para lá, o Pita, negão que tinha uns caminhões de guerra velhos. Fomos lá.

Até neste dia agarraram o Jaime, queriam salgar o Jaime lá... Jaime vigilante aquele baixinho que tinha lá. Foi preciso intervir, eu tinha muita influência com eles porque eu era muito amigo deles.

Eu aprendi muito na Odebrecht, o bom viver com todo mundo então. não era a gente dar comida para eles... ter um bom verbo.

Quando a gente estava trabalhando e fazendo barulho eles iam lá pedir para não fazer barulho... o Dr. Savimbi estava por lá.na época.

Então foi mais ou menos isto, começou num saaábado, eu fui lá e conversei com eles e acho que foi no domingo fui eu e o senhor, fui na frente falei com o General Cacique ele lhe recebeu... foi lá depois nós voltamos para retirar todo o material de lá.

Por sinal me prometeram até um prêmio que eu espero até hoje este prêmio.

O prêmio foi a amizade que teve recebi muitas fotos lá do pessoal da Unita, davam retratos da família, dos parentes deles. Eu era muito amigo... eles gostavam muito de mim porque eu era um cara simples, sempre fui simples... um cara simples, gostava de fazer amizades... meu caso era fazer amizades.

Um dia eu sabia que precisaria desta amizade e Deus me iluminou neste dia, que conte o Adalberto Bello, no domingo lá quando fecharam o Miramar... Adalberto Bello deveria escrever também estas estoórias dele lá, o que aconteceu naquele domingo. Começou as cinco horas de manhã e as dez horas conseguimos sair de lá com a graça de Deus. Saiu todo mundo de lá, mas foi um sufoco o que passei por lá... eu nunca peguei pistola na cabeça, não sei se um dia vou pegar, mas eu peguei uma pistola na minha cabeça, quem me salvou foi o General Ben Ben, ele me salvou.

Foi na época que mataram o Eduardo, o segurança do Ministro, as cinco seguranças do Ministro, aqueles baixinhos que tinha lá da Polícia, Polícia Nacional, foram todos mortos, foi lá dentro do nosso complexo. O Eduardo foi morto no complexo da Endiama, não foi dentro do nosso quintal, da gente.

Más são estórias que marcaram a vida da gente, muitas lembranças e muiotaos amigos...

não se lembra destas estórias, tem testemunhas, Augusto meu companheiro, meu chefe, irmão que tenho até hoje.

Mesmo o senhor foi muito bom, devo muito que tenho hoje ao senhor. Uma vez o senhor disse para mim, Nonato você fica em Angola até quando eu ficar... não me abandone.

Quando teve a evacuação do Gamek eu botei as minhas malas no Baú e o Senhor disse para tirar. Eu fiquei aí com o senhor, foi na época que chegou o Dr. Otacílio.; Dr. Otacílio estava chegando, eu fiquei na sua casa morava na sua casa.

Más são lembranças doutor, que Deus lhe proteja, desejo tudo de bom para o senhor ... más são estoórias.

Uma vez um amigo me convidou para montar um livro aí das estórias que passamos más são lembranças, lembranças boas, eu tenho com boas.

Estou vivo, estou em casa agora, aposentado cuidando da minha família dos meus netos, por enquanto são cinco... família aumentando.

Um abraço a a todos que lembram destas estoórias que ...com a gente Adalberto, Augusto, o pessoal da Segurança, pessoal das Fnanças, os Vigilantes, o Valdir que embarcava a gente. Tenho muitos amigos aí.



### **Adalberto**

Meu kamba e parceiro Nonato!! Você foi marcante e determinante em nossa sobrevivência naquele dia em nosso escritório!!

O Eduardo era o guarda do kotakoama, o ministro compadre do Delmar!! Ele foi julgado, condenado e executado na nossa frente, foi triste olhar aquilo tudo acontecer!!

Como você, mesmo falou, seu contato com os dois generais foi marcante e salvou muita gente naquele momento!

Lembro que você conseguiu retirar todos os carros que estavam no escritório, cada um levou um carro.

Tinha gente que não tinha carteira e pouco dirigia!!

A ordem era retirar os carros e materiais.

Lembro também, que acordamos, por volta das 5 horas da manhã, com todos aqueles guardas nos retirando dos quartos e ficamos em um paredão esperando o general.

Estávamos só com a roupa de dormir naquele momento.

Graças a Deus, quando o general chegou, ele falou com você e solicitou a tropa para liberar todos os brasileiros.

Você foi nosso grande líder naquele momento.

Deus estava com você meu amigo em suas ações e atitudes.

Você salvou a todos naquele momento.

Infelizmente, não consegui salvar o Eduardo.

Mas você o alertou um dia antes, eu lembro bem dessa passagem...

Tem outras passagens, que só com tempo meu amigo.

Eu sempre falo para meus amigos e filhos, se estou vivo hoje, agradeço muito ao nosso chefe de cozinha Nonato.

A tensão entre as partes, Governo e Unita chegara a um ponto crítico.

O DPA Paulo Lacerda em face a escalada de violência, decidiu reduzir ainda mais o contingente de colaboradores expatriados no País. Antes, cerca de um mês, os familiares residentes em Angola já haviam sido “desmobilizadas” como medida de segurança.

Atingiu principalmente os companheiros do Projeto Capanda, e quase nada o Projeto Luzamba, pois em nosso caso já estávamos sem as famílias.

Os Projetos iriam ser mantidos em ritmo mais lento e as condições de segurança em geral constantemente monitoradas.

### **Em 27 de Outubro de 1992**

No Cafunfo integrantes da Unita fizeram manifestação em praça pública dizendo que iriam ocupar toda a região mineira do Cuango.

#### **“ Victor Motta**

A informação foi passada por um de nossos colaboradores que disse estar presente nas manifestações passando-se por um simpatizante dos rebeldes; uma forma de sobreviver e não sofrer posteriormente, quando da invasão, risco de vida. Para nós a declaração não causou qualquer estranheza; um povo que aprendeu a sobreviver a uma guerra de mais de 30 anos haveria de comportar-se como um camaleão alinhando se ao poder presente em cada ocasião.

Na semana anterior, trabalhadores do Luzamba (do terceiro turno) haviam recusado, por três vezes, trabalhar por medo de serem atacados. Soldados rebeldes eram constantemente vistos circulando pelas estradas de acesso às minas e lavarias.

A Segurança Industrial convenceu os trabalhadores a continuarem com a rotina da operação oferecendo-lhes escoltas armadas para o transporte deles. As ausências ao trabalho aumentaram em muito durante este período.







### **Victor Motta**

O medo justificava tudo. Do nosso lado mostrávamos descrentes com a possibilidade de uma ação violenta por parte dos rebeldes contra qualquer uma de nossas instalações ou colaboradores.

Proporcionar futuro foi a maneira encontrada para garantir a nossa perpetuidade no Projeto, pois fazíamos todo um processo de integração com os trabalhadores e comunidades; desde a seleção havia a preocupação de demonstrar-lhes os benefícios que o desenvolvimento do Projeto iria proporcionar.

A atuação da Unita nas semanas após as eleições, reverteu totalmente os sinais positivos que estavam surgindo e pelos quais havíamos nos empenhado muito.

### **Em 28 de outubro de 1992**

Quatro elementos armados invadiram a lavaria de Mucussuca apoderando-se de vários sacos de cascalho ainda não beneficiados.



### **Bonfim**

O Cmte das forças invasoras na época era de patente mais elevada que a de capitão. O camarada Sto. Antônio era um Brigadeiro. E nos 10 dias que antecederam a ocupação, como uma tentativa de provocação e tb sondagem, o pessoal da segurança teve duas situações frontais com o pessoal de Cafunfo. Em uma delas, o próprio Brigadeiro esteve presente a frente da equipe quando apareceu sem prévio aviso nas instalações da DSI e foi recebido pelo Dr. Victor e lembro que uma das preocupações colocadas por ele, dentre outras, era com relação aos 'cães de guerra' utilizados pela segurança. Essa visita inesperada era uma espécie de reconhecimento do terreno. Ela ocorreu logo após a um outro incidente que ressalto como 'gravíssimo', para quem viveu a situação, quando uma patrulha de cerca de 8/10 homens entraram na lavaria de Mucussuca (bloco IV), salvo engano, para recolher uma amostra do cascalho que era rico e um dos melhores naquele momento. Isso aconteceu por volta das 23h00. Ao ser acionada o pessoal da segurança reuniu tb um grupo armado, com os cães, os melhores para ação e fomos para o local,

sob a liderança do Dr. Victor. Nos distribuímos em 3/4 carros e quando chegamos na lavaria logo envolvemos a patrulha, já no carrão azul - chevrolet, utilizado pelos invasores (o mesmo que esteve com o Brigadeiro nas instalações da DSI dias depois). Eles estavam parados na saída do bloco e a alguns metros de um PCtran montado tb pela DSI. Logo, éramos em maior número. O carro sofreu uma avaria quando tentavam sair da lavaria com o cascalho, e antes da nossa chegada. Não houve acordo entre a Direção da DSI e o responsável pelo grupo. Na carroceria estava um armamento pesado (uma sub-metralhadora cal. .50), em cima de um tripé sob controle de um deles, presumo o atirador. Em dado momento Victor Motta tentou se certificar do material que estava dentro de um saco branco (o cascalho). No momento em que tentou mexer no saco, a tensão subiu porque a arma foi voltada diretamente para a direção dele. Prontos para uma possível reação, demos um passo a retaguarda, quando o interlocutor pediu ajuda para ver se conseguiam fazer o carro deles funcionar. O pedido de ajuda foi negado e orientados para se retirassem das nossas instalações da mesma forma que chegaram até ali. E assim foi feito, com eles a empurrarem o trovão azul, escoltados por todos nós, até cruzarem o limite da área protegida. Empurraram a camionete até depois da Ponte sobre o rio Cuango, na direção de Cafunfo. Nós não podíamos ser o estopim para um incidente que pudesse justificar uma reação e retaliação ao Projeto. E, não fomos em nenhum momento.

O terceiro turno de operação das lavarias, iniciado no começo da noite, foi interrompido e os poucos trabalhadores que se apresentaram ao trabalho, dispensados.

## “ **Bonfim**

Que maravilha relembrar, agora em forma de histórias a serem contadas, depois de 30 anos, as experiências vivenciadas em Luzamba. Enfatizando ao que a Verinha disse Luzamba foi ocupada pelas forças de Savimbe na tarde do dia 31 Out 1992 - um sábado, por volta das 17h00. Lembrando que na noite do dia 30/10 eles tomaram Cafunfo por volta das 18h45min, quando a nossa Central de Comunicações recebeu os primeiros relatos do nosso pessoal a partir de Cafunfo. Ouvíamos, inclusive os disparos de armas pesadas enquanto, recebíamos as msgs transmitidas via rádio. Acredito que Ferreguette e o Dr. Victor Motta, devem lembrar muito bem a respeito desse desenrolar. Antes da ocupação duas coisas me vêm a memória: uma foi a da chegada de um avião da Endiama vindo de Luanda para pousar e que um elemento das forças da Unita postado a frente da entrada do canteiro da Vila e bem armado, dizia que aquele avião não iria pousar. Nesse momento a direção do Projeto estava reunida e não consegui passar a situação para o Dr. Victor Motta. Com muito custo e alegando que a aeronave teria necessidade de pousar, consegui a flexibilização com o camarada da Unita, para que o pouso acontecesse. Era um sábado por volta das 10h00 da manhã. O segundo fato: é que a invasão e ocupação das instalações do Cuango já estava certa. Já havia forças junto a sede da administração do Governador. E tb nos acessos de quem vinha de Cafunfo pela Estrada. Por volta das 13h00 daquele dia 31/10 recebi uma outra comunicação via rádio, em um dos canais alternativos da DSI, vindo de uma das nossas posições a partir de Cafunfo, que um contingente da Unita, iniciara um deslocamento a pé em direção a Luzamba, com previsão de

chegada às nossas instalações ao fim do dia, entre 17h00/18h00, o estimado. Ainda, por volta das 13h00, no refeitório, tb fui informado que a população que vivia nas proximidades do Bala-Bala e Bangu I, nas proximidades do Rio estavam fazendo a ultrapassagem para o outro lado da margem do Rio, abandonando as suas casas. Esses fatos foram todos oportunamente repassados ao Dr. Victor na medida em que iam se sucedendo. Tudo se confirmou com a ocupação ja esperada na tarde/noite do dia 31/10/1992

## **Em 29 de Outubro de 1992**

As 19:30 h no canal 4 do sistema VHF, ouviram-se as primeiras notícias sobre o ataque ao quartel da Policia Nacional no Cafunfo, que cairia em poder da Unita após algumas horas.

### **“ Victor Motta**

Havia uma tranquilidade anormal no ambiente. Os encarregados mais próximos comentavam que a maioria dos trabalhadores haviam faltado ao trabalho e os que foram trabalhar passavam notícias desencontradas, porém com um ponto em comum, o eminente ataque da Unita.

Na área dos escritórios o movimento de colaboradores era bem reduzido.

De manhã chegou o boato da invasão do Cuango.

Aumentava o nível de preocupação entre todos.

A Base do Luzamba no Cafunfo era bem próxima do Quartel; nossos colaboradores, pelo rádio, pediram ajuda.

A orientação do plano de emergência era que, em caso de conflito no Cafufo, seguissem para a Fazenda.

### **“ Ivon**

Um dia antes do Ataque da Unita, fui incumbido pelo grupo de residentes da Fazenda de fazer uma prospecção dos caminhos estrada que nos levavam da Fazenda até a sede do Luzamba. De bermuda e camiseta liguei a Toyota e iniciei a viagem. Percorri uns 10 km por uma estrada e encontrei a mesma fechada, instruída com uma barreira de terra pedras e árvores. Fiz o retorno para a outra estrada opcional saindo da que tínhamos tomado. Cheguei até a primeira ponte grande para iniciar a travessia. Como de praxe, desci e comecei a olhar a estrutura da ponte para ver não havia nada de errado. Quando estou levantando debaixo da estrutura sinto algo gelado na nuca. Viro era um dos soldados da Unita que junto com um grupo de mais quatro ou cinco saíram do nada. Me deram uns tapas e murros, confiscadas as chaves da Toyota me fizeram sentar numa grande pedra e começaram a carregar a Toyota com cascalho, para posterior procura por diamantes. Enquanto isto, eu permanecia sentando apavorado na grande pedra e de quando e vez um deles dava uma rajada de metralhadora pro meu lado. Naquele momento me veio a cabeça uma música do Raul Seixas. E eu aqui sentado, esperando a morte chegar...Terminado o carregamento do cascalho me colocaram dentro cabine, um dos militares dirigindo seguiram por uma estrada, da qual, eu nunca havia passado. Rodando uns 20 km e chegamos a um acampamento da

Unita. Me amarraram numa barraquinha e lá fiquei por umas 4 horas amarrado. De vez enquando Cunha dava uma olhada na amarração e me falava que iam me soltar... Passado mais ou menos umas 4 horas depois de preso, para a minha surpresa Pararam com a Toyota na minha frente, entregam a chave e mandam que eu fosse embora. Embarquei na Toyota e tive que colocar a chave na ignição com as duas mãos de tanto que tremia. Voltei nas estradinha mais rápido que o Ayrton Senna e lá chegando fiz este relato. Inclusive deixamos tudo pronto para a fuga da Fazenda pois os militares da Unita falaram que iriam tomar posse da Fazenda no dia seguinte. Sai desta ileso por um milagre de Deus.

Em reunião, o Comandante do pelotão da Polícia Nacional instalado na Área de Segurança, declarou que pretendia abandonar imediatamente o local pois considerava a invasão iminente e que não possuía efetivos em condições de deter os homens da Unita.

Em Luzamba a inquietação aumentava entre os trabalhadores, principalmente entre aqueles do terceiro turno das frentes de trabalho nas lavarias e áreas da exploração mineira. Requeriam escolta da Segurança para dirigirem-se ao trabalho.

#### “ Ivon

Nossa saída da Fazenda com destino a sede do Projecto Luzamba foi uma odisseia. Passamos a noite dentro de um trailer que tínhamos na fazenda. Quase não dormimos. Falamos muito pelo rádio amador com o Brasil via Dna. América, senhora de Curitiba que era nossa porta voz no Brasil. No decorrer das conversas ela nos questionou sobre o ataque da Unita. Mencionou que as TV's brasileiras haviam noticiado muito levemente o ataque. No dia seguinte cedo, preparamos a Toyota e iniciamos a jornada de ida para a sede do Projeto. Carregamos alguns kits propinas que eram comidas e cerveja e fomos. Encontramos militares numa ponte onde trocamos os kits pela travessia. Depois de 2 horas de viagem finalmente chegamos a Luzamba onde fomos recebidos com muitos abraços.

Havia considerável crescimento no nível de hostilidade das populações de comunidades vizinhas do Bala Bala, Camarianga e Caicesse; atiravam pedras e garafas vazias contra a passagem de veículos da empresa. O fato foi atribuído a ação de agitadores insuflados por kamanguistas descontentes com a pressão que recebiam da nossa Segurança.

Neste mesmo dia os membros do Gabinete de Fiscalização da Endiama e mais alguns nacionais em cargo de chefia, foram embarcados para Luanda, em uma aeronave B 200 da Aviação Ligeira e, em um Helicóptero Dauphin da Sonagol Aeronáutica. Funcionários diretos do Governo Angolano que eram, corriam alto risco de vida no caso da invasão. Dificilmente seriam poupados pelos invasores.

## “ Johan

Pouco tempo depois conseguimos evacuar os colegas da ENDIAMA, um grupo pelo King Air, e depois, a diretoria pelo Helicóptero Dauphin que estava na placa. Este helicóptero rumou a Capanda para reabastecimento, just in time para conseguir continuar até Luanda. Isso tudo antes da chegada da coluna de comandos da UNITA pela estrada do Cafunfo e a explosão de atividades daí em diante.

Às 15:00 h o Posto de Controle de Janange informou que elementos armados aproximaram-se e feitos disparos.

## “ Johan

Eu costumava sair para o escritório bem cedo, antes de muita gente. Ao chegar na guarita, reparei uma cena inusitada: O nosso guarda usual estava ausente. Mas no lugar dele, sentado no meio fio da calçada, avistei um pequeno homem todo vestido de uma capa verde oliva, com boné meio frouxo, mas portando um fuzil de assalto AK47 no ombro. Parei o carro e olhei para ele. Nunca havia visto o uniforme de campanha de um homem da Unita. Ele ficou de pé, caminhou em minha direção, lentamente, contornando o carro pela frente e se posicionando ao lado da minha janela aberta. Estatura de homenzinho, adolescente ou pré-adolescente! Fuzil no ombro, aparentemente bem comportado. Esbocei um sorriso, que ele retornou de pronto. Aí a nossa conversa foi mais ou menos assim:

- Eu sou o Johan. Como tu chamas?
- Sou Pedro
- Tu és do Bala-Bala?
- Não chefe
- Onde nasceste, então?
- Chefe, não sei
- Pedro, quantos anos tens?
- Chefe, não sei (ele parecia uns 15, ou 16 anos)
- Pedro, vou te chamar de Pedrinho tá bom? Penso que tens uns 16 anos
- Largo sorriso do Pedrinho
- Posso passar, para ir ao trabalho?
- Sim chefe.

## **Em 30 de outubro de 1992 - manhã de sexta feira**

Em Luanda o dia começava dentro da tensa normalidade daquele período. Muitos “mujimbos”, mas nenhuma notícia ou motivo maior para interrupção de atividades no Aeroporto, na Quinta Avenida e nos Escritórios. As preocupações com Luzamba ainda permaneciam no terreno de hipotética invasão.

A impressão geral, que permanecia na mente de todos, era que caso houvesse uma invasão ela seria realizada de forma pacífica.

No entanto, ainda nesta mesma manhã, soldados da UnIta empreenderam as-

salto ao Aeroporto de Luanda forçando a entrada pelo acesso próximo ao Terminal de Cargas. Cercados em Luanda tentavam escapar pelo aeroporto, para sequestrar aeronaves e fugir da cidade. Foram repelidos pela Polícia Antiterrorismo (os ninjas) designada para proteger o local.

Escortados por policiais, utilizando-se da Estrada do Golfe, pois a rota usual pelo Rocha Pinto estava fechada em razão dos conflitos, o Josué, o Cleber e o Rui Costa juntaram-se ao Pettená para operar as funções de recepção e liberação de aeronaves no Aeroporto de Luanda.

### **Reconstituição e diálogo entre Naim e Pettená:**

-Delta 2, Tango Uno chamando. Câmbio.

-Na escuta Tango Uno. Câmbio.

-Delta 2, muitos tiros, maior tiroteio aqui no aeroporto. Estão tentando invadir o aeroporto. Está ouvindo Delta 2? Câmbio.

-Tango Uno devagar, devagar está difícil a escuta, Tango Uno Confirme a sua localização. Desta 2, estou aqui abrigado na sala de operações da TransAfrik. Câmbio.

-Tango Uno, Tango Uno, você está bem?

-Muito assustado Delta 2. Estou bem e com muito medo. Câmbio.

-Tango Uno mantenha posição. Vamos ver o que fazer. Câmbio e desligo.

Dormiriam nos carros e eram abastecidos por alimentos e bebidas através da “ponte terrestre” entre o Gamek e o Aeroporto, sempre pelo Golfe e com escolta policial.

Além deles “deliciavam-se” com sandes e gasosas preparadas pelo Nonato e seus meninos, alguns tropas Ninjas e um grande contingente de colaboradores nacionais evacuados de Luzamba e retidos no aeroporto. De lá saíam apenas na segunda-feira, dia 2 de novembro de 1992, após a confirmação da decolagem do último voo de resgate com os últimos expatriados que ainda restavam em Luzamba.

### **“ Cleber**

Caso ainda não tenham relatado, lembram do episódio que vivenciamos no aeroporto de Luanda, quando detonada guerra que alastrou-se pela capital? Naquela oportunidade recebemos instruções que o maior (Dr. Baiardi) seguia para nossa posição e tínhamos que obter combustível para a aeronave que o levaria para Brazzaville. Arrombamos o depósito de combustível, fizemos ligação direta no caminhão tanque... Um de nossos filipinos dirigia.

Bom...recordou-se. Vou pedir inclusive contribuição nosso parceiro de hospedagem ao relento kkk Josue Cerqueira.

Tem outro episódio interessante ... quando estávamos comendo umas sandes na Comissaria Aérea do Aeroporto e uma bala traçante estorou o vidro da janela bem perto de nós. Um bom susto...

Outros locais, moradias e bases da Unita em Luanda, no Miramar, no Hotel Turismo, na Vila Alice, na Vila Acampamento mais próximo ao Hotel Costa do Sol estavam sob forte ataque.

Na vila do Gamek, quartel general da coordenação das operações de evacuação, expatriados e angolanos, sentiam os estrondos das bombas que caíam sobre a vila motel ocupada pela Unita no caminho do Costa do Sol. Sem saber exatamente o que estaria acontecendo e quais os alvos dos eventos, abrigaram-se em improvisadas trincheiras ali construídas, lá permanecendo por um bom tempo.

“ **Neuza**

Tive o prazer de estar nas trincheiras de mini saia e salto alto... naquela terra vermelha... os diretores todos de fato e gravata no meio da terra. Estavam a bombardear o Motel ocupado pela Unita.

A guerra explodia em outras cidades do interior do País. Em Luzamba, logo pela manhã chegou a informação de que o Cuango havia sido tomado.

“ **Cariello**

O dia anterior a invasão, era uma sexta-feira. As eleições tinham acontecido há exatamente um mês. E o resultado não tinha agradado aos perdedores. Em Luzamba tínhamos notícias que havia guerra em Luanda. Nunca Luanda havia sofrido combates. Nossa percepção era que em Luanda estariam todos seguros. Nós éramos o alvo. Uma área de produção de riquezas, que historicamente já fora utilizada para comprar as armas da guerrilha e muitas mortes já havíamos presenciado nestes meses de operação. Já na quinta-feira se havia registrado uma grande quantidade de trabalhadores faltantes. Sabia-se de movimentos dos guerrilheiros da Unita na região. Havia sido dada a ordem de recolher as equipes de campo. E parar a operação. Trazer todos para a Vila do Luzamba. Havia a equipe do Tázua, que acampava por lá. E o pessoal da fazenda pelos lados do Cafunfo. Haveria a evacuação, era uma questão de tempo.

As ações previstas no Plano GAMA foram iniciadas e o CGC (Centro de Gerenciamento de Crise) acionado. Todos os carros foram recolhidos, todo o pessoal das diversas frentes de trabalho chamados de volta para a Vila de Luzamba e a decisão de evacuar tomada. Documentos mais sensíveis deveriam ser recolhidos.

“ **Vilarinho**

No acampamento da Mina, já há alguns dias que os trabalhadores locais estavam agitados e falando que a UNITA iria retomar a guerra. Esse clima de insegurança se instalou no canteiro. Era conhecido de todos a forma como a UNITA atacava e as barbaridades que fazia. Na noite anterior, quinta-feira à noite alguns gerentes foram chamados para uma reunião e recebemos a informação de que a UNITA havia iniciado ataques no interior, Cafunfo (localidade a uns 50 km de Luzamba) já havia sido tomada pela UNITA e que, provavelmente chegariam a Luzamba na sexta-feira dia 30 de outubro.

“ **Victor Motta**

Fora acordado que não haveria nenhum tipo de reação em caso de a Unita ocupar as instalações da empresa, para não colocar em risco a vida de todos.

A evacuação era um fato, não havia como permanecer em Luzamba.

Colaboradores expatriados foram orientados a organizar suas bagagens, limitadas ao peso máximo de 5 kg para cada um; a ideia era que o restante pudesse seguir em algum instante no futuro próximo.

Bem cedinho a aeronave Hércules da Southern Air havia voado para Luanda e o seu retorno, com cargas de rotina, aguardado para logo após o almoço.

Uma outra aeronave Hércules da Transafrik pousou com uma carga de combustível. Estas teve o tanque container depósito de gásóleo sacado; esta viria ser retida para ser utilizada no primeiro voo da evacuação.

Equipes da Segurança haviam preparado a pista de pouso com iluminação de emergência usando latas com estopa, areia e óleo diesel.

Às 16:30 h elementos da Unita invadiram a área de segurança do Projecto e receberam alguma resistência do reduzido grupo - cerca de 30 homens - de policiais da Polícia Nacional que lá permaneciam.

“ **Cariello**

O sábado dia 31 de outubro começou cedo. Ninguém foi ao campo. E os que estavam, receberam a ordem de voltar. Os alojamentos estavam cheios com todos apreensivos. No rádio, já se sabia que o Cafunfo estava tomado pela guerrilha. O pessoal da Fazenda tinha feito contato e vinham a caminho. Com a morte do sogro na cabeça, não tinha dormido nada, ficando acordado até tarde com Zé Pedro.

Antes das 7 da manhã, já estava caminho dos escritórios. Fui à minha sala, esperei o Moita chegar. E fui à sala de Alexandre Rocha, com o intuito de dizer que precisava ir para o Brasil. Amaro estava lá com ele. Ao me ver, apenas falou: já ia te chamar, vamos evacuar todos. Você precisa organizar a lista dos voos. E quantos voos precisam. Cada Hércules leva 180 a 200 pessoas. Mulheres, visitantes, maiores de 60 e consultores devem sair primeiro. Primeiro os expatriados e depois os nacionais de outras regiões. O Centro de Crise vai ser na Guest House. Vamos todos para lá.

O meu problema pessoal desapareceu diante desta missão.

No DP estavam Lucival e Jobson. Informei que teríamos que fazer as listas de pessoal. Na impressora tínhamos os nomes de todos. Mas precisava fazer a seleção. Exportamos o arquivo texto para o Paradoxx. Os consultores não estavam na lista. Estes só estavam no BD de crachás.

Os poucos angolanos disseram que a Unita tinha invadido o Cuango. Naquele momento estávamos cercados. E veio a ordem de evacuar os escritórios. Não tinha outra saída que



não fosse o aeroporto. De lista em punho subimos para a área residencial.

Na Guest House a sala de TV era o centro de crise. Mostrei para Alexandre as listas, confusas ainda. Era a listagem alfabética e estávamos fazendo a seleção à mão. Quando sai da Guest House, vi decolar o avião pequeno. Eram os representantes da Endiama sendo retirados. Era consenso que eles deviam sair rapidamente, pois como representantes do governo, estariam em maior risco. Alexandre me chamou e disse para ir ao aeroporto falar com o piloto da Transafrik, ele estava dizendo que ia decolar e não tinha nada a fazer ali. O Sierra Juliet que era o nosso avião de evacuação tinha decolado de manhã e não tinha voltado ainda. Era preciso garantir o Transafrik. Já se havia pedido para retirar o tanque de combustível do avião, mas o piloto insistia que não podia ficar esperando. Ele tinha que decolar, com ou sem gente dentro. Pedimos via rádio para colocar o caminhão baú na frente da aeronave. Não lembro de quem foi a ideia, mas o Gilberto da elétrica dirigiu o caminhão. E por que eu ir ao aeroporto: eu falava inglês.

Peguei o carro de Delmar, um Toyota 4Runner prata estava com Alexandre e fui para o aeroporto. O piloto sul africano estava bravo. A primeira frase foi *you're committing an international crime*. E daí piorou. Esse caminhão na frente é sequestro, vocês não podem me segurar aqui, os guerrilheiros estão chegando, entendo fazer a evacuação, mas é para ser agora. Conversei com ele e convenci que ele não podia decolar, que podia ter guerrilheiro no mato e podiam derrubar o avião e somente podia decolar com a autorização nossa e deles, que tínhamos conversado em fazer uma evacuação planejada e eles entrariam sem violência. Chamei ele para vir comigo conversar com o Centro de Crise. Ele não quis. Gilberto me garantiu que o avião não iria a lugar nenhum. O piloto concordou em esperar a permissão que prometi que ia ver. Tínhamos um controlador de voo português contratado pelo Pettená: Fernando Simões. Foi dito a ele que as decolagens não estavam autorizadas. Mas como ele disse, se o avião decolar como segurar.

Sai do aeroporto e fui para os escritórios. Entrei direto no CPD. Eu tinha bom relacionamento com a equipe. tanto que Omar várias vezes me perguntara se eu não tinha mais o que fazer para não atrapalhar os meninos. Estavam todos lá em processo de backup. Omar, Paul, Josuezinho, Menezes, Garcia e Andrezinho. Precisava rápido de uma lista que tivesse os critérios de evacuação. André se dispôs a ajudar a gerar as listas e adicionar os critérios. O processo era complicado, exportar os arquivos txt do sistema básico, associar ao BD de crachás em clipper, identificar sexo, e criar as queries.

Foi quando os tiros começaram. E explosões. Rajadas em volume variado com um bum, bum, bum. E no telhado do CPD estavam clique, clique dos projetis batendo. O CPD ficava numa área bem interna e era de alvenaria. Eu me abaixei por reflexo, e ao olhar em volta não tinha ninguém. Todos embaixo das mesas. Eu não estava presente no evento anterior de violência e não tinha dentro de mim a reação de me abrigar com eles. André falou logo, vamos morrer e abaixa aí. Os tiros ficaram mais fortes, próximos. E se afastaram. Bateram na porta. Fui abrir, e gritaram comigo para deixar trancado. Pensei e falei, e guerrilheiro vai bater na porta e a voz da Myrian, do outro lado, em deixa entrar. E entrou Myrian e Maribel. Logo depois entrou Conceição. E mais alguns. Ficamos esperando chegar o silêncio.

Quando os tiros pararam, peguei os papéis com as listas impressas e partimos para a área residencial.

Quando estava saindo, o segurança angolano que estava na porta, saiu escondido e pe-

diu. Me salva chefe, vão me matar. Não sou quioco, vão me matar. Ele tirou o uniforme da segurança. Abri o carro e escondi atrás do banco traseiro, puxando a cobertura da SUV. Não sai daí sem que eu diga. E colocamos uns panos em cima. Myrian falou que o almoxarifado estava cheio de gente. E na área de equipamentos também.

Começamos a nos reunir sem saber o que fazer, o que tinha acontecido de verdade, se estavam na área residencial, se tinham mortos. No rádio não se falava nada. Perguntei se podia subir. Alguém disse que sim. Na estrada que ligava os escritórios à Vila, passavam pessoas correndo, homens e mulheres, alguns com armas na mão. Não se sabia mais quem era quem. Organizamos uma caravana de carros na frente do hospital. Eu com o carro de Delmar na frente. E uma fila de outros atrás. Frank da Área de Materiais veio correndo e falou que precisava de uma bandeira branca para eles não atirarem. Ele tirou a camiseta branca que estava vestido e se sentou no capô da Toyota. Falou, vai devagar. E começamos a seguir em direção a Vila. Ao sair do portão dos escritórios, Frank agitava a camisa como se fosse uma bandeira. E seguimos lentamente. Os carros estavam com os vidros abertos. Um guerrilheiro com uma AK, veio correndo e gritou é o Chefe, é o Chefe, deixa passar. E correndo se pendurou no estribo da 4Runner, passou o braço por dentro da coluna e levantou a AK. E me falou não te preocupa chefe, não te vai passar nada. E outros garotos guerrilheiros começaram a correr ao lado do carro. Nunca soube o seu nome, mas acho que foi este salvo conduto foi dado por um dos muitos alunos dos treinamentos fizemos. Ao entrar na Vila Residencial estava em frente a Guest House, Alexandre Rocha, Pedro Chaves e Vilarinho e mais um grupo de outros. Escutamos um tiro e uma gritaria. Um guerrilheiro mandou estacionar o carro do outro lado, em frente a casa das mulheres. Os carros foram chegando e parando. Saímos todos do carro e falei para o segurança, fica aí e não se mexa.

Ficamos esperando e Alexandre Rocha e os demais se voltaram para entrar na Guest House. E os guerrilheiros começaram a dispersar. Fechei o carro com a chave e fui para a Centro de Crise com as listas de pessoal. O caldo tinha derramado e agora a retirada programada tinha ido para o Brejo.

### ***Primeiro Voo***

Os gerentes estavam reunidos na sala de TV da Guest House. Faltava Paulo Ramos. Eu tinha 2 opções: ficava a ajudar na evacuação ou passava a bola. Amaro tinha me perguntado se eu estava bem. Respondi que sim. Como eu não tinha a dimensão do que estava acontecendo e só conhecia o pouco que me estavam informando, parecia que era mais uma tarefa a cumprir.

Alexandre pediu que fosse falar com o piloto de novo. Perguntou das listas. O que tinha eram as impressões do sistema. E que o avião sairia proximamente. Foram buscar as mulheres. Na frente da Guest House começou a juntar gente. O piloto estava na Guest House. Ao me ver foi logo dizendo: I told you. We should have taken off hours ago. There is no negotiating with guerrilla. Novamente expliquei o que estávamos planejando. Dessa vez ele teria outras pessoas com quem conversar. Estava começando a escurecer e para poder decolar, começaram a por latas com combustível na pista para fazer a baliza. Criamos um sistema de senhas. Eram 2 números iguais. Cortei papel em quadrados na beira da mesa e numerei. Eu rubricava e Dr Sergio também. Toda senha tinha 2 assinaturas que tinham que bater o com numero que estava na mão de quem ficasse na porta do avião. Só assim saberíamos quem iria embarcar. Isso não funcionou. A senha

de contraprova não foi mais utilizada. Demos os números para as mulheres. E para os demais que tinham prioridade. Os angolanos tinham que ir também tinham medo de ser abandonados. Se nos deixarem aqui vão nos matar.

Soube que Paulo Ramos tinha sido encontrado. Ele tinha se escondido na Vila do Bala Bala no meio da confusão e somente depois de garantir que estava tudo bem voltou. Estava visivelmente alterado. Ele foi trocar de roupa e recebeu uma senha. Alexandre pediu que tirasse do grupo todos que estivessem com medo, que pudessem causar problema. Não sabíamos quanto tempo íamos ficar ali e precisava manter a equipe.

Quando anoiteceu tinha a certeza de que toda a peãozada estava viva. E isso já era muito bom. Desde as eleições os passaportes que ficavam no DP, tinham sido distribuídos aos trabalhadores. Alguns poucos que estavam no DP, foram entregues neste momento.

Já tinham começado os saques e havia uma sensação de insegurança geral. Guerrilheiros e pessoal local começaram o pegar tudo que tinha pela frente. Entravam nas casas, que não tinha gente, nos alojamentos, no escritório. Entraram na Guest House e foi combinado que lá dentro não ia ficar nenhum guerrilheiro.

No cair da tarde, parecia que todos os expatriados estavam na Guest House. Uns dentro, outros no jardim em frente. Cada um com sua cachorrinha. Era o que se podia levar. Quem tinha mais bagagem do que a mala de mão, entregava a mala e esta ia para uma pilha ao lado dos ônibus. Depois todas as malas foram colocadas na caçamba de um caminhão. Muitos tinham comprado TV com vídeo cassete, sistema de som, rádios e outros produtos importados que no Brasil era muito caro. Jucá tinha um verdadeiro studio no seu quarto. Quando ele ligava o som, a Guest House toda escutava. Estes não teriam como embarcar.

Aos poucos alguns foram pegando comida: pacotes de biscoito, pão queijo, frios, estavam sendo consumidos. Começamos a distribuir as 180 senhas. Depois das prioridades: a ordem era alfabética. Os médicos deviam ficar caso necessário. No Jardim da Guest House, na escada da varanda eu fazia a chamada, um a um pelo nome. A pessoa entrava pelo corredor dos quartos e ia esperar no pátio interno da cozinha pelos ônibus. Tinha um segurança dirigindo um dos ônibus, Moita e Gilberto nos outros. Segurei umas 20 senhas na minha mão e fui andar no meio de todos. Perguntava como estava, se tinha alguém mais nervoso, e dava as senhas para quem precisasse. Tive que numerar de 180 a 200 e continuei no meio dos trabalhadores. Seleccionando os que não tinham estrutura de aguentar mais uma noite. Alguém me pediu, deixa eu ir, tenho problema de coração. O instrutor de treinamento de construção civil era um senhor de 70 anos. Um dos mais velhos. Dei a senha para ele, ele me agradeceu e disse que não precisava. Já tinha vivido bem e não era essa situação que ia deixá-lo ali. Insisti com ele. Mattos trabalhava com o filho. Os dois iriam juntos.

As 9 da noite os ônibus saíram para o aeroporto. Voltei para a sala de crise. Sentei-me entre Miguel Calado e Dr Sergio Moreira. E comecei a revisar as listas para identificar quem tinha sido evacuado. Não dava para ter certeza. Tiquei em ordem alfabética e tentei me lembrar. Mas pelo menos agora todos os que tinham sobrado faziam parte da folha e o nome estava ali para os próximos voos.

Não fui ao aeroporto, vimos o Hercules decolar. Não tinha nenhum guerrilheiro a vista. Fui até o carro, abri a caçamba e falei para o segurança que estava escondido desde de tarde sair, ir trocar de roupa e esconder o crachá. Voltei para a sala de TV da Guest House.

Na mesa tinha uma garrafa de vinho bom. Tomei um gole com Pedro Chaves, ele falou é isso My friend.

Era o momento de fazer novas senhas para o segundo voo. Os que dormiam na Guest House se recolheram para os quartos. O burburinho diminuiu e muitos dos que estavam no jardim voltaram para os alojamentos próximos. Os demais entravam na Guest House. Apareceram colchões e colchonetes e cobertores. E cada um foi se esticando num pedaço. Todos juntos. No refeitório, nos corredores, onde tinha um pedaço de chão alguém se esticava, andávamos entre as pessoas dormindo. Uns já roncavam alto.

Em um dos quartos, o pessoal da Telecom instalou um Inmarsat. Com a janela fechada. Ricardinho me mostrou. Sócrates e Sergio Deloco estavam lá. Deloco era consultor visitante, mas disse que não iria no primeiro voo. Reginaldo entrava e saía agitado. Sentei-me com eles e ficamos deixando a noite passar esperando saber notícias do avião ter pousado em Luanda e quando voltaria para nos buscar. Veio a informação que Luanda estava sob ataque. Não dormi esta noite.

O tiroteio demorou uns 20 minutos. Logo controlaram o local e invadiram a Central de Escolha.

#### “ **Bonfim**

A Direção da Segurança, os Chefes de Seção, e parte dos efetivos brasileiros que forem previamente selecionados e reunidos para lá, do qual eu fazia parte, não estavam preparados para aceitar de forma passiva uma situação daquelas, e sair da maneira como saímos. Porém, sempre atentos e cômicos das nossas missões e responsabilidades. O grupo não foi montado do dia para noite. Muitos, já bastante experientes em situações adversas semelhantes a que vivenciamos, estava ali, ao chamado do que seria mais uma missão de serviço. O final foi difícil e frustrante, e falando por mim, sai desmoralizado e muito triste. A nossa formação exigia uma resposta que não demos, mas sabíamos, não poderia ser outra, dadas as circunstâncias e, também por tudo o que estava em jogo. Na minha cabeça, no primeiro momento é que fomos “covardes” e isso me machucou e ainda machuca muito ... quando lembro. Depois que tudo acabou e, ao chegarmos a Windoeck,

Vieram em três colunas; a primeira atacou a área de segurança, a segunda dirigiu-se para aeroporto e a terceira para a Vila Residencial.

Três elementos vieram a pé atirando correndo ao redor da cerca de proteção e entraram na Vila Residencial.

#### “ **Conceição**

No dia do ataque do Luzamba, lembro que aparentemente naquela manhã parecia tudo calmo, fomos ao escritório trabalhamos a meio gás, regressamos a Vila para o almoço e fomos informados pelos nossos superiores que a tarde não era para sairmos da Vila, ficamos apreensivas com tal informação mais agimos dentro da normalidade.

Na K-2, casa em que eu residia juntamente com mais 12 meninas, como era habitual quando não estávamos a trabalhar, umas ficavam em seus quartos, outras na sala a ver televisão, e algumas no quintal a jogar conversa fora. No final desta tarde, eu e mais

algumas meninas ainda estávamos no quintal sentadas na porta do quarto da saudosa Fatima, quando de repente começamos a ouvir as rajadas de tiros, mais até então não tínhamos certeza do que se tratava, foi quando uma das meninas entrou a correr no quintal e a gritar para entrarmos e fechar tudo que aquela barulheira eram tiros de verdade e que estávamos a ser atacados.

Corremos para a sala, todas nervosas e a tremer de medo, ainda conseguimos trancar as portas e janelas, mais o barulho dos tiros de metralhadoras eram muito intenso e parecia que estava muito próximo de nós, no meio de todo desespero, tivemos a ideia de nos esconder no banheiro pois parecia o lugar mais seguro da casa, ficamos agarradas umas às outras a chorar, de repente descobrimos que faltava uma de nós e era a Lidia, sabíamos que ela estava em casa, corremos no quarto dela agachadas por medo dos tiros, e encontramos ela escondidinha em baixo da cama, com muito custo puxamos ela para o banheiro e voltamos a nos trancar. Agachadas bem agarradas umas às outras a chorar, de repente a Marcia Garrido juntamente com a saudosa Fatima, pediu que parássemos de chorar para rezarmos, mais o medo de morrer ali era tanto que muitas não conseguiam se controlar. Meu Deus que desespero e os tiros não paravam, não sei precisar ao certo o tempo que isso durou, só sei que quando o barulho dos tiros amenizaram, bateram na nossa porta fortemente, aí foi que o bicho pegou, a tremedeira aumentou e só se ouvia sussurros aí meu Deus e agora...., a Marcia Garrido apertava as nossas mãos e rezava com mais força, mais a nossa concentração estava no toque das batidas na porta, de repente....ouvimos vozes conhecidas a gritar os nossos nomes "Meninas podem abrir somos nós.

As rajadas de metralhadoras e explosões de granadas foram os sons ouvidos na Vila Residencial e nos escritórios .

### “ **Calado**

Quando na sexta, depois do almoço que houve a invasão, eu morava no trailer vizinho ao de Delmar, quando ouvi os tiros, não acreditei, mas quando boto a cabeça pra fora vejo guerrilheiros adentrando o portão..., você chegou a entrar naqueles trailers? Tinha uma vaga embaixo da cama, que era exatamente o lugar da mala. Tirei a mala, e, não sei como me encaixei naquela vaga...., passados alguns minutos.., a bala cantando ...., (veja o que pensei), meu Deus esses trailers são de fácil penetração de projéteis..., se eu morrer, ficarei aqui é ninguém sentirá minha falta...., mas eu meu pensamento o problema era muito maior...., ficarei em uma posição e não poderei ser enterrado naturalmente. Em frações de segundo, sai do buraco da mala, sentei no chão e como católico que sempre fui, comecei a rezar..., o tiroteio cessou..., e todo mundo foi em direção da GH.

A confusão e gritaria eram intensas. Corria-se sem saber para onde e sem o pleno conhecimento do que estaria acontecendo. Na verdade, não havia alternativa.

### “ **Cariello**

Após o breakfast na Guest House, desci andando para os escritórios. Havia um contingente menor de angolanos. Estava um burburinho diferente, com uma sombra de algo sério

a acontecer. Havia um plano de evacuação que me era desconhecido. Ou seja, eu era da equipe que seria evacuada e não que evacuaria, pensei eu. Já havia a ordem de recolher as equipes do campo. Eu peguei um rádio Motorola que estava com a equipe de Serviços Gerais e pus na cintura e passei a escutar o canal 2 com mais atenção. Alexandre Rocha era Alfa 1, Amaro era Alfa 2 e os demais não lembro mais. Eu não tinha um número asignado ao alfa. O dia passou lento, sabendo que os gerentes estavam discutindo a evacuação. A minha ignorância era uma benção.

Na entrada da área operacional tinha um portão com um segurança. No desenho dos escritórios, no primeiro corredor à esquerda era a área administrativa. A primeira porta à direita era Gerência Administrativa, com Alexandre Rocha na sala do fundo e no salão da frente a secretaria geral com Ivete, Marise e Vicky. No próximo corredor à direita, ficava o Departamento de Pessoal com Lucival e Jobson e o recurso local Joaquim\*. Na sala em frente estava Recrutamento e Seleção, com Marcia Garrido e Fátima. E no corredor à esquerda, Serviços Gerais, Treinamento e Serviço Social. O treinamento ocupava 2 containers de 20 pés inteiros e mais um terço. Minha sala junto com Alexandre Moreira era o pedaço de um terço de container com 2 mesas frente a frente. A outra parte do container dividido com um tabique era o serviço social, com Celisia, Conceição e Eliana. Um dos containers era a sala de treinamento, onde dávamos os cursos teóricos e indução dos trabalhadores e no container do meio ficavam 2 mesas para os instrutores, uma mesa com o nosso computador Compaq e uma impressora Epson. O treinamento tinha recém recebido um Toyota Bandeirantes fabricado no Brasil para poder ir ao campo. Tinha assinado um Doc Mat e escrito um jipe Toyota. Tive que mandar a informação no patrimônio, pois que no meu relatório de custos enviados pelo o Altair ter sempre constado um veículo que nunca tivemos o uso, pois tinha sido encampado par a produção meses antes – prioridades.

Neste dia todos os treinamentos tinham sido suspensos. Eram 3 instrutores brasileiros e 2 angolanos. Todos ficaram nos alojamentos. Só o Moita, instrutor e administrativo da área, o instrutor angolano Almeida\* ex-militar das FAPLA e o nosso estagiário, Joaquinito estavam no setor. Joaquinito com dezoito anos e me tratava como se fosse seu pai desde o dia que, como auxiliar de limpeza, ao varrer o treinamento, falou que queria aprender a usar o computador e pediu uma vaga. Ele não levava jeito, mas era uma esperança. Muito aprendi com o Almeida, sobre como era organizada a estrutura das Fapla e da Unita e como os grupos muitas vezes conviviam para que as comunidades os mantivessem, até quando pudessem atacar uns aos outros. Os dois angolanos conversavam que a coisa estava a ficar preocupante. E que a coisa ia complicar. Muitos movimentos no Cuango. E já vão a chegar no Cafunfo. A Camanga vai correr solta. Cruzava com alguns outros no corredor, com semblantes preocupados. Os gerentes estavam em reunião. Foi um dia de não trabalho, somente prontidão, como dizia Amaro e conversas de pé de ouvido.

Já era noite, ao sair do jantar na Guest House, recebi o recado para ir ao quarto do Tristão. Tristão era da produção; encarregado de terraplanagem e rádio amador. Ele tinha um equipamento HF. Seu prefixo Delta Dois Alfa Zulu Papa Delta, Tristão de angola para o mundo - fazia com que conseguíssemos falar com nossas famílias sem pagar os 9 dólares por minuto do Inmarsat. Tristão falava com Castro, um angolano que morava no Leblon, e com outros radioamadores do mundo, mas a nossa conexão era América - Papa

Ianque 7 AEC - uma senhora amabilíssima de Curitiba. America tinha uma maricota, e fazia a conexão do rádio com o telefone, chaveando manualmente. Ela era tão importante para o Luzamba, que havia pouco, a empresa comprou um phone patch automático para ela. O processo era simples, fazíamos fila na porta de Tristão. Dávamos um telefone e uma hora. Ele e América faziam a conexão. E ela ligava a cobrar para o telefone e falávamos alguns minutos de forma simplex matando as saudades e trocando notícias. Ao chegar, Tristão chamou América e ela disse que minha namorada, com quem em casei 2 anos depois, tinha ligado com urgência. Ao fechar conexão da ligação a cobrar, Bia chorava do outro lado do mundo. Eu olhava para Tristão, e seus 3 companheiros de quarto e mais a fila de pessoas na porta do quarto sem entender. Até que no meio dos soluços ela falou: papai morreu hoje. América interrompeu o phone patch. Pedi a America informasse que iria ligar pelo inmarsat. Soube depois que América confortou Bia enquanto eu me deslocava para o telefone.

No caminho entre o alojamento de Tristão e o carro, escutei no rádio que o Cafunfo estava sendo invadido. Devia ser umas 7 da noite. Na mesma hora, veio e pergunta: e o pessoal do Cafunfo e da fazenda? Não tinha notícias. No rádio tentava-se contato. Ivon estava numa trajetória complicada. Nós preocupados que ele conseguisse chegar no Luzamba. Como mandar uma equipe de resgate, sem saber onde estavam. As comunicações estavam incessantes. Aprendi com Amaro, que nestas horas, melhor escutar quem tem ação a tomar. O canal da segurança era bastante congestionado, mas precisa ficar no canal 2. No Bandeirantes cheguei no escritório e pedi uma ligação. Fui para a cabine, e choramos juntos. E durante longos 40 minutos me senti impotente em ajudar uma das pessoas mais importantes da minha vida. Uma sensação ruim. Ela queria que fosse ao Brasil. Eu queria ir. Chegar para a missa de sétimo dia. Não sabia como, mas iria acontecer.

Desliguei o telefone, aumentei o volume do rádio e havia informação que Ivon estava seguro. Ou seja, não estava em mãos da Unita. Estavam buscando um caminho. Voltei a área residencial. Fui ao nosso bar tradicional: o trailer do pessoal da informática. Não havia ninguém. Era uma noite de expectativas. Cruzei com Patricia Rangel. Ela dividia o trailer com Dinah ao lado. O rádio não parava com as notícias e ela perguntou, como ficaria. Patricia era sobrinha de um funcionário de Capanda. Tentamos nos tranquilizar, com a certeza de que não sabia o que iria acontecer. E fui para a casa. Pus o rádio para carregar a bateria. Esperando a notícia de que a fazenda tinha sido invadida. Na nossa casa recém reformada, entrei e meu companheiro de quarto junto com Claudio Zamith, Zé Pedro estava na sala. Com seu jeito de papai Noel e Maria Fumaça perguntou se estava tudo bem. Não tinha muito a dizer. Lembro que ele falou que morte de sogro podia ser um motivo a pedir licença. Mas eu não era casado. Falamos sobre uma possível evacuação e no aeroporto recém inaugurado com um avião Hércules C130 de prontidão e uma avioneta pequena na pista. Ficamos escutando o rádio e nesta noite dormi leve escutando os barulhos, atento ao rádio. Tinha começado o cercamento do Luzamba pelas tropas da Unita e nós estávamos ali no meio.

Muitos, no desespero e em fuga, atravessaram o Rio Cuango – cerca de 60 m de largura no local. Muitos homens da Segurança, entre eles três Gurkas feriram-se contra a cerca de arame navalha na ânsia de escapar do local e dos tiros que recebiam.

Quase todos os nacionais da segurança espalharam-se pelo mato; sabiam do risco de vida, em caso de captura.

O pânico estava instalado.

### “ **Paulo Ramos**

Eu estava no meio da praça, de bermuda, sandália e camiseta cavada, organizando a relação com o nome dos brasileiros que trabalhavam comigo. Eu estava de costas para o portão de entrada.

Nessa reuniãozinha, começaram a chegar angolanos que também trabalhavam comigo. De repente, eu só ouvi tiros que mais pareciam a fonte nova, numa final de campeonato entre Bahia e Vitória.

Os angolanos correram e entraram num container. Eu os acompanhei. O tiroteio continuava firme. Eu me senti confinado e resolvi sair. Quando eu olhei para a frente, vi que alguém tinha colocado duas tábuas sobre aquela cerca navalha, e os angolanos vinham correndo sobre a tábua e pulavam para fora. Eu os imitei e quando caí do outro lado, meu calcanhar foi direto numa pedra. Quase morri de dor, porque a sandália tinha ficado para trás. Todos saíram correndo pelo mato e eu, os segui caminhando num pé só. Fui direto para casa de Fernando, angolano que trabalhava no setor pessoal.

À medida que eu caminhava, a dor no calcanhar direito, diminuía e todos os angolanos, coitados, tão perdidos quanto eu, me seguiam. Era um número grande de pessoas me seguindo. Talvez umas quarenta.

Chegamos na casa de Fernando, (casa nova, construída por Djean, uma das primeiras de muitas que seriam construídas pelo programa social do Projeto Luzamba), ele estava em cima de uma escada, dando uns retoques de pintura em uma das paredes.

O barulho dos tiros já estava bem menor, mas continuava e Fernando pintando a parede como se nada estivesse acontecendo.

Eu estava de bermuda e camiseta cavada e descalço. A sandália tinha ficado para trás. A atitude de Fernando era muito estranha. Mas, deixei pra lá. Conversei um pouco com ele, lhe expliquei que eu tinha tido uma malária muito forte e eu estava com o corpo desprotegido. Ele me arrumou um chinelo velho e um pedaço de lençol e me aconselhou a ir para próximo da estrada.

Eu não tinha ideia de qual teria sido o alvo daqueles tiros todos. Eu ficava imaginando, que muitos companheiros pudessem estar feridos ou até mortos. Era de enlouquecer.

Saimos da casa de Fernando e fomos para o Bala-Bala, por dentro do mato. A estrada passava por ali. Chegando lá, de longe, já ouvimos gritos de comemoração pela invasão do nosso acampamento. Fiquei assustado, mas segui em frente. Chegamos e entramos numa biroscazinha, tomei um refrigerante, que foi pago por um dos angolanos que me acompanhavam e fiquei sentado ali, com mil ideias na cabeça.

A comemoração deles continuava e de onde estávamos para onde estavam comemorando, tinha uns cinquenta metros, se muito. De repente eu percebi que o barulho da comemoração, estava se aproximando de nós. Eu tomei a decisão de voltar pelo mesmo caminho. Saimos com os nativos do Bala-Bala, gritando:” morte aos brasileiros”. Conseguimos sair e de repente, escureceu tudo, havia chegado a noite e nós dentro do mato, correndo o risco de mais uma vez contrair a malária.



Fomos caminhando com muita dificuldade, quando vimos o farol de um carro estacionado em frente a uma casa, a uns duzentos metros. Aquele farol foi nosso guia e fomos em sua direção. Quando nos aproximamos, eu concluí que poderia ser a casa de Domingos, que trabalhava na cerâmica, com Pedro Chaves. Eu gritei umas três vezes seu nome, até que ele respondeu, perguntando-me quem estava falando. Eu me identifiquei e ele me chamou.

Os angolanos temiam por suas vidas e, combinamos que eles ficassem para trás que eu voltaria.

Fui encontrar com Domingos, que me recebeu muito bem. Eu lhe perguntei como estavam meus companheiros, ele me tranquilizou, dizendo que ninguém se feriu. Porra! Foi o maior alívio que senti em minha vida.

Domingos me disse que eu poderia voltar que, comigo não iria acontecer nada e elogiou o meu tratamento com a comunidade e tal. Ele já estava com uma das camionetas Toyota que nós usávamos.

Eu expliquei a ele que eu estava acompanhado por uns amigos angolanos e que eles precisam voltar também para o acampamento. Ele me disse que precisa ter certeza de que nada iria lhes acontecer. Pegou o carro, foi para o acampamento e nós ficamos lá, esperando a resposta.

Ele já não voltou mais. Voltaram alguns companheiros que nos resgataram e nos levaram de volta para o acampamento. Cheguei lá, abracei alguns amigos e fiquei numa tristeza imensa em ver tudo já semi destruído. Tudo construída gota a gota, num esforço sobre humano.

Abrigados, os colaboradores dos escritórios lá permaneceram até o final dos tiroteios, então uma caravana de veículos com Bandeiras Brancas improvisadas foi organizada para transportar todos para área residencial. Conforme orientação, a “Guest House” receberia a todos.

### “ **Victor Motta**

Na Base 2 da Segurança Industrial, três Chefes de Seção- Salomão, Luis e Itacolomi- apresentaram-se ao Tenente da força invasora para solicitar permissão para todos irem juntar-se aos demais expatriados na Vila Residencial.

Na área residencial os colaboradores procuraram abrigo na “Guest House” e nas residências pois eram de alvenaria e poderiam proporcionar maior segurança contra tiros e balas perdidas.

### “ **Vilarinho**

Ficou decidido que o melhor era esperar que a UNITA invadisse o acampamento para então negociarmos a evacuação dos 1.200 colaboradores. E, é claro, tínhamos que manter segredo sobre o assunto, para não termos uma revolta no canteiro. Ficou definida também a equipe responsável por coordenar a negociação com a UNITA e a evacuação dos trabalhadores: Alexandre Rocha - Gerente Administrativo, na liderança da equipe, Coronel Motta - Gerente de Segurança, Pedro Chaves - Gerente da Produção, Caique - Gerente de Equipamentos e eu Ricardo Vilarinho - Gerente de Telecomunicações. Du-

rante todo a sexta feira, sem que os trabalhadores percebessem, foram enviando para Luanda todos os Diretores e funcionários graduados angolanos da Endiama

Entraram na Vila e após alguns minutos o GAF Alexandre Rocha e mais o Pedro Chaves e o Vilarinho saíram ao encontro dos invasores para negociar a evacuação dos colaboradores.

### “ **Vilarinho**

E realmente ocorreu o previsto. Nessa sexta-feira à tarde, lá pelas cinco horas a UNITA invadiu o acampamento. Foi um tiroteio infernal. Muitas rajadas de metralhadoras e também explosões de morteiros. Os trabalhadores angolanos fugiram e alguns brasileiros que estavam fora do acampamento fugiram para a selva e nós nos refugiámos dentro da Guest House, uma construção de alvenaria, com 20 quartos, cozinha, refeitório e área de lazer. A Guest House era o alojamento dos Gerentes e Coordenadores, e não foi atacada pela UNITA, ficando apenas cercada pelos guerrilheiros. Nesse instante eu consegui contato com Naim Cardoso, que estava coordenando a evacuação em Luanda, usando a estação INMARSAT instalada na Guest House, e passei a informação que a UNITA estava nos atacando. Um grupo de guerrilheiros parou na entrada da Guest House e ameaçou entrar.

### “ **Reginaldo**

Foi quando depois do tiroteio na área de segurança, a UNITA começou a entrar na área dos nossos alojamentos. Nesse momento começamos a imaginar como agir usando a nossa grande experiência nesse assunto. Estávamos na Casa da Dinda e entendemos que para a segurança de todos tínhamos de evitar a possibilidade de eles entrarem em algumas das casas, o pessoal começar a gritar, e a surpresa pudesse fazer com que eles disparassem e atingissem alguém. Resolvemos que um grupo deveria sair e recepcioná-los disponibilizando as instalações e garantindo que não haveria nenhuma reação. Saímos eu, Alexandre e Vilarinho. Não fazíamos ideia de qual seria a reação deles. A tropa se resumia a garotos, maltrapilhos, com olhos injetados.

A conversa estava caminhando bem, eles já estavam continuando a sua patrulha quando algum de nós falou algo que não soou bem aos seus ouvidos. Nesse momento um deles se virou e deu um tiro em nossa direção. Imaginem como os nossos retentores se fecharam. kkkk. Felizmente após o ocorrido, eles se deram por satisfeitos e continuaram sua patrulha.

Foram recebidos de forma agressiva a despeito da atitude “calma” e pacífica com o qual o grupo de negociadores se apresentaram aos invasores. Acusavam os brasileiros de ladrões de diamantes que estavam roubando o povo angolano. Um deles portando uma AK47 disparou para o chão próximo ao pé do Alexandre Rocha.

### “ **Vilarinho**

Ficamos apavorados porque, se eles entrassem, poderia haver gritaria e correria dentro da Guest House e ocorrer uma tragédia. Pedro Chaves, Alexandre Rocha e eu saímos para conversar com o guerrilheiro. Enquanto Alexandre e Pedro conversavam para tran-

quilizar o guerrilheiro, algo foi dito, que não me lembro, mas que azedou a conversa. Nisso um deles deu um tiro na nossa direção, que pegou bem perto do Alexandre Rocha. Ficamos paralisados. Não passava nem peido ensaboado. Depois de uns minutos, que pareceram horas, eles se deram por satisfeitos de que não havia nenhum “inimigo” dentro da Guest House, e seguiram adiante.

Queriam intimidar. Um dos indivíduos, mais agressivo, disse que se algum avião pousasse ou decolasse seria abatido.

Foi solicitado uma reunião com Líder dos invasores, o Comandante Santo Antonio. Este disse que deveríamos deixar Luzamba. Disse conhecer o trabalho que era realizado no Luzamba e que lamentava a situação, mas que no momento era mais importante uma definição política no País. Perguntado sobre o porquê de tanta violência, retrucou que a sua tropa havia sido atingida primeiro.

### “ Vilarinho

Depois de mais de uma hora de tiroteio a situação acalmou-se e ficamos aguardando que o Comando da guerrilha viesse conversar conosco para negociarmos a evacuação. Depois de algumas horas chegou o comandante da UNITA, que tinha liderado a tomada de CAFUNFO. O sujeito chegou ameaçando todos os brancos, brasileiros ou não e todos os angolanos que não eram da UNITA. Assustados fomos eu Alexandre Rocha e Pedro Chaves conversar com um Coronel da UNITA, que não me lembro o nome para expor a situação e pedir providências. O Coronel simplesmente disse que não tinha controle sobre os guerrilheiros, e que era para tomarmos “cuidado”. Depois surgiu o tal Coronel que queria matar todo mundo, era o comandante da UNITA na região: Coronel Fúria Negra, que chegou ao alojamento e chamou o “comandante” dos brasileiros. Alexandre Rocha se apresentou e fomos eu, Motta, Pedro Chaves e Alexandre Rocha e mais uns cinco oficiais da UNITA conversar no refeitório. O Cel. Fúria Negra nos deu um dia para evacuarmos o acampamento. Falamos que era impossível, pois a retirada teria que ser de avião, e éramos 1.200 homens a serem evacuados. Ele disse que não éramos 1.200, mas somente 600 estrangeiros a serem retirados do acampamento. Falamos que tínhamos também 600 angolanos de Luanda que deveriam também ser retirados. O Coronel disse que não era necessário evacuar angolanos, pois eles não eram estrangeiros. Ficamos espantados com o conhecimento dele sobre o nosso efetivo, e sabíamos que se deixássemos os 600 angolanos de Luanda no acampamento da Mina eles seriam assassinados pela UNITA. Alexandre Rocha então falou que era responsabilidade da empresa evacuar todos os trabalhadores oriundos de fora da região do Cuango, e que ou saíamos todos ou não sairia ninguém. Ficou um clima de muita tensão na sala. Mais uma vez, com os esfíncteres totalmente retraídos ficamos impávidos com a cartada do Alexandre Rocha.

Deu garantia que ninguém iria ser ferido e deu um prazo máximo de 24 horas para a completa retirada de todos. Foi lhe explicado que era muita gente para evacuar e que seria impossível. Talvez bem informado disse que eram mais ou menos 500 expatriados para retirar e que os angolanos já não necessitavam ser retirados pois já estavam no País deles.

Após uma “cartada” do Alexandre dizendo que ou saiam todos ou não sai ninguém, o Comandante estendeu o prazo para 4 dias.

Os acontecimentos subsequentes mostrariam que a garantia dada não seria completa, mesmo porque ele próprio não tinha o controle total da situação. Outras ordens poderiam vir.

“ **Victor Motta**

As pessoas dos povoados vizinhos, inicialmente crianças e mulheres, começaram a invadir e saquear as residências e instalações demonstrando grande alegria, como fossem eles os invasores. Os homens da Unita nada faziam para impedir o vandalismo, pois também eles estavam empenhados nos saques.

“Basar” e urgente a única alternativa real e presente. A evacuação de emergência foi acionada.

“ **Vilarinho**

Nós tínhamos que retirar logo esses angolanos, pois sabíamos que a Unita quando atacava uma instalação matava todos os funcionários graduados do Governo. Nós sabíamos que a Unita queria que saíssemos o mais rápido possível do acampamento, pois tinha interesse em explorar a mina.

Duas estações de comunicações foram instaladas em dois quartos da “Guest House”. Operavam as escondidas e sem o conhecimento dos elementos da Unita.

“ **Vilarinho**

Junto com Carvalho e Reginaldo, dois técnicos da minha área, fomos verificar as instalações de comunicações. Os guerrilheiros tinham depredado quase tudo. Por todo o acampamento era uma destruição total. Porém, reparamos que o container metálico da estação HF SSB estava intacto. A porta do container ainda estava trancada com o nosso cadeado. E nós tínhamos a chave. A frequência de HF é a ideal para contarmos os aviões que viriam nos resgatar e saber o horário certo do pouso, o que seria fundamental para coordenar a evacuação. A antena do rádio HF SSB é um dipolo. Um cabo que sai do equipamento e, na altura dos postes se divide em dois, formando um “T”, com uma ponta presa em cada poste. Os guerrilheiros não perceberam que era uma antena e que se tratava de uma estação de rádio comunicação. Além desta estação HF tínhamos conseguido esconder, dentro do meu quarto na Guest House, uma estação portátil de comunicação satélite INMARSAT. Esta estação consistia de uma maleta e uma antena parabólica de 80 cm de diâmetro. A maleta ficava escondida embaixo da cama e na parabólica colocávamos roupas em cima, para que parecesse uma bacia.

“ **Reginaldo**

O detalhe foi a instalação do Inmarsat. O sinal de satélite passando pelas frestas da janela interna...até o ângulo das frestas ajudou para que a mala funcionasse com a janela fechada. Sim! com a janela fechada.

Lembra que um dia foi pedida permissão aos guerrilheiros para falar com Luanda usando o Skanti e eles acharam que era a única comunicação que se tinha. A conversa foi escoltada. E o Inmarsat comendo solto lá dentro. O Skanti estava no Container, junto com o outro Inmarsat que foi para Windoek, que tirei subindo no container com a UNITA no domingo começando a atirar em tudo. Me lembro até hoje da adrenalina quando descii.

De lá partiu o SOS, quase que concomitante com a invasão, disparado para Luanda.

### “ **Vilarinho**

Conseguimos também autorização para que alguns colaboradores saíssem da área da Guest House para pegar suas coisas nos outros alojamentos (trailers e containers). Quando não havia nenhum guerrilheiro dentro do alojamento ligávamos o equipamento com a parabólica dentro do quarto e apontada para o satélite através da janela. Aliás, meu quarto foi o escolhido para esconder o equipamento justamente porque a janela dava boa visada para o satélite INMARSAT. E através desse equipamento conseguimos falar com outra estação INMARSAT na sede da Odebrecht em Luanda. Nós tínhamos também uma estação INMARSAT reserva que ficou escondida em outro quarto e só seria usada caso a UNITA descobrisse a primeira.

Também despercebida permaneceu a antena do sistema HF-SSB instalada em um container próximo.

### “ **Reginaldo**

Quando Luzamba foi invadida na sexta-feira, após o embarque das mulheres e alguns colaboradores para Luanda à noite em um C-130 que tinha levado combustível para Luzamba e ficou na pista. Após a retirada dos tanques e o embarque de 173 colaboradores, todo nosso empenho foi tentar voos charters para retirarmos ~850 colaboradores o quanto antes. Pela manhã do sábado conseguimos dois voos da Transafrik, mas depois ficamos tentando o tempo todo contato com Luanda para saber o status se conseguiríamos outros. O texto muito bom do Johan detalha bem estes e outros momentos seguintes.

Por volta das 16h do sábado, comecei a ligar pelo Inmarsat diversas vezes para Luanda e ninguém atendia. Liguei insistentemente por mais de 1 hora e ninguém dava importância para atender o telefone, nem no Inmarsat e muito menos nos telefones Fixos.

Por volta das 17hrs atende um cara com a voz trêmula, e eu sem nenhuma cerimônia já iniciei a conversa assim:

Reginaldo: Puta que pariu, estou ligando tem 1 hora, fudido aqui no meio do mato, cercado pela UNITA e ninguém atende a porra do telefone????

Atendente: Me....me.....me... desculpe, mas não dava para atender!!!

Reginaldo: Não dava como???? O que vocês estão fazendo aí???? Quem esta falando?????

Atendente: Aqui é .....xxxxxxx.....É que fomos cercados pela UNITA e tivemos que ir para as trincheiras aqui no GAMEK.

Depois de avaliar que ele não merecia ser mais xingado, falei com ele:

Reginaldo: Tá bom, tá bom então, depois me passe as informações dos voos!!!! Até

mais..... (Lógico que com um ar de importância para não perder a pose)

Atendente: Ok..Ok....Até mais.

3 meses depois.....

Para podermos ter uma melhor interação entre os expatriados, o Otacílio resolveu fazer uma reunião na casa dele com um churrasco e todos que ficaram lá em Luanda, que eram poucos, foram convidados.

Todos na porta conversando diversos assuntos e vem um grupo descendo a rua, e daí começam a se apresentar. Nesse momento o Otacílio me apresenta a um cara mais experiente:

Otacílio: Oi Reginaldo, venha aqui que quero lhe apresentar uma pessoa que você terá que interagir para podermos atender aos nossos clientes aqui em Luanda.

Otacílio: Oi Bucalon, este é o Reginaldo que é o responsável pela Telecomunicações de Luzamba, que ficará conosco para dar suporte aos nossos clientes.

Bucalon: VOCÊ É O REGINALDO DE LUZAMBA???? (Ele ficou segurando minha mão e me olhando. Nesse momento toda a reunião ficou em silêncio e passou a ouvir).

Reginaldo: Uai Bucalon, eu já conhecia o Sr.????? (Lógico que totalmente sem graça e sem entender nada.)

Bucalon: Você foi o primeiro cara na minha vida, que me deu um esporro sem nenhuma razão e eu ainda pedi desculpas. (Nessa hora a primeira coisa que escutei foi: “Vai voltar amanhã para o Brasil, se não for hoje”.....fora as gargalhadas)

Reginaldo: Bucalon, me desculpe mas na hora a pressão estava grande.....( E claro que rindo, pois não dava para fazer mais nada).

A aeronave da TransAfrik que levava combustível retornou, nesta noite, para Luanda transportando 172 colaboradores, priorizadas as mulheres, os nacionais e aqueles expatriados psicologicamente mais afetados, motivos médicos e outros cuja permanência ou especialização já não eram necessárias em Luzamba.



“ **Johan**

Fato essencial para o nosso acerto na evacuação ainda foi a decisão do Cel. Vitor em imobilizar o C-130 petroleiro que estava descarregando no pátio da pista e cujo comandante (o John) queria decolar a todo custo imediatamente a seguir. Posicionou-se um veículo bem a frente da aeronave. Foram retirados os tanques de diesel, e foi ele que permitiu a evacuação da noite do dia 31/10.

“ **Vilarinho**

Fizemos uma contagem e éramos pouco mais de 500 pessoas no alojamento. Imaginamos que com três C130 conseguiríamos evacuar todos. Ocorre que no dia seguinte, sábado, na frente da Guest House havia mais uns 500 trabalhadores. Todos sentados no chão e rodeados por guerrilheiros armados de metralhadoras e apontadas para eles. Eram os angolanos de Luanda e alguns brasileiros, que, na hora da invasão na noite anterior, tinham fugido para o mato ou se escondido em outras áreas do acampamento, e agora tinham retornado. A situação se complicou muito, pois precisaríamos de uns seis ou sete voos de C130 para poder evacuar todos.

Montar a lista, organizar e liberar o primeiro voo não foi um processo desprovido de percalços; nada foi fácil. Na verdade, meio caótico; pelas circunstâncias meio natural.



“ **Victor Motta**

Muitos estavam desaparecidos, incluindo se 23 expatriados; 21 brasileiros e 2 nepaleses

Pressão dos nacionais para “basar” antes, pressão do Comandante da TransA-frik para partir logo e muita negociação com os líderes da Unita para receber autorização e garantia de segurança para a decolagem.



### **Cariello**

Lembro de ter ido no carro de Delmar falar com o Piloto sul africano da Southern. Ele queria decolar no primeiro dia. E pedi ao encarregado de elétrica (esqueci o nome) por um caminhão baú na frente do avião para ele não poder manobrar. O piloto me falando que era sequestro internacional não deixar ele decolar. E só decolamos a avião a noite com as latinhas acesas com diesel. Moita que trabalhava no treinamento dirigindo um dos ônibus.



### **Victor Motta**

Cerca de 600 angolanos, os trabalhadores nacionais, estavam reunidos na frente da “Guest House”; todos queriam embarcar com seus “pertences”, colchões, travesseiros, televisores, rádios, vídeo cassetes etc., praticamente quase tudo objeto de saques. Muitos expatriados questionavam o porque de tanto esforço para retirar os nacionais se eles não reconheciam este esforço e não colaboravam em nada.





Finalmente naquela mesma noite, perto das dez horas o Hércules decolou para Luanda. Foi o primeiro vôo da evacuação de Luzamba.



### **Bomfim**

Como não havia iluminação na pista de Luzamba havíamos colocado no dia anterior tambores com óleo, ao longo da pista, para fazer a iluminação da mesma para eventuais pousos e decolagens noturnas. Nem acendemos os tambores de óleo, e o C130 rolou na pista, decolou com relativa facilidade e seguiu para Luanda. Ficamos muito apreensivos quando o avião decolou porque escutamos muitos tiros vindos dos arredores da pista de pouso. Concluimos que os guerrilheiros estavam atirando na aeronave e isso era péssimo para nós. Como não lembrar! As latas de óleo colocadas ao longo da pista. Esse é um trabalho realizado pelos percussores, até para orientação das aeronaves. Parabéns a todos que trabalharam naquela operação. É importante mencionar tb a tripulação do pessoal da Força Aérea Brasileira composta pelos 'PARA-SAR' que faziam parte das duas aeronaves C-130 que estavam em algum ponto do continente africano e receberam orientações para realizarem aquela missão de resgate. No momento em que o nosso saudoso Luiz Gonçalves Correia ("Mochila"), que sendo Pqdt e tb percussor, fez o contato terra-avião, usando os códigos (URUTU - CASCAVEL), o que foi suficiente e decisivo para que as tripulações reconhecessem e identificassem o nosso pessoal de solo e fizessem a aproximação e o pouso em segurança na pista do Luzamba. Mesmo em situação crítica, ao desembarcarem das aeronaves, fizeram algum alvoroço ao saudar as equipes em terra. Ressalto ainda que, juntamente com o Luiz nesse controle, estava tb o saudoso Celso Aluizio de Barros ("Magrão") e você que, tb além de pqdt e percussor, era o nosso elemento de telecomunicações, com participação efetiva em todas as etapas desse processo.

### **Em 31 de Outubro de 1992**

Neste dia estava no comando um capitão cognominado Fúria Negra. Por duas vezes o Alexandre foi conduzido a sua presença para uma verdadeira sabatina; queriam saber a quantidade de contentores com comidas e bebidas, o número de veículos, equipamentos e peças de reposição e sobre a presença de cubanos e americanos no efetivo da empresa.

Depois anunciou mudança nos planos nas autorizações para os voos. Estariam suspensos e informou que qualquer tentativa seria repelida. Mais tarde as 13:00 h o Coronel Sto Antonio ordenou a volta à primeira forma autorizando os voos.



### **Bonfim**

Enquanto reféns, ficamos atirados a própria sorte, sempre a mercê de um novo acontecimento, que não sabíamos se iria ou não acontecer, conforme o planejado.

Tudo que pertencia ao Projecto Luzamba foi imediatamente expropriado pelos invasores. Com argumentação bem simples: a empresa fora contratada pelo Governo de Angola e naquele momento o povo angolano requisitava aquilo que sempre lhes pertenceu.

Todos os carros, radiocomunicadores, equipamentos, chaves de escritórios, etc foram entregues ao Comando, que por sua vez se comprometeu a evitar que os bens particulares fossem roubados.

Ordenou o patrulhamento para inibir os saques de populares como ocorridos na noite anterior.

“ **Victor Motta**

Logo após este discurso um homem foi preso acusado de estar roubando alguma coisa. Para servir como exemplo, foi imediatamente condenado à morte e para testemunhar a sua execução, convocaram o Alexandre Rocha.

Para o primeiro vôo da manhã (já no dia seguinte) seriam selecionados 140 expatriados e mais 40 nacionais. O critério foi posteriormente modificado para uma igual proporção de expatriados e nacionais.

Contrariando a expectativa nenhum voo aconteceria neste sábado.

No Brasil o Luciano obteve, além das contratadas aeronaves de grande porte da VARIG e da VASP, também o apoio da FAB que iria enviar para o resgate em Angola, duas aeronaves C 130.



As duas aeronaves Hércules da FAB chegaram a São Tomé e Príncipe, mas não fariam voos noturnos para Luzamba; o aeroporto não estava preparado para este tipo de operação.

Os expatriados concentraram-se na “Guest House”; a ideia era reduzir os riscos de incidentes e manter todo o grupo o mais próximo possível. Salas de estar e corredores foram incorporados aos espaços dormitórios; “descansariam em colchões espalhados pelos quartos, salas e corredores.



Os colaboradores eram chamados e orientados a deixar as bagagens mais pesadas em caminhão, pois na emergência apenas as bagagens de uso pessoal seriam admitidas. Esta decisão causou problemas com os colaboradores nacionais que queriam transportar de tudo, uma verdadeira mudança, algo impraticável de resolver.



### **Victor Motta**

Todos queriam viajar com os seus “pertences”, eram ventiladores, malas, televisores, equipamentos de som, vídeo cassete, roupas em geral; tudo que pudessem carregar; a grande maioria dos itens objeto de saques realizados nos alojamentos, escritórios etc. Além de elementos da Unita e dois populares também os nossos nacionais participaram do butim. O salve-se quem puder, o “agorismo” e o individualismo nunca esteve tão presente como naquele instante.

Outra providência foi separar uma boa quantia de dólares para fazer frente às necessidades de alimentação, alojamentos, abastecimento de aeronaves e outros imprevistos nos aeroportos de destino.

Já não se podia contar totalmente com a alternativa óbvia, Luanda, onde haveria o apoio natural da estrutura da Odebrecht.

Os confrontos em Luanda tornaram o Aeroporto um local de alto risco. Em verdade o Aeroporto seria formalmente fechado pelas autoridades militares.

Os contatos com autoridades e a coordenação em Luanda a cargo do Delmar e do Naim e mais a ação de uma equipe implantada dia e noite no Aeroporto de Luanda acabaram por permitir, mesmo com o aeroporto fechado, que voos contratados pela Odebrecht pudessem pousar e decolar de Luanda.

### **Em 1 de novembro de 1992**

Em Luanda o domingo começou agitado. Os servidores do Aeroporto não retornaram ao trabalho deixando as instalações, salas de despachos e outras dependências do terminal totalmente vazias. Os veículos de abastecimentos de aeronaves trancados.

Os poucos controladores de voo presentes na Torre de Controle iam garantindo um mínimo de operacionalidade nas comunicações; apenas aeronaves militares e aquelas, especificamente autorizadas, operariam naquele domingo. Nossos voos de apoio à evacuação de Luzamba e também de Capanda encontravam-se entre as poucas exceções; porém tínhamos que cuidar de tudo, abastecimento, obter as autorizações junto aos militares e avisar a polícia, etc.

Na noite anterior, sábado, o aeroporto seria fechado para a operação de voos civis, logo após a partida dos dois DC 10 da VARIG com destino ao Rio de Janeiro.

Estes DC 10 transportaram mais 400 pessoas, maioria absoluta de colaboradores do Projeto Capanda, alguns outros brasileiros e o primeiro grupo de colaboradores do Luzamba, chegados no primeiro Hércules da TransAfrík da noite sexta feira.

#### **“ Neide**

Nunca esquecerei aquele dia... veio um saco daqueles pretos de lixo com os passaportes dos brasileiros, o único que faltou foi o meu e na fila de embarque tinha um guarda verificando, na minha vez eu não tinha e ele me tirou da fila me pôs ao lado, nesse momento teve uma explosão bem perto e ele se jogou no chão e o comandante do alto da escada gritou pra eu subir que o avião era território brasileiro que ninguém me tirava de lá rrsr eu subi as escadas de três em três degraus kkkkk, até hj eu olho pra escada de avião e nunca entendi como fiz aquilo kkk! Só tinha um cavalheiro que viu meu desespero e ficou ao meu lado: Fernando Lordelo de Capanda, nunca mais o vi!!

O primeiro voo de evacuação vindo de Luzamba trouxe, além de expatriados, um grande grupo de nacionais que em razão dos confrontos em Luanda não puderam deixar o Aeroporto. Entre eles os Conhamas que buscamos lá em Ondjiva, no Cunene. O risco de circular pela cidade era imenso.

Da Vila do Gamek vinham alimentos e bebidas para estes colaboradores nacionais.

Acamparam de qualquer jeito na sala de desembarque internacional, apenas na segunda feira, com a redução dos tiroteios puderam retornar as suas casas em Luanda.

Apenas na quinta feira conseguiríamos devolver os Conhamas para o Cunene. Na verdade foram alojados em uma aeronave de carga Ilyushin 76 militar com destino ao Lubango. Depois nunca mais soubemos deles.

Próximo ao meio dia o líder empresarial Renato Baiardi e Cesar Souza, embarcaram em uma aeronave B200 da Ligeira, com destino a Brazaville no Congo.

Baiardi iria embarcar em um dos DC 10 da VARIG, porém ele e outros companheiros da comitiva, no trajeto para o aeroporto, foram retidos em meio a um fogo cruzado das partes em conflito. Procuraram abrigo na Esquadra da Polícia Nacional próxima onde passariam uma noite dramática e perderiam o voo para o Brasil.

### “ **Borborema**

Porque nosso ônibus foi atacado no cruzamento que ia para o aeroporto com o que ia para a Tourada. E tem um fato muito importante. O motorista do ônibus, quando viu aquele tiroteio todo, ficou com medo, mesmo estando com um Jeep do exército dando combate e outro a nossa frente. Essa foi nossa sorte, pois com essa parada de poucos minutos, o tempo de segurar o motorista que um míssil foi disparado e passou a poucos centímetros do ônibus e explodiu na casa ao lado. Depois disse fomos direto para o quartel perto do supermercado Pão de Açúcar que estava sob o comando do SAPO e foi de lá que vimos os aviões da VARIG decolarem que nem foguete a 45 graus, víamos o fogo das turbinas. E lá passamos essa noite onde o Baiardi e o César Souza ficaram em uma sala próxima ao muro (ai só eles para os detalhes dessa noite) e nós nos alojamentos cheio de ratos e o banheiro cheio de fezes. Meus amigos que noite. A UNITA queria tomar o quartel, mas foram vencidos. No outro dia voltamos para a Vila do Gamek.

### “ **Cacau**

Naquele dia recordo-me bem... O ônibus era conduzido por um motorista angolano chamado Aguiar (trabalhava comigo no Cazenga), quando chegamos próximos a tourada... No meio de um tiroteio ele abandonou a direção, dizendo que ia para casa pois morava ali próximo... Então um dos militares que da escolta assume a direção e seguimos para a unidade operativa... Conseguimos entrar com muito custo... Dia seguinte (domingo) por volta da 8hs o Gerson assumiu a direção seguimos para Vila do GAMEK... A tarde seguimos para o aeroporto novamente aí saímos num cargueiro para Brazzaville e de lá para Windhoek já no avião da VASP.

### “ **Edson Leite**

Não sei se existiu um Pena no Kuango. Conheci muito bem o Major Pena, que foi um dos chefes da proteção física em Capanda, e na altura da evacuação em Luanda era o comandante da unidade operativa, onde ficamos abrigados qdo fomos surpreendidos com

o ataque ao aeroporto, inclusive estava conosco o Dr. Baiardi, e o Pena (já falecido), nos recebeu no quartel. Passamos a noite abrigados e no domingo retornamos pela manhã para a Vila do Gamek.

Ao final da manhã nova aeronave Hércules da TransAfrik decolou para Luzamba, recolheu mais expatriados e o restante de nacionais, retornou para Luanda deixou os nacionais recolheu aqueles expatriados que perderam os voos da VARIG e seguiriam para Brazzaville.

### “ **Vilarinho**

No início da noite recebemos a informação de Luanda que as aeronaves da FAB eram camufladas e que o primeiro C130 da FAB deveria pousar no nascer do sol e o segundo logo depois que o primeiro decolasse. Nós já estávamos espertos em colocar 200 pessoas dentro de um Hércules em menos de três minutos. Tínhamos ainda um pouco mais de 500 homens para retirar do acampamento.

Três voos haviam sido realizados e a situação ficava cada vez mais difícil, não havia mais comida, a água escassa e as condições de higiene péssimas.

Faltavam ser evacuados mais de 600 colaboradores.



### “ **Vilarinho**

Fomos informados por Luanda que dois Hércules da Transafrik tinham saído de Luanda e vinham nos resgatar. Através da estação HF SSB conseguimos contatar com as aeronaves e confirmar os horários corretos de pouso de cada aeronave. A pista de Luzamba tinha 900 metros de comprimento e em cada cabeceira uma área circular para manobra

das aeronaves. Após cada cabeceira havia taludes com desnível de uns dez metros. Se alguma aeronave furasse a pista iria cair no barranco. Não havia área de escape. Informamos ao Comandante da UNITA que os aviões vinham resgatar o pessoal, e conseguimos autorização para pouso. Fizemos uma fila dupla de aproximadamente 100 pessoas em cada lateral do talude contrário a cabeceira de pouso para, assim que a aeronave fizesse o retorno, todos entrassem no C130 pela porta traseira. E funcionou perfeitamente. Como não tinha vento, as aeronaves pousavam numa direção e decolavam na direção oposta. Com isso as aeronaves pousavam e quando iam fazer o retorno no fim da pista na área de manobra já abriam a porta traseira e todos entravam e se amontoavam dentro da aeronave e a mesma partia em decolagem. O avião ficava parado menos de três minutos na pista. E assim, naquela manhã de sábado evacuamos quatrocentos e poucos trabalhadores nas duas aeronaves.

Os C130 da FAB eram, ansiosamente, esperados. Neste mesmo domingo sabemos que os dois C130 da FAB haviam chegado e pernoitado em S Tomé e Príncipe. Deveriam, pela manhã bem cedinho dirigir se para Luzamba.



### **Vilarinho**

No domingo de manhã recebemos uma boa notícia de Luanda. Dois Hércules C130 da Força Aérea Brasileira iam cruzar o oceano atlântico e vinham nos resgatar em Luzamba, com pouso previsto na segunda feira pela manhã. Nós deveríamos, no período da tarde quando os C130 da FAB já estivessem sobre o oceano, tentar contato via rádio HF SSB para confirmar que as aeronaves estavam a caminho. E assim fizemos. Lá pelas quatro horas da tarde, eu e Ricardo Carvalho conseguimos entrar no container da estação Rádio HF SSB, sem que a UNITA nos visse, e começamos a tentar o contato com as aeronaves. A senha para o contato era “DELMAR”. Nota: Delmar Siqueira Rodrigues era o Diretor Geral da Odebrecht no Projeto Luzamba. Após mais de uma hora tentando contato sem sucesso entrou na frequência um piloto de um DC10 da VASP informando que estava nos recebendo e que as aeronaves da FAB também estavam nos recebendo, mas nós não conseguíamos escutar a comunicação de retorno das aeronaves da FAB. O DC 10 estava entre nós e os C 130 da FAB e conseguia escutar as duas transmissões. O nosso equipamento HF SSB era um SKANTI Sueco de 400 watts de potência de transmissão, e os rádios HF SSB dos C130 da FAB era de 100 watts de potência. Por isso nós conseguíamos alcançá-los e eles não chegavam até nós. O piloto da VASP propôs fazer uma ponte de comunicação entre nós. E assim conseguimos combinar como seria a evacuação. Os C130 da FAB pousariam em Luzamba ao nascer do sol (06:10hs) aproximadamente. Após o fim da transmissão com os C 130 da FAB o Comandante do DC 10 da VASP disse que estava indo para Angola recolher os refugiados brasileiros que estavam no aeroporto de Luanda, mas que não estava recebendo retorno da torre de controle do aeroporto de LUANDA, e perguntou como estava a situação no aeroporto. A Odebrecht tinha contratado diversos voos da VASP para fazer o resgate dos seus colaboradores em Angola. Informei que nós estávamos em Luzamba, a 600 km da capital Luanda, mas que tínhamos outro meio de comunicação com a nossa sede em Luanda e que eu iria contatá-los e retornaria na frequência de HF em 20 minutos. Fomos até a estação INMARSAT e falamos com Luanda.



Um deles transportou expatriados para Brazzaville e o outro veio, também com expatriados e os remanescentes dos nacionais (cerca de 89) foi para Luanda, recolheu os expatriados que perderam os VARIGs da noite anterior, e seguiram para Windoeck, na Namíbia.

“ **Alexandre Moreira**

E que choque chegar em Luanda e ver o caos e tantas pessoas mortas. Nunca esqueci estas cenas. E a descida do nosso avião em espiral sobre o aeroporto de Luanda? Rapaz, confesso que senti muito medo.



No voo, passando por Luanda, embarcou o Reginaldo com uma das estações do INMARSAT; ela seria montada em Windoeck para apoiar nas comunicações. Também embarcou o nosso geólogo poliglota Johan para coordenar as ações na Namíbia.

“ **Johan**

De volta ao C130 embarcaram mais pessoas que estavam ilhadas no saguão do aeroporto naquelas desastrosas condições sanitárias, há vários dias. Apareceu um francês, mais perdido que cego em tiroteio, apavoradíssimo, que me procurou para saber do nosso destino. Tinha vindo de Bruxelas no último voo da Sabena, na primeira viagem dele para Angola, e não conseguira sequer sair do aeroporto ou encontrar com o receptivo dele. Só falava francês. Perguntado para onde iríamos, mencionei Windhoek, Namíbia. Parece que o cara quando entendeu que estava a entrar num avião militar ficou mais apavorado ainda... tive que explicar calmamente que o avião era Brasileiro, que havia feito uma missão épica para nos resgatar, que não era missão de guerra; E que lá em Windhoek era outro mundo, bem mais organizado, sem confusão nem guerra, com hotéis, consulados e embaixadas, onde ele iria encontrar o rumo de casa. O francês somente se tranquilizou quando já estávamos no ar tomando água mineral e desfrutando de uma maravi-



lhosa e farta bandeja de lanche que a tripulação ofereceu. Para mim, conhecendo bem Windhoek e tendo evitado a 'maca' e incertezas de transitar por Brazzaville, sentimento de grande alívio e confiança no desfecho próximo da crise.

## **Em 2 de novembro de 1992**

Os C 130 da FAB pousaram em Luzamba antes das 8 da manhã. Em operação bem rápida recolheram os mais expatriados; um deles seguiu para Windoeck, antes pousou em Luanda, deixou alguns nacionais, e o outro para Brazzaville.

### **“ Vilarinho**

O Primeiro C130 fez o pouso, rolou na pista e iniciou o retorno na cabeceira, já com a porta traseira aberta, e o pessoal foi entrando no avião antes mesmo dele parar. Aliás, acho que a aeronave não ficou quase nada parada na pista. Os colaboradores nem deram chance. Embarcaram com ela ainda em movimento. Como não havia vento nenhum a aeronave rolou na pista e decolou na direção contrária de pouso. Mal decolou e o segundo C130 passou por cima do primeiro e pousou na pista. Quando a segunda aeronave estava rolando pela pista, com a segunda turma de refugiados já posicionada no talude chegou a viatura da UNITA e com o Comandante Fúria Negra. O Homem estava uma fera.



Disse que ia prender a segunda aeronave, que ia matar todo mundo. Foi um verdadeiro inferno. Mas o Alexandre Rocha conseguiu acalmá-lo dizendo que nós não sabíamos que hora o avião ia pousar e que os colaboradores estavam nos taludes desde as três horas da manhã, que coitados tinham dormido ao relento etc. O C130 pousou, taxiou no fim da pista, e ficou parado na nossa frente com a porta traseira aberta. O Coronel da UNITA não autorizou o nosso embarque e ainda mandou que dois guerrilheiros entrassem na aeronave para ver se havia “armamentos”. Eu me apavorei, pois sabia que os militares da FAB poderiam estar armados, e a entrada na aeronave de guerrilheiros, maltrapilhos, sujos, mal encarados, armados com AK 47 e com o dedo no gatilho, poderia sair algum tiroteio. Uma coisa que eu já havia notado nos soldados da UNITA é que, quando andavam com a metralhadora empunhada, eles ficavam o tempo todo com o dedo no gatilho e quase sempre com a arma destravada. Isso é muito perigoso, pois qualquer tropeção pode sair um tiro e a própria pessoa se ferir ou acertar outra.

“ **Omar**

Esses 2 aviões fizeram escala em Brazzaville para reabastecer. A VASP não tinha crédito no aeroporto. O Aldalberto Bello estava a fazer vaquinha pra pagar o combustível. Graças a Deus apareceu o TAP que pagou.

Ao final da tarde, perto das 5 horas, retornou de Brazzaville o C 130 para o deradeiro voo da evacuação, para resgatar os últimos expatriados ainda em Lu-zamba e mais malas dos outros que já haviam partido. Assim havia sido combinado com o comando da Unita.



“ **Vilarinho**

E se a UNITA tivesse a intenção de sequestrar uma aeronave da FAB? Para fazer alguma exigência internacional. O Brasil tinha sido o primeiro país a reconhecer a independência de Angola em 1975 e reconhecer também o governo do MPLA, inimigo da UNITA. Bastaria que, após o pouso da aeronave eles colocassem uma máquina na pista. Pron-

to, ninguém mais decolaria. Ficamos remoendo essa dúvida até que, de repente, uma Pá Carregadeira Caterpillar 966 parou no meio da pista. Ficamos apavorados. Mas não fazia sentido. Se aquela máquina ficasse lá não haveria nenhum pouso. Será que eles queriam nos manter refém? Decidimos ir até lá ver o que estava acontecendo. Os C130 não poderiam pousar com aquela 966 na pista. Chegando lá vimos o problema. O guerrilheiro não estava sabendo operar a máquina. Ela tinha travado e ele não conseguia colocá-la em marcha novamente.

Enquanto aguardavam, o Comandante chamou o Alexandre para um “último pedido”: queria que ensinassem seus homens a operar as grandes máquinas. Mais um sufoco de última hora. Os nossos operadores já haviam partido todos. Então coube ao Caique fornecer um curso super rápido de acionamento e operação de Pá Carregadeira 966.

Tudo haveria de ser bem rápido, o grupo agora, resumia-se a menos de 60 pessoas. Tudo ocorreu como planejado e combinado com o Comandante do C130; os expatriados esperariam ao final da pista e embarcariam rápido.



### **Vilarinho**

Precisávamos avisar aos C130 que bastava retornar somente uma aeronave. Mas, não tinha como ir até o container da estação HF, pois não podíamos sair do aeroporto. Então montamos a estação INMARSAT, que estava no meu quarto e tínhamos levado para o aeroporto, e conseguimos falar com a estação INMARSAT reserva que tinha sido embarcada para Windhoek. Eu fui um dos últimos a entrar, e com a aeronave já rolando na pista para decolagem, vi, pela porta traseira que estava fechando, a viatura com soldados da UNITA vindo para o aeroporto. O C130 decolou. Eu sentei sobre a porta traseira que acabara de fechar e ficamos em um silêncio profundo. Todos tinham medo de que os soldados atirassem no avião, e eles tinham morteiros. Depois de um tempo, quando já tínhamos certeza de que não haveria mais tiros, foi uma gritaria danada no avião. Uns riam, outros choravam, outros se abraçavam. De repente, vindo não sei de onde, surgiu uma garrafa de uísque na minha mão. Foi pelo gargalo mesmo. Tomei uns goles caprichados. Aí apaguei. Já estava há três noites sem dormir, sem banho e sem me alimentar direito. Acordei com o avião pousando em Windhoek. Saí do C 130, caminhei uns 100 metros e embarquei num DC10 da VASP. Levaram-me direto para uma poltrona na primeira classe, recebi um lanche da comissária comi e dormi antes mesmo do avião decolar. Acordei no aeroporto do Galeão com um Diretor da Odebrecht na porta do DC 10 dando as boas-vindas aos colaboradores.

E as malas? Bem as malas ficaram!

Entre eu e as malas que se f..... as malas, valem menos do eu!

Adaptação de ditado de trecheiro.



### **Bonfim**

Não sei porque, antes do nosso embarque no último voo de Luzamba (Hércules da FAB), que já se aproximava da pista, surgiu repentinamente, o camarada Fernando, conduzindo uma das ambulâncias do Projeto, (a que restou, porque a outra, ficou acidentada e

destruída ao tombar na saída do nosso canteiro, quando conduzida por um dos agentes da Unita), após dar um ligeiro cavalo de pau, diz o seguinte, e em voz alta: Bomfim onde está a sua bagagem?

“ **Calado**

Ela está identificada? Respondi que sim, e que estava junto com as demais no caminhão, salvo engano, no basculante. Ele saiu, em seguida retornou e, em uma manobra rápida, quase sem parar, arremessou as duas malas ao chão. E, assim, tive a oportunidade de apanhá-las, tudo em poucos minutos, porque o grupo já iniciara o deslocamento para o ponto de embarque, com o Hércules já taxiando. Fiquei com aquela situação na cabeça, por muito tempo.

Já fora de Luzamba.

“ **Calado**

Cheguei ao Brasil dia 2/11/1992 fui o penúltimo voo. Primeiro voo da FAB, se a memória não falha..., já saindo direto pra Windoek, e fomos recebidos por Alexandre Moreira que estava lá..., fomos alocados em avião da Vasp, que nem água tinha para nos dar. A tripulação com semblante cansado.

“ **Johan**

Até hoje sinto os mesmos arrepios quando aquele voo finalmente levantou da cabeceira Bala Bala. Decolagem com potência total John, o comandante do Hércules da Transafrik sabia do sobre peso. Utilizou a pista inteira, mergulhou um pouco para pegar mais velocidade, e lá se foi para Luanda.

Na comissão de recepção em Windoek o Rangel que viera de Johannesbugo, o Alexandre Moreira que regressara do Brasil, Johan, o Embaixador na Namíbia Mario Santos e outros membros da diplomacia.

“ **Alexandre Moreira**

Estávamos preparados para voltar a Luzamba quando o nosso canteiro foi invadido, me preparava para voar para Brazzaville no Congo pois tudo estava planejado para sairmos por lá, mas na hora H o governo do Congo roeu a corda e tudo teve que mudar para Brazzaville. Eu e o embaixador brasileiro na Namíbia batendo nas portas das casas das autoridades para conseguir todas as permissões para nossos aviões pousarem. Fiquei 3 dias e 2 noites sem dormir.

“ **Calado**

Dia 2 de Novembro 1992 – Penúltimo Vôo  
Amanhecendo o dia e todos se arrumando para partir, descemos para o aeroporto ainda escuro, a Unita sempre presente, um frio de lascar, contudo se eu não lembro, Carriello improvisou “poncho” com cobertores e o buraco no meio para entrar. O avião Hércules da FAB, aparece no horizonte e alegria é imensa, mas não poderia ser externada, o pouso tranquilo, bem agora vamos embarcar, embarcar? Qual é o mané de embarcar? Pensei comigo mesmo.... puta que pariu, se Maria Preá já tava fudida, coitada dela, agora deve

estar arreçada. A Uunita começou a ensebar que o vôo tinha armas, não encontraram, então começaram a inventar que estavam transportando / trazendo armas para o governo...., e naquele “mangue retado”, como diz o baiano, com muita conversa a aeronave foi liberada. Não lembro a quantidade pessoas, mas com certeza não eram poucas, todos em pé, quem teve a sorte de entrar primeiro, se segurou nas laterais, quem entrou por último, segurava-se nos companheiros, compartimento de carga fechado, taxiou, decolou. Acredito que uns 5/10 minutos de vôo, todo mundo serio e numa tensão “retada” e pra completar vem o anuncio do piloto: “comunicamos a todos que voaremos em baixa altitude, dentro de um país que esta em guerra, e tudo pode acontecer para sermos atingidos”, coitada de Maria Preá. Uma tensão imensa dentro do avião, todos em pé, sem lugar nem pra se coçar (um pouco de exagero né), meus amigos, só lembro quando piloto anunciou que havíamos cruzado a fronteira (região do caprivi), foi pulo pra todo lado, abraço e muita alegria. Chegamos Windoek, e lá estava Alexandre Moreira para nos recepcionar, chegamos até o saguão do aeroporto e retorno para embarque imediato em avião da Vasp. Quando entre na aeronave, lembro bem deste detalhe, olhei o semblante das aeromoças, estavam com aquele ar de cansaço..., pedi uma agua, e uma delas com a maior tristeza em sua face me respondeu, “vou ficar te devendo, não temos nada a bordo, este é o 3/4/5 vôo que estamos realizando pra vocês. Neste vôo, estava Renato Baiardi. No aeroporto estavam várias pessoas nos aguardando, mas lembro bem da Dra. Viviane nos dando um telefone para sentisse alguns sintomas de malária. Ironia do destino, chegamos ao Brasil no dia de finados.

Muito alívio, porém o desembarque não foi tranquilo, muitos estavam sem os passaportes e as autoridades locais não queriam permitir a entrada destes no País. Decidiu-se esperar os expatriados - a maioria de colaboradores do Projeto Capanda - que estavam vindo de Brazzaville; vinham em outro VASP e seguiriam para o Rio de Janeiro. Insones acomodaram se pelos cantos.



### **Bonfim**

Em menos de 12 horas, tivemos a orientação e oportunidade de retornar, diretamente para Luanda, ainda em confrontos na capital. Gerou-se um impasse e ligeiro mal-estar no seio dos efetivos da segurança. Ao fim, a decisão tomada foi embarcar para o Brasil e aqueles que se manifestassem de acordo, retornariam na primeira oportunidade. E assim, retornei no primeiro grupo para Luanda. Vi a família e nem deu tempo de desarrumar a bagagem (\*). Embarcamos de volta na mesma semana porque havia a necessidade de pessoal da segurança para cuidar das instalações, a partir de Luanda. Passados quase 7 anos, vivendo em Luanda, passando por Capanda, Malanje, e outras Províncias, eis que surge o momento tão sonhado e por mim esperado. Retornar a região do Cuango, para rever tudo o que havia ficado para traz. E assim aconteceu, quando do primeiro grupo com menos de 10 pessoas, que daria início a uma nova fase do Projeto Luzamba.

Com os últimos companheiros deixando Luzamba a equipe em prontidão no Aeroporto de Luanda já não era mais necessária. As tropas do Governo detinham o controle total de Luanda.

## Brasileiros voltam feridos de Angola

Um vôo da Varig, proveniente de Windhoek, na Namíbia, trouxe ontem de volta ao Brasil mais 226 funcionários da mina de diamantes da construtora Norberto Odebrecht. A empresa declarou que todos saíram ileso dos ataques de guerrilheiros da União Nacional pela Libertação Total de Angola (Unita), mas dois brasileiros chegaram feridos e em cadeiras de rodas: Marcelo Barbosa e Heraldo Severiano, além do nepalês Dharmasad Gurung. Quase à mesma hora, num vôo da Vasp, proveniente de Brazzaville, no Congo, chegaram mais 250 pessoas. As que ainda permanecem na região deverão chegar ainda hoje.



PÁGINA 3

Janice recebeu Gilberto Canha com abraços e beijos

Voltariam pelo caminho usual da estrada do Rocha Pinto; no final da tarde do dia 2 de novembro de 1992. Em comboio, com seus veículos, em baixa velocidade, puderam “ouvir” o silêncio, ver muitos corpos semiqueimados envoltos por pneus e puderam sentir cheiro de borracha queimada.



# Depois de Tudo

Fomos interrompidos antes de terminar...

Demos de tudo e, talvez, esperávamos demais.

No fim o recomeço; cada um em seu novo caminho.

Lembranças cuidadosamente guardadas: vividas e sentidas.

E foram muitas, de dramáticas inesquecíveis, até as - não menos esquecidas - divertidas.

Fomos fazer acontecer e fizemos.

O registro aí está. Lavrado, de papel passado!

Que sirva para passar adiante para aqueles que não “viveram” o Luzamba.

Que sirva para passar aos sucessores dos companheiros que passaram.

Finalizando com a oportuna “dica” do nosso decano Victor “Pessoa” Motta:

*Depois de Tudo*

*De tudo ficam três coisas:*

*A certeza de que estamos sempre a começar...*

*A certeza de que é preciso continuar...*

*A certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar.*

*Por isso devemos:*

*Fazer da interrupção um novo caminho...*

*Da queda, um passo de dança...*

*Do medo, uma escada...*

*Do sonho, uma ponte...*

*Da procura, um encontro.*

**Fernando Pessoa**

**Foi mesmo isso meus Kambas!**



